

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS**

GEISE FREITAS DE OLIVEIRA

**A MONOTONGAÇÃO DOS DITONGOS ORAIS DECRESCENTES NO FALAR
MANAUARA**

**MANAUS
2021**

GEISE FREITAS DE OLIVEIRA

**A MONOTONGAÇÃO DOS DITONGOS ORAIS DECRESCENTES NO FALAR
MANAUARA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo.

**MANAUS
2021**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

O48m Oliveira, Geise Freitas de
A monotongação dos ditongos orais decrescentes no falar manauara / Geise Freitas de Oliveira. 2021
123 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Orlando da Silva Azevedo
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Sociolinguística. 2. Variação. 3. Ditongo. 4. Monotongação.
I. Azevedo, Orlando da Silva. II. Universidade Federal do Amazonas
III. Título

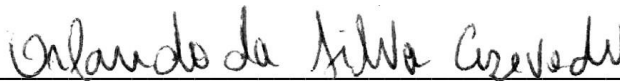
GEISE FREITAS DE OLIVEIRA

**A MONOTONGAÇÃO DOS DITONGOS ORAIS DECRESCENTES NO FALAR
MANAUARA**

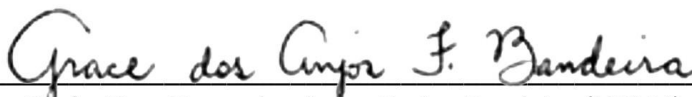
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos da Linguagem.

Aprovada em 31 de maio de 2021.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo (UFAM)



Profa. Dra. Grace dos Anjos Freire Bandeira (UFAM)



Documento assinado digitalmente

Felício Wessling Margotti

Data: 03/06/2021 08:37:14-0300

CPF: 096.032.129-20

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti (UFSC)

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo apoio e incentivo;

Ao meu orientador pelo constante acompanhamento;

Aos membros da banca examinadora pelas contribuições para a melhoria deste trabalho;

À Universidade Federal do Amazonas por me possibilitar progredir na vida acadêmica;

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pelo apoio financeiro;

Aos informantes pela disponibilidade em participar desta pesquisa em meio a um momento sombrio de nossas vidas;

Aos amigos que fiz durante minha jornada no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas;

A todos que contribuíram de alguma forma para a concretização desta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar a ocorrência do fenômeno fonético-fonológico da monotongação dos ditongos orais decrescentes /aj/, /ej/ e /ow/ no falar manauara de acordo com a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Nesta pesquisa, de base empírica, os dados foram obtidos por meio de diferentes instrumentos de coleta de dados para a captação de diferentes registros de fala: entrevista sociolinguística, aplicação de questionário fonético-fonológico e leitura de textos. Para a composição da amostra, foram entrevistados 16 informantes da zona urbana de Manaus. Para entender o fenômeno variável em estudo, foram controladas as variáveis independentes linguísticas: *contexto seguinte*, *tonicidade*, *posição na palavra* e *classe gramatical*; e as variáveis independentes extralinguísticas: *sexo*, *faixa etária*, *escolaridade*, *localização de moradia* e *tipo de coleta*. Ao todo, foram transcritos 4.936 dados, que após a exclusão de casos categóricos e duvidosos, 3.898 permaneceram, sendo 552 da variável /aj/, 1.597 da variável /ej/ e 1.749 da variável /ow/. Os dados de cada variável foram submetidos a análises estatísticas separadas pelo programa *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) para verificar a influência dos grupos de fatores sobre o fenômeno investigado. Para /aj/, 101 ocorrências foram da variante [a], que corresponde a 18,3%, e 451 foram da variante [aj], que corresponde a 81,7% dos dados. Para /ej/, 807 dados foram da variante [e], correspondendo a 50,5% de frequência, e 790 foram da variante [ej], correspondendo a 49,5%. Para /ow/, 1.143 ocorrências foram da variante [o], que equivale a 65,4% dos dados, e 606 foram da variante [ow], que equivale a 34,6%. Os resultados gerais mostraram que para /aj/, a monotongação é bem reduzida na fala manauara; para /ej/, a redução do ditongo é mais abrangente, mas está em variação equilibrada com a manutenção do ditongo; já para /ow/, a monotongação ocorre de forma mais geral, atingindo a maior frequência de uso da variante reduzida dentre os ditongos analisados.

Palavras-chave: Sociolinguística; variação; ditongo; monotongação.

ABSTRACT

This research had as purpose to analyze the occurrence of the phonetic-phonological phenomenon of the monophthongization of falling oral diphthongs /aj/, /ej/ and /ow/ in manauara speech according of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). In this empirical research, data were obtained using different data collection instruments to capture different speech records: sociolinguistic interview, application of a phonetic-phonological questionnaire and reading of texts. For sample composition, 16 informants from the urban area of Manaus were interviewed. In order to understand the variable phenomenon under study, the linguistic independent variables were controlled: *following context, stress, position in the word and grammatical class*; and the extralinguistic independent variables: *sex, age group, schooling, housing location and type of data collection*. A total of 4.936 data were transcribed, which after excluding categorical and doubtful cases, 3.898 remained, 552 of the variable /aj/, 1.597 of the variable /ej/ and 1.749 of the variable /ow/. The data for each variable were submitted to statistical analysis separated by the GoldVarb X program (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) to verify the influence of groups of factors on the researched phenomenon. For /aj/, 101 occurrences were of the variant [a], which corresponds to 18.3%, and 451 were of the variant [aj], which corresponds to 81.7% of the data. For /ej/, 807 data were of the variant [e], corresponding to 50.5% of frequency, and 790 were of the variant [ej], corresponding to 49.5%. For /ow/, 1.143 occurrences were of the variant [o], which is equivalent to 65.4% of the data, and 606 were of the variant [ow], which is equivalent to 34.6%. The general results showed that for /aj/, monophthongization is very reduced in manauara speech; for /ej/, diphthong reduction is bigger, but it is in balanced variation with the maintenance of the diphthong; for /ow/, monophthongization occurs more generally, reaching the highest frequency of use of the reduced variant among the diphthongs analyzed.

Keywords: Sociolinguistics; variation; diphthong; monophthongization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estilos contextuais	35
Figura 2 - Árvore de decisão	36
Figura 3 - Mapa das Zonas Urbanas de Manaus	75

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Princípios gerais da Teoria da Variação e Mudança	25
Quadro 2 - Estudos empíricos no Brasil	43
Quadro 3 - Distribuição dos informantes	64
Quadro 4 - Bairros e Zonas de Manaus	75
Quadro 5 - Variáveis controladas	79
Quadro 6 - Síntese da frequência geral de cada variável.....	110

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Frequência geral da realização variável do ditongo /aj/	81
Tabela 2 - Frequência e probabilidade da variante [a] conforme o <i>contexto seguinte</i>	83
Tabela 3 - Frequência e probabilidade da variante [a] conforme a <i>posição na palavra</i>	84
Tabela 4 - Frequência e probabilidade da variante [a] conforme o <i>tipo de coleta</i>	84
Tabela 5 - Frequência e probabilidade da variante [a] conforme a <i>escolaridade</i>	85
Tabela 6 - Frequência da variante [a] conforme o <i>sexo</i>	86
Tabela 7 - Frequência da variante [a] conforme a <i>classe gramatical</i>	87
Tabela 8 - Frequência da variante [a] conforme a <i>localização de moradia</i>	87
Tabela 9 - Frequência da variante [a] conforme a <i>faixa etária</i>	88
Tabela 10 - Frequência da variante [a] conforme a <i>tonicidade</i>	89
Tabela 11 - Frequência geral da realização variável do ditongo /ej/	90
Tabela 12 - Frequência e probabilidade da variante [e] conforme o <i>contexto seguinte</i>	91
Tabela 13 - Frequência e probabilidade da variante [e] conforme a <i>classe gramatical</i>	92
Tabela 14 - Frequência e probabilidade da variante [e] conforme a <i>posição na palavra</i>	93
Tabela 15 - Frequência e probabilidade da variante [e] conforme o <i>tipo de coleta</i>	94
Tabela 16 - Frequência e probabilidade da variante [e] conforme a <i>escolaridade</i>	95
Tabela 17 - Frequência e probabilidade da variante [e] conforme o <i>sexo</i>	96
Tabela 18 - Frequência e probabilidade da variante [e] conforme a <i>faixa etária</i>	96
Tabela 19 - Correlação entre as variáveis <i>sexo</i> e <i>faixa etária</i> para a variante [e]	97
Tabela 20 - Frequência da variante [e] conforme a <i>localização de moradia</i>	98
Tabela 21 - Frequência da variante [e] conforme a <i>tonicidade</i>	98
Tabela 22 - Frequência geral da realização variável do ditongo /ow/	100
Tabela 23 - Frequência e probabilidade da variante [o] conforme a <i>tonicidade</i>	101
Tabela 24 - Frequência e probabilidade da variante [o] conforme o <i>contexto seguinte</i>	102
Tabela 25 - Frequência e probabilidade da variante [o] conforme a <i>classe gramatical</i>	104
Tabela 26 - Frequência e probabilidade da variante [o] conforme o <i>tipo de coleta</i>	104
Tabela 27 - Frequência e probabilidade da variante [o] conforme a <i>escolaridade</i>	105
Tabela 28 - Frequência e probabilidade da variante [o] conforme a <i>localização de moradia</i>	106
Tabela 29 - Frequência e probabilidade da variante [o] conforme o <i>sexo</i>	107
Tabela 30 - Frequência e probabilidade da variante [o] conforme a <i>faixa etária</i>	108
Tabela 31 - Correlação entre as variáveis <i>sexo</i> e <i>faixa etária</i> para a variante [o]	108
Tabela 32 - Frequência da variante [o] conforme a <i>posição na palavra</i>	109

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 PANORAMA DA CIDADE DE MANAUS	16
1.1 Aspectos históricos: de Forte à capital do Amazonas	16
1.2 Aspectos socioeconômicos: a industrialização na selva	18
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	20
2.1 A Sociolinguística Variacionista	20
2.1.1 Caminhos para a concepção social da língua	20
2.1.2 A língua como um sistema heterogêneo e ordenado	22
2.1.3 Uma nova abordagem para o estudo dos fenômenos linguísticos.....	25
2.1.4 A noção de comunidade de fala	28
2.1.5 Premissas metodológicas da Sociolinguística Variacionista.....	31
2.1.6 O tratamento quantitativo da Sociolinguística	32
2.1.7 O eixo estilístico da variação sob a perspectiva laboviana	33
2.2 Os ditongos e o fenômeno da monotongação no Português do Brasil	37
2.3 Pesquisas sobre a monotongação dos ditongos decrescentes no Brasil	42
2.4 A monotongação dos ditongos decrescentes no Amazonas	49
2.5 Pesquisas com foco na variação estilística	51
2.6 A norma e a variação linguística	54
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	61
3.1 A metodologia da pesquisa sociolinguística	61
3.1.1 O contexto da pesquisa e o perfil dos informantes.....	63
3.1.2 Instrumentos de geração de dados: os tipos de coleta	65
3.1.3 Procedimentos de geração de dados: as entrevistas	67
3.1.4 Procedimentos de análise de dados: o tratamento quantitativo	68
3.2 As variáveis controladas na pesquisa	69
3.2.1 Variáveis dependentes	69
3.2.2 Variáveis independentes.....	69
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	81
4.1 Ditongo /aj/	81
4.1.1 Grupos de fatores selecionados	82
4.1.1.1 Variáveis independentes linguísticas.....	82
4.1.1.2 Variáveis independentes extralinguísticas.....	84

4.1.2	Grupos de fatores não selecionados	86
4.2	Ditongo /ej/	89
4.2.1	Grupos de fatores selecionados	90
4.2.1.1	Variáveis independentes linguísticas.....	90
4.2.1.2	Variáveis independentes extralinguísticas.....	93
4.2.2	Grupos de fatores não selecionados	97
4.3	Ditongo /ow/	99
4.3.1	Grupos de fatores selecionados	100
4.3.1.1	Variáveis independentes linguísticas.....	101
4.3.1.2	Variáveis independentes extralinguísticas.....	104
4.3.2	Grupos de fatores não selecionados	109
4.4	A norma de uso da comunidade de fala manauara	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		111
REFERÊNCIAS.....		117
ANEXO A - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA		121

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, de cunho sociolinguístico na perspectiva variacionista (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), abordamos o fenômeno da variação linguística em nível fonético-fonológico, a saber, mais especificamente, sobre: *a monotongação dos ditongos orais decrescentes no falar manauara*.

É sabido que as línguas naturais são vivas e dinâmicas, por isso variam no espaço e no tempo. Em uma mesma comunidade, por exemplo, podemos falar de maneiras diferentes e, ainda assim, somos capazes de nos entender. Isso acontece porque as línguas possuem uma heterogeneidade ordenada, em que é possível produzir formas distintas para dizer a “mesma coisa”. Dizer que há formas diferentes de falar é dizer que a língua varia. A variação linguística, “[...] o processo pelo qual duas formas [ou mais] podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional [...]” (COELHO *et al.*, 2018, p. 16), é, portanto, um fenômeno comum e natural de uma língua e pode ser influenciada por fatores internos, ou linguísticos, como a ordem dos constituintes em uma sentença, a classe das palavras envolvidas no fenômeno em variação, aspectos semânticos, contexto fonológico, por exemplo; e por fatores externos, ou extralinguísticos, como idade, sexo do falante, grau de escolaridade, local de nascimento, entre outros grupos de fatores que podem ser sociais, geográficos ou estilísticos.

Cabe à Sociolinguística e à Dialetoлогия o estudo e a compreensão da variação e da mudança linguística com ênfase nas regras variáveis que permitem que em certos contextos falemos de uma forma, e em outros contextos, de outra forma (COELHO *et al.*, 2018; RADTKE; THUN, 1996).

O estudo sobre o fenômeno da variação linguística ganhou grande destaque nos anos de 1960 com as pesquisas pioneiras de William Labov (LABOV, 2008 [1972]) sobre variáveis fonológicas do inglês americano, em que estudou a centralização da primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha’s Vineyard e as realizações fonéticas do /r/ pós-vocálico em Nova York. Os resultados dessas duas pesquisas comprovaram que fatores de ordem social podem influenciar na escolha das variantes linguísticas.

Um caso de variação linguística no nível fonético-fonológico que ocorre no português do Brasil é a realização variável dos ditongos orais decrescentes /aj/, /ej/ e /ow/, em posição tônica ou átona, que podem ser mantidos como [aj], [ej] e [ow], como em ‘caixa’, ‘peixe’ e ‘couve’, ou podem ser reduzidos a um único segmento e se realizar como [a], [e] e [o], como em ‘caxa’, ‘pexe’ e ‘cove’. O fenômeno em que alguns ditongos podem ser reduzidos a uma

vogal simples, cujo segmento de menor proeminência acentual, chamado na literatura de *glide* ou semivogal, não se manifesta foneticamente, é chamado de monotongação. (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2019; SILVA, 2014).

A redução de ditongos não ocorre de forma livre, mas existem contextos estruturais específicos que favorecem a redução de determinados ditongos. Nos casos dos ditongos /aj/ e /ej/, o segmento posterior é um forte condicionador linguístico que pode favorecer a monotongação. Já para o ditongo /ow/, a monotongação tende a ocorrer independente de qualquer condicionador interno. (LOPES, 2002; SILVA, 2014).

No Brasil, muitos trabalhos já abordaram a redução dos ditongos orais decrescentes, como é o caso das pesquisas de Veado (1983), Cabreira (1996, 2000), Lopes (2002), Amaral (2005), Carvalho (2007), dentre outros estudos feitos a partir da observação empírica de dados de fala. No Amazonas, no entanto, poucas pesquisas abordaram esse fenômeno variável. Destacam-se os estudos dialetológicos de Cruz (2004) e de Justiniano (2012), e o estudo com análise de dados de escrita de Silva (2017).

Devido à escassez de pesquisas sobre a redução dos ditongos no Amazonas na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, e com o intuito de fazer um levantamento da ocorrência da monotongação no âmbito regional, se fez necessário um estudo aprofundado sobre esse fenômeno para então identificar os condicionadores que contribuem para a redução dos ditongos orais decrescentes /aj/, /ej/ e /ow/, e assim comparar, se possível, o comportamento desse fenômeno variável com outras pesquisas já realizadas em diferentes regiões do Brasil.

Para este estudo, a localidade escolhida para a investigação e descrição linguística foi a cidade de Manaus, capital do Amazonas. Manaus, que nasceu como uma pequena povoação no período colonial, não demorou a se tornar uma cidade moderna e desenvolvida à custa das riquezas da região, sobretudo em virtude do apogeu do Ciclo da Borracha e, mais tarde, em razão da implantação da Zona Franca de Manaus. A urbanização e o progresso rápido vieram acompanhados de inúmeros problemas sociais como o crescimento de favelas e a falta de empregos. Hoje, Manaus é uma grande metrópole, porém pouco explorada do ponto de vista da descrição linguística, se comparada a outras capitais do Brasil.

Com o intuito de compreender esse fenômeno em variação, o objetivo geral deste projeto é:

- Analisar a ocorrência do fenômeno fonológico da monotongação dos ditongos orais decrescentes /aj/, /ej/ e /ow/ no falar manauara sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

Para atingir esse propósito, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- Descrever as realizações fonéticas dos ditongos /aj/, /ej/ e /ow/ na fala manauara, como [aj], [ej] e [ow], caracterizando a manutenção, ou como [a], [e] e [o], caracterizando a monotongação;
- Identificar os condicionadores linguísticos e extralinguísticos que podem influenciar a monotongação dos ditongos em estudo;
- Investigar se as realizações variáveis dos ditongos investigados estão sujeitas a alternâncias estilísticas;
- Estabelecer a norma de uso da comunidade linguística manauara em relação às realizações dos ditongos /aj/, /ej/ e /ow/.

Nossas hipóteses gerais para o desenvolvimento da pesquisa surgiram dos seguintes questionamentos:

- Como os ditongos /aj/, /ej/ e /ow/ são realizados na comunidade de fala manauara?

Estudos como o de Veado (1983) em Belo Horizonte, Lopes (2002) no Pará e Amaral (2005) no Rio Grande do Sul apontam que para os ditongos /ej/ e /ow/, a forma reduzida foi a mais produtiva nas localidades estudadas. Em alguns estudos, como no de Lopes (2002), a monotongação para [o] foi quase categórica, pois a forma reduzida atingiu mais de 90% das ocorrências. Já a pesquisa de Cruz (2004) mostra que a manutenção dos ditongos [ej] e [ow] ainda é bastante produtiva nos falares amazonenses, ocorrendo em cerca de metade dos dados analisados, estando, portanto, em variação equilibrada com a monotongação. Para /aj/, não tivemos muitos parâmetros de comparação, já que apenas Pereira (2004) investigou a realização de /aj/, em que a forma monotongada ocorreu em 100% dos dados. Por se tratar de um fenômeno que supostamente não apresenta avaliação social negativa, esperamos que os moradores da comunidade de fala manauara utilizem mais a forma em que os ditongos são reduzidos, conforme os resultados de estudos realizados em outras regiões do Brasil.

- Quais os condicionadores que favorecem a redução dos ditongos investigados no falar manauara?

Estudos variacionistas têm confirmado que os condicionadores linguísticos são os maiores favorecedores para a regra de redução dos ditongos orais decrescentes (LOPES, 2002; AMARAL, 2005; CARVALHO, 2007). Por isso, acreditamos que as variáveis independentes linguísticas sejam, nesta pesquisa, as primeiras selecionadas como relevantes pelo programa estatístico.

Em se tratando de fatores extralinguísticos, de modo geral, estudos variacionistas como o de Carvalho (2007) têm mostrado que, embora algumas dessas variáveis sejam selecionadas pelo programa estatístico, elas não mostram ter grande peso na redução dos ditongos, pois em sua maioria, os resultados ficam próximo da neutralidade. Por isso, acreditamos que grupos de fatores extralinguísticos, sejam eles sociais, geográficos ou estilísticos, tenham pouca influência na redução dos ditongos.

Além das hipóteses gerais acerca da influência dos condicionadores para a realização da variante reduzida de cada ditongo em estudo, levantamos hipóteses para cada variável independente controlada para análise do fenômeno em estudo, e que já mostraram ter efeito em pesquisas realizadas em outras regiões do Brasil. No nível linguístico, controlamos as variáveis independentes: ‘contexto seguinte’, ‘tonicidade’, ‘posição na palavra’ e ‘classe gramatical’. No nível extralinguístico, controlamos: ‘sexo’, ‘faixa etária’, ‘escolaridade’, ‘localização de moradia’ e ‘tipo de coleta’. O detalhamento das variáveis controladas na pesquisa e as hipóteses levantadas para cada uma são descritas na seção 3.2.

Quanto à estrutura do trabalho, o primeiro capítulo apresenta os aspectos históricos e socioeconômicos da localidade em estudo, a cidade de Manaus (AM). O segundo capítulo retrata as questões teórico-metodológicas acerca da Sociolinguística Variacionista, descreve os ditongos decrescentes e o fenômeno da monotongação no Português do Brasil, apresenta estudos empíricos sobre o fenômeno da monotongação no Brasil e no Amazonas com seus principais resultados, e também as pesquisas com foco na variação estilística, além de reflexões sobre a norma nos estudos linguísticos. O terceiro capítulo discorre sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa e está dividido em duas grandes seções: a metodologia da pesquisa sociolinguística, em que apresentamos o contexto da pesquisa e o perfil dos informantes, os instrumentos de geração de dados, os procedimentos de geração de dados e o suporte quantitativo para a análise dos dados; e as variáveis controladas na pesquisa, em que caracterizamos as variáveis e levantamos hipóteses para cada variável independente controlada. O quarto capítulo apresenta a descrição e análise dos resultados obtidos para cada ditongo investigado, como os grupos de fatores selecionados e não selecionados como relevantes para o fenômeno da monotongação. E, por fim, são feitas as considerações finais acerca do comportamento do fenômeno variável em estudo na comunidade de fala manauara, assim como a síntese dos resultados.

1 PANORAMA DA CIDADE DE MANAUS

Este capítulo apresenta a localidade investigada, a cidade de Manaus (AM). Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico contemplando aspectos históricos e socioeconômicos da capital amazonense. Os dados apresentados foram retirados de Figueiredo (2011), Pontes Filho (2000) e Santos (2010), além de portais de instituições governamentais como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA).

1.1 Aspectos históricos: de Forte à capital do Amazonas

A cidade hoje conhecida como Manaus nasceu no período colonial como uma pequena povoação, localizada à margem esquerda do Rio Negro, que foi crescendo e ganhando destaque no cenário amazônico até se tornar a capital do Amazonas.

De acordo com o historiador Pontes Filho (2000), as origens de Manaus remontam à fundação do Forte São José do Rio Negro, em 1669, destinado a combater os invasores holandeses. Ao redor do forte, surgiu um povoado chamado de Lugar da Barra. Mais tarde, em 13 de março de 1755, por meio de Carta Régia, a antiga missão de Mariuá foi escolhida como capital, passando a se chamar Vila de Barcelos. Posteriormente, a sede da capitania foi transferida para o Lugar da Barra, que passou à categoria de Vila em 1832. Em 24 de outubro de 1848, a Vila da Barra recebeu o título de Cidade da Barra de São José do Rio Negro. Após a elevação da Comarca à categoria de Província, em 1850, a Cidade da Barra passou a se chamar Cidade de Manaus em 04 de setembro de 1856, em homenagem aos índios Manáos que habitaram essa região. Com o advento da República, Manaus tornou-se a capital do Amazonas.

Com o crescimento da economia gomífera na região na década de 1870, Manaus passou por um período de grande expansão e desenvolvimento urbano até por volta de 1913, quando o período áureo da borracha se encerrou em razão da perda do mercado mundial para a borracha asiática. Nos seus anos de ouro, Manaus ergueu diversas construções monumentais que hoje fazem parte do patrimônio histórico e cultural da cidade, como: Igreja de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Amazonas, conhecida como igreja da Matriz, inaugurada em 1856; Mercado Adolpho Lisboa, inaugurado em 1883, que é uma cópia em miniatura do extinto mercado *Le Halle*, de Paris; Palácio da Justiça, construído a partir de 1884, na administração de Eduardo Ribeiro; Teatro Amazonas, inaugurado em 1896, construído em

estilo neoclássico, inteiramente importado da Europa; Palácio Rio Negro, construído em 1903 em estilo neobarroco e posteriormente vendido ao governo do Amazonas, em 1918, que o adotou como sede até 1995; Alfândega, inaugurada em 1906, construída com blocos importados de Liverpool, Inglaterra. (PONTES FILHO, 2000).

Em um período de grande desenvolvimento econômico e urbano em decorrência da exportação da borracha, Manaus se transformou em uma cidade moderna e cosmopolita, chegando a ser chamada de “Paris dos Trópicos” em virtude do “progresso” e da grande influência das tendências europeias no modo de viver da nova elite manauara.

Segundo Santos (2010), no final da década de 1890, Manaus possuía um dos primeiros sistemas de bondes movidos à eletricidade da América Latina, gás e água encanados, iluminação pública elétrica, porto artificial, além do famoso Teatro Amazonas, construído quase que exclusivamente com materiais importados. Manaus tornou-se um grande centro urbano que oferecia todas as comodidades da vida moderna aos seus habitantes de classe média e alta, graças aos investimentos proporcionados pelo capital das atividades extrativistas na região, especialmente a economia da borracha. Com o aumento das exportações e a elevação dos preços dos produtos exportados, sobretudo da goma elástica, as condições financeiras do Estado proporcionaram a modernização e adaptação da cidade às exigências econômicas e sociais da época da borracha, tornando-se uma cidade desenvolvida e atraente para aqueles que a visitavam a negócios. Além de seus prédios monumentais, surgiram estabelecimentos com os nomes estrangeiros como *Louvre*, *Au bom marche*, *A la ville de Paris*, além de algumas residências majestosas, vilas, palacetes decorados com artigos europeus para que a cidade servisse com eficiência aos seus novos donos e aos visitantes.

Com o fim do ciclo da borracha e o declínio da economia gomífera, que aumentou o desemprego e fez com que os, até então, eficientes serviços públicos entrassem em decadência, Manaus passou por um período de estagnação que se encerrou na década de 1970 quando a cidade voltou ao cenário mundial com a implantação da Zona Franca de Manaus, modelo de desenvolvimento econômico implantado pelo governo brasileiro objetivando viabilizar uma base econômica na região por meio da implantação de indústrias em troca de incentivos fiscais, e que hoje é uma das principais fontes de emprego e renda para a população manauara. Além disso, Manaus conta com outras atividades para sustentar sua economia, baseada no setor de comércio, serviços, transporte, turismo local, dentre outros.

Como referência para as comemorações do aniversário da cidade, utiliza-se o dia e o mês em que Manaus se tornou cidade oficialmente, 24 de outubro, e o ano em que possivelmente foi construído o Forte de São José da Barra, em 1669.

1.2 Aspectos socioeconômicos: a industrialização na selva

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a média salarial mensal do trabalhador manauara, em 2018, era de 3.2 salários mínimos, sendo que apenas 23,7% da população possuía alguma ocupação. Uma parcela de 37,9% da população tinha rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa. (IBGE, 2017a).

Grande parte da renda da população é proveniente de atividades em empresas instaladas no Polo Industrial de Manaus que, segundo a SUFRAMA, geram mais de meio milhão de empregos, entre diretos e indiretos. (BRASIL, 2020).

Conforme Figueiredo (2011, p. 154), a Zona Franca de Manaus foi criada em 1967 “[...] com a finalidade de atrair investimentos externos e promover o desenvolvimento regional, garantindo, sobretudo, a soberania brasileira na área ameaçada por perturbações revolucionárias nas regiões de fronteira.” O autor afirma que este modelo de desenvolvimento foi baseado em modelos asiáticos com a implantação de indústrias de montagem de produtos semiacabados que, em sua maioria, são fabricados em suas matrizes e em Manaus recebem o acabamento para então seguirem para os mercados nacionais e internacionais. Acerca da essência do projeto Zona Franca, Figueiredo (2011) destaca três fatores: legislação fiscal excepcional, em que as empresas têm isenção total ou parcial dos tributos, ou restituição deles; mão de obra barata e semiqualficada dos trabalhadores; e, necessidade de suprir o mercado interno de bens de consumo duráveis. O historiador afirma que, embora a instalação de filiais de grandes empresas multinacionais no Polo Industrial gere muitos empregos na região, o retorno econômico desse projeto é pequeno, e os salários pagos aos trabalhadores das linhas de produção são bem menores se comparados às mesmas categorias nos países onde estão localizadas as matrizes das fábricas.

Com a criação da Zona Franca de Manaus, doravante ZFM, as primeiras indústrias começaram a se implantar no início da década de 1970, grande parte delas no Distrito Industrial. As vantagens fiscais do modelo atraíram perto de 500 fábricas de diferentes segmentos, principalmente no setor de eletroeletrônicos, relógios e veículos de duas rodas. Além das grandes indústrias, surgiram outros segmentos econômicos para suprir as novas necessidades de uma cidade industrial, como hotéis, empresas de segurança, de transportes especiais, de manutenção industrial, de alimentos, de recrutamento de pessoal, de serviços bancários, além do aquecimento do setor imobiliário e da construção civil para comportar as empresas que aqui se instalavam. Em 1986, a ZFM alcançou a marca de 80 mil trabalhadores diretos. (FIGUEIREDO, 2011, p. 154-155).

Atualmente, o sentido clássico do modelo Zona Franca vem sendo mudado gradativamente de forma a se adaptar aos novos cenários econômicos. Dentre as características vigentes do modelo, destacam-se, segundo a SUFRAMA: prazo de vigência até 2023, por meio da Emenda Constitucional n.º 42, de 19 de dezembro de 2003; esforço para ampliar a inserção internacional do modelo, sobretudo por meio de missões comerciais, participação em acordos de comércio exterior e realização de eventos de promoção comercial; busca pelo aumento das exportações e maior equilíbrio da balança comercial; fomento do adensamento tecnológico do parque industrial, por meio de investimentos em institutos de pesquisa regionais; ampliação dos investimentos da SUFRAMA em projetos de modernização produtiva e infraestrutural nos municípios da sua área de atuação. (BRASIL, 2020).

Ao mesmo tempo em que a criação da ZFM gerou emprego e renda para a população, ela causou outros impactos na cidade de Manaus, como a explosão demográfica e suas consequências. Nos primeiros anos de vigência da Zona Franca, Manaus enfrentou grandes problemas em virtude do aumento populacional decorrente da promessa de empregos que o modelo apresentava. Em apenas oito anos, a cidade teve um aumento em sua população, passando de 150.000 em 1967 para 600.000 habitantes em 1975. Além da migração de pessoas das zonas rurais do município e do interior do Estado, a Zona Franca atraiu imigrantes de diversas regiões do país, o que ocasionou uma crise social, econômica e ambiental para a cidade com o crescimento urbano não planejado, sem as estruturas sociais de educação, de segurança, de saúde e de saneamento básico adequados, que não acompanharam o crescimento populacional. (FIGUEIREDO, 2011, p. 156-157).

Apesar de todos os problemas provenientes do crescimento desordenado da população, a criação da ZFM trouxe, mais uma vez, a perspectiva de consumo e de prosperidade para a cidade. De acordo com Figueiredo (2011, p. 158):

Os investimentos econômicos que estão sendo realizados exigem uma mudança radical no comportamento da sociedade para essa realidade inusitada. Torna-se, portanto, necessário criar os mecanismos que identifiquem a nova sociedade do comércio “importador” e do “industrialismo” de fachada para dar lugar à “Miami brasileira” e esquecer o “Porto de Lenha” do passado.

Manaus continua a depender economicamente de seu Polo Industrial, sendo uma das principais fontes de renda de grande parte da população manauara e de arrecadação para o Estado. De acordo com os dados do IBGE (2017a), Manaus é a 9ª cidade do país em receitas realizadas (em 2017) e a 7ª em população com 1.802.014 habitantes (segundo Censo de 2010, com a densidade demográfica de 158,06 hab/km²), sendo que a estimativa para o ano de 2020 foi de 2.219.580 pessoas vivendo em terras manauaras.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Este capítulo aborda as questões teórico-metodológicas que direcionaram este trabalho e está dividido em seis seções. Partindo de uma visão macro, a primeira seção apresenta a Sociolinguística Variacionista e sua gênese, abrangendo a busca por uma concepção da língua como fato social, a língua como um sistema heterogêneo e ordenado, a proposta laboviana para o estudo dos fenômenos linguísticos e a noção de comunidade de fala. Ainda nesta seção, são abordadas algumas premissas metodológicas labovianas, o tratamento quantitativo da Sociolinguística e a dimensão estilística da variação sob a perspectiva laboviana. A segunda seção deste capítulo trata do objeto de estudo deste trabalho, os ditongos orais decrescentes e o fenômeno da monotongação no Português do Brasil (PB). A terceira seção apresenta pesquisas empíricas sobre a monotongação no Brasil e seus principais resultados. A quarta seção contempla pesquisas que abordaram o fenômeno em estudo no Amazonas. A quinta parte trata de pesquisas com foco na variação estilística. E a última seção deste capítulo aborda a norma e a variação linguística.

A seguir, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista adotados para discutir e embasar o fenômeno em estudo: a monotongação dos ditongos orais decrescentes no falar manauara.

2.1 A Sociolinguística Variacionista

Antes de abordar os aspectos específicos do fenômeno em variação desta pesquisa, é necessário trazer os princípios e as bases daquilo que se tornou referência nos estudos sobre a variação linguística e que fundamentaram este estudo.

2.1.1 Caminhos para a concepção social da língua

Muito antes do surgimento da Sociolinguística como uma disciplina autônoma, já havia a busca por uma concepção social da língua. Calvet (2002) faz uma retrospectiva sobre alguns autores que já citavam esse princípio em seus estudos, o que mais tarde seria o foco principal de um grande campo de estudo que estava prestes a surgir.

Antoine Meillet (1866-1936), linguista francês considerado discípulo de Saussure, desenvolveu seus estudos no início do século XX, porém divergia de alguns pressupostos teóricos do pensamento saussuriano ao ressaltar que “ao separar a variação linguística das condições externas de que ela depende, Ferdinand de Saussure a priva da realidade; ele a

reduz a uma abstração que é necessariamente inexplicável.” (MEILLET, 1965, p. 230 apud CALVET, 2002, p. 14). Além disso, Meillet estava em contradição com pelo menos uma das dicotomias saussurianas: a sincronia e diacronia, pois, para ele, a abordagem interna e a externa da língua não estavam em oposição, mas em associação. Para Meillet, ao mesmo tempo em que a língua é um “fato social” é um “sistema que tudo contém” (CALVET, 2002, p. 16). O linguista francês ainda enfatizava a importância da variação para o estudo da língua ao afirmar que por “[...] ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social” (MEILLET, 1965, p. 17 apud CALVET, 2002, p. 16). Ao considerar a língua como um fato social, Meillet se opõe ao pensamento saussuriano, sendo, portanto, considerado um dos precursores do desenvolvimento de uma teoria que mais tarde se transformaria na Sociolinguística.

Basil Bernstein (1924-2000), sociólogo britânico, conhecido por seu trabalho na sociologia da educação, desenvolveu estudos empíricos na década de 1970, verificando a conexão entre a maneira de falar e a organização social. O linguista foi o primeiro a levar em consideração, ao mesmo tempo, as produções linguísticas reais e a situação sociológica dos falantes ao pesquisar sobre o fracasso escolar de crianças de classes favorecidas e desfavorecidas por meio de suas produções linguísticas. Depois de comparar as produções dos dois grupos, Bernstein concluiu que o aprendizado e a socialização eram marcados pelas famílias das crianças e que a estrutura social determinava, entre outras coisas, os comportamentos linguísticos. Em suas publicações, tentou, pela primeira vez, descrever a diferença linguística partindo da diferença social.

William Bright (1928-2006), linguista americano especializado em línguas indígenas, sul-asiáticas e linguística descritiva, organizou uma conferência de Sociolinguística em Los Angeles em 1965 e tentou sintetizar os trabalhos ali apresentados, argumentando que os estudos sociolinguísticos dizem respeito às relações entre linguagem e sociedade esclarecendo que “[...] uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas” (BRIGHT, 1966, p. 11 apud CALVET, 2002, p. 21). Nesse trabalho, o linguista elaborou uma lista de “dimensões” da sociolinguística: a identidade social do falante, a identidade social do destinatário, o contexto, a oposição sincronia/diacronia, os usos linguísticos e as crenças a respeito dos usos, a extensão da diversidade e as aplicações da sociolinguística. Essa conferência marca o nascimento da sociolinguística, mas ainda como uma abordagem complementar à linguística, à sociologia e à antropologia.

Os estudos envolvendo o caráter variável das línguas começaram a ganhar notoriedade a partir do ensaio de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), que lançaram os primeiros fundamentos para uma teoria linguística que logo superaria os paradoxos das teorias estruturais vigentes na época. Adotando a concepção de língua como um sistema heterogêneo e ordenado, conforme veremos com mais detalhes na próxima seção, os autores criaram um modelo teórico e metodológico fundamentado empiricamente nos estudos desenvolvidos por cada um até então – mais especificamente nos estudos dialetológicos, ou da Geografia Linguística, os primeiros a dar uma visão da língua como um sistema heterogêneo; nos estudos de contato linguístico; e, nos estudos de variedades urbanas –, lançaram os princípios gerais para o estudo da variação e da mudança linguística. Foi, no entanto, por meio do linguista americano William Labov (1927-), ainda na década de 1960, com sua vertente conhecida como Sociolinguística Variacionista, que a Sociolinguística se consolidou. Labov confirma a contribuição de Meillet para a concepção da língua como um fator social ao publicar e apresentar seu estudo sobre a estratificação social do /r/ nas grandes lojas de departamento de Nova York.

Calvet (2002, p. 24) mostra o laço que une Labov e Meillet na passagem em que Labov (2008 [1972]) afirma que o objeto de estudo da linguística é “[...] a estrutura e a evolução da linguagem no seio do contexto social formado pela comunidade linguística.” Para Labov, a variação linguística é inerente à língua, sendo não só natural, mas também necessária para o seu funcionamento, não havendo como distinguir entre uma linguística geral que estudaria as línguas e uma sociolinguística que levaria em conta o aspecto social dessas línguas. Na visão laboviana, a sociolinguística é a linguística.

Os estudos desenvolvidos nas décadas de 1960 e 1970 foram, sem dúvida, fundamentais para o surgimento de uma nova corrente teórica que mudaria a forma como os estudos linguísticos eram conduzidos.

2.1.2 A língua como um sistema heterogêneo e ordenado

A proposta de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) foi essencial para a consolidação de uma nova concepção de língua como um sistema heterogêneo e ordenado, capaz de romper com os paradoxos das teorias estruturais que se baseavam no pressuposto da língua como um sistema homogêneo.

Os autores iniciam sua reflexão fazendo o seguinte questionamento:

[...] Afinal, se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto

passa por períodos de menor sistematicidade? (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 35).

Como resposta, os autores afirmam que a solução está no rompimento da identificação de estruturalidade com homogeneidade. Em seu lugar, deve-se instaurar uma nova concepção que não exclui os fatos da heterogeneidade, mas adota a língua como uma realidade inerentemente variável e ao mesmo tempo ordenada (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 36).

Esse modelo, construído sobre bases empíricas, fundamenta-se em resultados de pesquisas feitas por cada um dos autores, sendo eles: estudos da Geografia Linguística, desenvolvidos por Herzog; estudos de línguas e dialetos em contato, desenvolvidos por Weinreich; e estudos sociolinguísticos sobre variedades urbanas, desenvolvidos por Labov.

Os estudos da Geografia Linguística foram os primeiros a revelar o caráter heterogêneo das línguas ao utilizarem isoglossas para indicar áreas com concentração de determinados traços linguísticos e, assim, ilustrar os casos de variação linguística ao longo de um território. Ao expor esses casos de variação linguística em determinados espaços geográficos, os estudos dialetológicos mostraram que o axioma da homogeneidade não se sustentava, uma vez que essas linhas imaginárias que demarcam geograficamente a fronteira de certas ocorrências não podem ser atreladas a espaços linguísticos bem delimitados como se a variação estivesse dividida por área, sendo mais apropriado dizer que as ocorrências de um fenômeno, sejam elas diferentes ou não, fazem parte de um *continuum* de fragmentos sutilmente subdivididos, ou seja, não há uma divisão delimitada que caracterize espaços linguísticos ordenados de línguas, dialetos e subdialetos, e em uma mesma área, os falantes podem estar diante de subsistemas diferentes e mesmo assim conseguem se entender (CHAMBERS; TRUGDILL, 1994 [1980]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

Por meio das isoglossas é também possível ver a “[...] trilha pela qual uma mudança linguística está caminhando para se completar [...]” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 90). Como as ocorrências de variação linguística fazem parte de um *continuum*, é possível que em certas áreas existam uma transição mais evidente que acarretará em uma mudança. Porém, essa mudança não é estática nem abrupta, uma vez que as pessoas se movimentam e se comunicam, o que nos leva a entender a língua como um sistema heterogêneo, mas ao mesmo tempo ordenado já que os falantes conseguem se comunicar e se entender enquanto a língua passa por mudanças.

Os estudos sobre as línguas e dialetos em contato, desenvolvidos principalmente por Weinreich, confirmam a coexistência de sistemas linguísticos distintos em uso em um

contexto social específico. No entanto, essa coexistência não é estável em longo prazo. Ao estar diante de um sistema distinto, o falante pode fazer ajustes adaptando uma nova regra ou forma às regras de seu sistema tornando-os semelhantes, até que a forma original seja desfavorecida gradualmente em prol da nova (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 93). Os autores ainda afirmam que, na maioria das comunidades de fala, encontramos formas distintas da mesma língua que coexistem e compartilham algumas propriedades: oferecem meios alternativos de dizer “a mesma coisa” e estão disponíveis a todos os membros (adultos) da comunidade.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 99), os estudos empíricos de contato linguístico “[...] têm confirmado o modelo de um sistema ordenadamente heterogêneo em que a escolha entre alternativas linguísticas acarreta funções sociais e estilísticas, um sistema que muda acompanhando as mudanças na estrutura social.” A variabilidade não afeta a sistematicidade de uma língua, uma vez que a alternância de estilos ou de códigos de um indivíduo não é desordenada, sendo que “[...] os correlatos subjetivos da alternância de linguagem revelam ser mais uniformes que o próprio comportamento.” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 102).

O caráter heterogêneo dos sistemas linguísticos também ganhou reforço com os estudos sobre as variedades urbanas desenvolvidos por William Labov. As abordagens linguísticas clássicas – estruturalismo e gerativismo – consideravam a língua como um sistema homogêneo e não apresentavam os fenômenos examinados como de fato ocorriam, ou seja, considerando o seu caráter variável. No entanto, de acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 107), “[...] não basta apontar a existência ou a importância da variabilidade: é necessário lidar com os fatos de variabilidade com precisão suficiente para nos permitir incorporá-los em nossas análises da estrutura linguística.” Em outras palavras, não basta dizer que a língua varia. É preciso mostrar como a variação se manifesta e se organiza na estrutura da língua, não ocorrendo de forma livre, mas ordenada e obedecendo a certas regras. Um exemplo disso é o estudo sobre estratificação social do /r/ em Nova York, que mostrou que variação de uso pode ser condicionada não só por fatores linguísticos, mas também por fatores extralinguísticos como a idade, a classe social e o estilo de fala. Nesse estudo, a realização do /r/ se mostrou mais produtiva entre os grupos mais jovens que consideravam a pronúncia como uma forma de prestígio, comprovando que a variação não é livre, mas ordenada de acordo com a avaliação social que o falante tem sobre a variável linguística.

Esses estudos empíricos confirmaram que estrutura e homogeneidade não estão intimamente ligadas. Labov (2008 [1972], p. 238) afirma que “[...] a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais [...]”, ou seja, a heterogeneidade é inerente à língua.

Com base na noção de língua como um objeto dotado de heterogeneidade ordenada, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) elencam alguns princípios gerais da Teoria da Variação e Mudança, sintetizados no Quadro 1.

Quadro 1 - Princípios gerais da Teoria da Variação e Mudança

Síntese de alguns princípios gerais para o estudo da mudança linguística
1. A mudança linguística não deve ser identificada como deriva aleatória procedente da variação inerente na fala.
2. A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. O domínio do falante nativo inclui o controle das estruturas heterogêneas da língua.
3. Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.
4. A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.
5. As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala.
6. A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo.
7. Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico.

Fonte: Adaptado de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968])

O reconhecimento da língua como um sistema estruturado capaz de comportar a sua heterogeneidade, foi, sem dúvida, um dos princípios fundamentais para a consolidação de uma vertente conhecida hoje como Sociolinguística Variacionista.

2.1.3 Uma nova abordagem para o estudo dos fenômenos linguísticos

Contrária às primeiras abordagens clássicas da linguística moderna que tratam a língua como uma estrutura pronta, abstrata, homogênea e isenta de influências sociais, a Sociolinguística aponta que não há como separar uma língua da sociedade em que ela é falada (COELHO *et al.*, 2018; LABOV, 2008 [1972]).

Labov (2008 [1972]) argumenta que a orientação básica para a análise estrutural da língua parte do ponto de vista expresso por Saussure (1962) por meio da dicotomia *langue*, ou

língua, a parte social da linguagem, e *parole*, ou fala, sua contraparte individual. Porém, segundo o autor, os linguistas que seguem essa tradição trabalham com a língua sem considerar de fato a parte social da linguagem, pois o “social” para o estruturalismo é o coletivo, sendo a *langue*, portanto, o produto da coletividade. Também considerando a parte abstrata da linguagem como objeto de estudo, o teórico cita um novo impulso que essa dicotomia ganhou nos estudos gerativos, ao que Chomsky (1965) denominou de *competência*, o conhecimento internalizado da língua, e *desempenho*, o seu uso. Segundo Labov (2008 [1972], p. 218), para Chomsky “[...] a linguística é propriamente o estudo da competência, [...] que o real objeto do estudo linguístico é uma comunidade de fala abstrata, homogênea, em que todo mundo fala igual e aprende a língua instantaneamente.”

Ao escolherem a *langue* ou a *competência* como objeto de estudo da linguística, essas abordagens clássicas ignoraram os fatos sociais na análise dos fenômenos linguísticos, uma vez que, para essas correntes, a estrutura linguística está associada à homogeneidade, excluindo, assim, qualquer comportamento social diante de um fenômeno linguístico e principalmente o estudo das falas efetivamente produzidas – onde ocorrem a variação –, posto que consideram que “[...] um *corpus* extraído da língua falada não constitui boa evidência, já que conterà vários exemplos de frases malformadas que os próprios falantes condenam e mudam quando sua atenção é chamada para elas” (LABOV, 2008 [1972], p. 220). Contrário a essa visão, o autor argumenta que “[...] para lidar com a *língua*, temos de olhar os dados da fala cotidiana o mais perto e diretamente possível, e caracterizar seu relacionamento com as teorias gramaticais [...]” (LABOV, 2008 [1972], p. 235-236, grifo do autor).

Considerando a língua como um sistema dotado de heterogeneidade, surge um grande campo que, além de estudar a língua do ponto de vista interno, também considera os fatores externos, que podem ser sociais, geográficos e estilísticos, como influenciadores na organização e na estrutura linguística.

Segundo Coelho *et al.* (2018, p. 12), a “[...] Sociolinguística é uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos [...]”, cujo foco principal é o fenômeno da variação e da mudança linguística.

Corroborando, também, Mollica (2017) a preocupação da Sociolinguística com o fenômeno da variação, considerando que essa disciplina tem

[...] como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. (MOLLICA, 2017, p. 9-10).

Dentre as várias abordagens que estudam a língua considerando os fatores extralinguísticos e seu contexto de produção, utilizamos o paradigma mais conhecido, a Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Sociolinguística Laboviana e, ainda, como Teoria da Variação e Mudança Linguística. Porém, para trabalhar com essa vertente, é necessário entender alguns conceitos essenciais que estão presentes em todo o trabalho e que merecem distinção. São eles: variedade, variação, variável e variante.

Coelho *et al.* (2018) definem variedade como a fala característica de um determinado grupo social e/ou regional, ou ainda de qualquer outro critério que unifique os falantes, como profissão, por exemplo, existindo assim a variedade manauara, a variedade de estudantes universitários, a variedade dos advogados etc. Na Sociolinguística Variacionista, variedade, dialeto e falar são sinônimos. Em uma variedade, os falantes podem utilizar maneiras alternativas para dizer “a mesma coisa”, caracterizando a variação como “[...] o processo pelo qual duas formas [ou mais] podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado” (COELHO *et al.*, 2018, p. 16).

Para os mesmos autores, variável é o lugar na gramática em que se localiza a variação de forma mais abstrata, e variantes são as formas individuais que “disputam” a expressão da variável. Já Calvet (2002, p. 80, grifo do autor) define *variável* como o conjunto constituído pelos diferentes modos de realizar a mesma coisa (um fonema, um signo, por exemplo) e por *variante* cada uma das formas de realizar a mesma coisa.

Tarallo (2007) aborda esses conceitos de forma mais prática e chama de “variantes” as formas linguísticas em variação, ou seja, as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade; já “variável linguística” é definida como o conjunto de variantes. Para exemplificar, o autor cita um fenômeno em variação no português brasileiro, a marcação de plural no sintagma nominal, que pode se manifestar com a presença ou a ausência de marcação de plural em alguns elementos do sintagma. Se um falante utiliza formas alternativas para expressar a “mesma coisa” com o mesmo valor de verdade, isso significa dizer que neste contexto há um caso de variação linguística. A ‘marcação do plural no SN’ é a variável linguística e possui duas variantes: a presença do segmento fônico [s] para marcar o plural, como em ‘aS meninaS bonitaS’, e a ausência desse segmento, ou seja, a forma “zero” [Ø], como em ‘as meninas bonitaØ’, ou ainda ‘as meninaØ bonitaØ’.

Segundo Bagno (2017), na Sociolinguística Variacionista busca-se explicar os fenômenos linguísticos por meio de fenômenos de ordem social de uma determinada comunidade de fala, sendo

[...] uma abordagem que adota metodologias quantitativas, concentrando-se na frequência com que determinadas formas linguísticas (pronúncia, léxico, sintaxe etc.) ocorrem no uso dos falantes, dos grupos de falantes ou em sociedades amplamente consideradas. (BAGNO, 2017, p. 434).

Em síntese, a Sociolinguística Variacionista estuda os fenômenos linguísticos em variação de acordo com a ocorrência e a frequência de uso das variantes de um fenômeno variável em uma determinada variedade linguística. Por trabalhar com uma grande quantidade de dados, esse tipo de pesquisa recorre a análises estatísticas visto que se baseia na frequência de uso das formas linguísticas, e, por esse motivo, essa vertente é também chamada de Sociolinguística Quantitativa.

2.1.4 A noção de comunidade de fala

Um dos princípios gerais da Teoria da Variação e Mudança desenvolvida por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) é de que o *locus* do estudo da língua é a comunidade de fala e não o indivíduo. Na pesquisa sociolinguística, busca-se estudar a língua em uso nas diversas situações comunicativas levando em conta o contexto social de produção. Portanto, não é o indivíduo que interessa ao pesquisador, mas o grupo social ao qual ele pertence, isto é, a Sociolinguística se preocupa com a gramática geral da comunidade de fala e não de um indivíduo. Nessa proposta, deve-se considerar o estudo da variação e da mudança linguística em uma comunidade de fala, uma vez que é comum que em uma mesma comunidade existam maneiras alternativas de falar “a mesma coisa”.

Dentro da Sociolinguística, o conceito de comunidade de fala é empregado de maneiras diferentes.

Na visão laboviana não existe uma comunidade de fala homogênea nem um falante-ouvinte ideal, uma vez que as línguas são sistemas heterogêneos e, portanto, a existência da variação é inerente. Desta forma, Mattos (2012, p. 30) afirma, também, que não há comunidades linguísticas perfeitamente homogêneas, pois “[...] quanto maior for a extensão territorial ou quanto mais acentuadas as divisões sociais, maiores são as possibilidades de dialetação [...]”, ou seja, é comum que dentro de uma mesma variedade associada a determinados estratos sociais ou a determinados espaços territoriais de interação existam diversos fenômenos linguísticos em variação.

Para a Sociolinguística Variacionista, é na comunidade de fala que ocorre a variação e a mudança linguística. Segundo Labov (2008 [1972], p.188), “[...] uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas; ela é

mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua.” Nesta lógica, o autor cita como exemplo os falantes bem mais velhos e mais jovens da cidade de Nova York que, embora compartilhem o mesmo espaço geográfico, pertencem a comunidades de fala ligeiramente diferentes. O sociolinguista complementa que os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto de normas referentes à língua, mesmo quando há variação altamente estratificada na fala real. Em outras palavras, na visão clássica laboviana, uma comunidade de fala não se caracteriza somente pelo uso linguístico compartilhado pelos falantes, mas também por atitudes semelhantes diante dos fatos linguísticos, o que, de certa forma, se configura na busca por uma sistematização dos fenômenos em variação na comunidade linguística.

De acordo com Bagno (2017, p. 53), uma comunidade de fala, também chamada de comunidade linguística, “inclui as pessoas que estão em contato habitual umas com as outras por meio da língua, seja por uma língua comum ou por modos compartilhados de interpretar o comportamento linguístico onde diferentes línguas são usadas numa mesma área.” Ou seja, o conceito de comunidade de fala não está preso à questão de nacionalidade ou de fronteiras geográficas, mas ao modo como os falantes compartilham e interpretam a língua. O autor ainda destaca outras definições de comunidade de fala segundo outros estudiosos que se concentram, sobretudo: na frequência de interação de um grupo de pessoas: Bloomfield (1933); no uso compartilhado de uma língua: Lyons (1970); nas regras compartilhadas de fala de interpretação de desempenhos de fala: Hymes (1972); em atitudes e valores compartilhados acerca das formas linguísticas e do uso da língua: Labov (1972); em noções e pressupostos socioculturais compartilhados acerca de eventos de fala: Sherzer (1977).

Calvet (2002) também faz um apanhado geral sobre o conceito de comunidade de fala proposto por vários autores como Bloomfield (1970), Martinet (1964), Labov (1976) e Ferguson (1959) e assegura que em todos os casos parte-se da língua para definir o grupo. Porém, ao fazer isso “[...] entramos em um processo tautológico que só fará mascarar, na análise da multiplicidade de relações linguísticas, as imbricações dos códigos, ou seja, o próprio cerne da comunicação social” (CALVET, 2002, p. 106). Para o autor, é preciso sair da língua e partir da realidade social, já que em uma comunidade há um grupo social, falantes, códigos, variedades de códigos, relações com esses códigos e situações de comunicação. Cabe ao linguista estudar esses elementos bem como suas relações.

Um último conceito aqui exposto é o de Guy (2001, p. 33), que reelabora a concepção laboviana e define a comunidade de fala como um grupo de falantes que: “compartilham traços linguísticos que distinguem este grupo de outros; se comunicam relativamente mais

entre eles do que com outros; compartilham normas e atitudes frente ao uso da linguagem.” Acerca do primeiro critério, o autor explica que uma comunidade se define pelo fato de existir uma língua em comum nela usada, e também por possuir traços linguísticos que diferenciam uma variedade da língua usada em determinada comunidade de outras variedades usadas em outras comunidades. Como exemplo, o autor cita a comunidade de fala carioca que é caracterizada pela pronúncia chiante do –s final. O segundo critério da definição de Guy diz respeito à densidade de comunicação, já que falantes de uma comunidade tendem a falar mais com falantes da mesma comunidade. Por exemplo, no dia a dia, moradores de Manaus geralmente se comunicam mais com outros falantes de Manaus do que com falantes de outras cidades. O terceiro critério para a definição de comunidade de fala é o único que coincide com a definição clássica laboviana, ou seja, que os falantes compartilham normas e atitudes linguísticas.

Guy (2001, p. 33) afirma que tendemos a falar como aquelas pessoas com quem falamos mais, e declara que “[...] o simples contato linguístico com outros não é suficiente para nos fazer adotar características linguísticas deles; há, também, uma questão de vontade e atitude.” Para exemplificar este último critério de sua definição, o autor cita uma pesquisa de Boberg (2000) sobre o inglês nas cidades fronteiriças de Windsor, no Canadá, e de Detroit, nos EUA. Embora as pessoas das duas cidades tenham bastante contato e se comuniquem diariamente, elas se mantêm diferentes linguisticamente. Nessa pesquisa, foi constatado que a fala de Windsor é quase idêntica à de cidades canadenses mais distantes como Toronto, apesar de o contato com Detroit ser intenso. A conclusão é que os falantes de Windsor valorizam sua identidade nacional como canadenses e a marcam através da linguagem.

Além da noção de comunidade de fala, é importante citar outros conceitos relacionados ao *locus* dos fenômenos linguísticos investigados que vêm sendo adotados e utilizados na Sociolinguística. É o caso das redes sociais e das comunidades de prática. Segundo Coelho *et al.* (2018, p. 68), uma análise baseada em redes sociais – redes de relacionamento dos indivíduos estabelecidas na vida cotidiana – “[...] procura captar a dinâmica dos comportamentos interacionais dos falantes e possibilita o estudo de pequenos grupos sociais, como grupos étnicos minoritários, migrantes, populações rurais, etc.” Já uma análise sociolinguística baseada na noção de comunidade de prática “[...] diz respeito a práticas sociais compartilhadas por indivíduos que se reúnem regularmente em torno de uma meta comum, e envolvem desde crenças e valores até formas de realizar certas atividades e de falar” (COELHO *et al.*, 2018, p. 69), como, por exemplo, reuniões de pais e professores,

rotinas familiares, comunidades de *hackers*, comunidades de pescadores, grupos religiosos, colegas de trabalho e profissão etc.

Das diversas definições apresentadas, adotamos, neste trabalho, a noção de comunidade de fala que tomamos nos termos de Guy (2001), que além do compartilhamento de normas e atitudes linguísticas, inclui o compartilhamento de traços linguísticos e a frequência com que os falantes se comunicam.

2.1.5 Premissas metodológicas da Sociolinguística Variacionista

Mais do que uma teoria linguística, a vertente desenvolvida por William Labov é considerada uma metodologia para observação sistemática da língua em seu contexto social, como esclarece o próprio Labov (2008 [1972], p. 242): “[...] o objetivo aqui não é necessariamente prover à linguística uma nova teoria da língua, mas, antes, um novo método de trabalho.” Com base nos resultados de suas pesquisas de campo, o linguista isola cinco premissas metodológicas que devem ser consideradas em uma pesquisa variacionista. De acordo com Labov (2008 [1972]), são elas:

a) *Alternância de estilo*. A primeira premissa afirma que não existe falante de estilo único. Alguns apresentam um espectro de alternância estilística maior que outros, mas todo falante exibe alternância de algumas variáveis linguísticas, ou seja, muda de estilo à medida que muda o contexto social ou o tópico.

b) *Atenção*. Intimamente ligada à primeira, essa premissa esclarece que existem mais estilos do que um analista pode isolar e “[...] os estilos podem ser dispostos ao longo de uma única dimensão, medida pelo grau de atenção prestada à fala” (p. 243, grifo do autor). A atenção é exercida pelo audiomonиторamento da própria fala, ou seja, é o grau de monitoramento da fala que fará com que o informante alterne estilos, sendo a fala casual – quando há menos envolvimento – e a fala excitada – quando há mais envolvimento pela emoção – os estilos em que há pouca atenção para a monitoração da própria fala.

c) *Vernáculo*. O autor afirma que nem todos os pontos do *continuum* estilístico têm o mesmo interesse para os linguistas, pois alguns estilos não exibem padrões fonológicos e gramaticais regulares. No entanto, é no vernáculo que se encontram os dados mais sistemáticos para o estudo da estrutura linguística, pois é “[...] o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (p. 244).

d) *Formalidade*. Em uma situação de entrevista não se deve esperar encontrar o vernáculo, pois “qualquer observação sistemática de um falante define um contexto formal

em que ele confere à fala mais do que o mínimo de atenção” (p. 244, grifo do autor). Ou seja, mesmo que o falante pareça informal, é preciso lembrar que a entrevista é um contexto mais formal do que outras situações vividas pelo informante e deve-se supor que aquele não é o estilo em que ele presta menor atenção à sua fala.

e) *Bons dados*. Embora considere outros tipos de coleta de dados, o autor afirma que a única maneira de obter bons dados de fala em qualidade e quantidade suficientes é por meio da observação sistemática mediante entrevista individual gravada.

Essas premissas levam a um paradoxo metodológico que Labov (2008 [1972], p. 244) chama de *paradoxo do observador*, que, se não for superado, pode comprometer os resultados, já que “[...] o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática.” Para superar esse paradoxo, o autor sugere algumas estratégias para desviar a atenção do falante durante a entrevista e que podem provocar a manifestação do estilo vernacular: fazer intervalos durante a entrevista para que a pessoa acredite que naquele momento não está sendo observada; fazer perguntas envolvendo tópicos que recriem fortes emoções experimentadas no passado, como “risco de vida”, que, segundo o autor, é a que tem dado mais resultado, pois a pessoa deixa de prestar atenção em “como fala”, para “o que fala”. No entanto, utilizar essas estratégias não significa que o falante mudará seu estilo e atingirá o vernáculo, pois uma simples negação à pergunta “Você já viveu uma situação em que achava que ia morrer?” mudará todo o andamento da entrevista. Portanto, o pesquisador precisa se adaptar e criar suas próprias estratégias para superar esse paradoxo.

2.1.6 O tratamento quantitativo da Sociolinguística

Foi mencionado anteriormente que a Sociolinguística Variacionista utiliza metodologias quantitativas, pois se baseia na frequência de uso de determinado fenômeno linguístico pelos falantes. Segundo Guy e Zilles (2007, p. 73),

[...] a variação linguística, entendida como alternância entre dois ou mais elementos linguísticos, por sua própria natureza, não pode ser adequadamente descrita e analisada em termos categóricos ou estritamente qualitativos. Antes do advento da metodologia da quantificação, a variação linguística era considerada secundária, aleatória ou mesmo impossível de ser cientificamente apreendida.

Dessa forma, segundo os autores, toda pesquisa dialetal, seja ela geográfica ou social, é inerentemente quantitativa, uma vez que é necessário coletar grandes quantidades de dados

de muitas pessoas, sobretudo nas pesquisas que tratam da variação linguística. Uma consequência de lidar com tantos dados é enfrentar problemas ligados ao controle de qualidade e confiabilidade, manuseio e apresentação dos dados.

Para um trabalho de pesquisa que utilize qualquer análise quantitativa de dados, incluindo os da área da Sociolinguística, Guy e Zilles (2007) afirmam que há três fases principais: a primeira é a coleta de dados aleatória, a fim de constituir uma amostra o mais representativa possível da comunidade de fala em estudo; em seguida, parte-se para a redução e apresentação dos dados, para criar uma visão geral do fenômeno, para identificar as tendências e padrões gerais e para minimizar detalhes insignificantes; e, por fim, são feitas a interpretação e a explicação dos dados, momento em que o linguista parte para a análise do fenômeno em estudo, de acordo com seu conhecimento e com as teorias utilizadas, uma vez que “[...] o objetivo final de qualquer estudo quantitativo em pesquisa dialetal não é produzir números [...] mas identificar e explicar fenômenos linguísticos” (GUY; ZILLES, 2007, p. 31).

De acordo com os autores, o fator primordial em uma pesquisa é a representatividade da amostra, pois o pesquisador deve garantir que ela retrate o mais fielmente possível a comunidade de fala ou, na impossibilidade disto, deve assumir explicitamente que seus resultados se aplicam à amostra, sem que, no entanto, seja possível qualquer generalização. Outro fator importante é que a amostra seja composta por indivíduos cujas gramáticas estejam sujeitas a mesma regra variável, ou seja, que pertençam à mesma comunidade de fala.

2.1.7 O eixo estilístico da variação sob a perspectiva laboviana

Uma das dimensões da variação linguística presente na proposta laboviana, mas ainda pouco evidenciada em estudos empíricos, diz respeito ao estilo.

Conforme as premissas metodológicas de Labov (2008 [1972]), não existe falante de estilo único, ou seja, cada falante apresentará um espectro de variação estilística e falará de diferentes formas a depender do contexto social em que está inserido, do grau de formalidade da situação, do assunto abordado ou do seu interlocutor, por exemplo. Labov (2008 [1972], p. 313) define variação estilística como “[...] as alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato de fala.” Diferente da variação linguística, que como já referenciado, é o processo pelo qual duas formas ou mais podem ocorrer em um mesmo contexto com o mesmo valor representacional, a variação social e estilística “[...] pressupõe a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas

em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística.” (LABOV, 2008 [1972], p. 313).

Mesmo considerando a existência da alternância de estilo, apenas um tem se tornado objeto de interesse dos estudos sociolinguísticos, o vernáculo, “[...] estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (LABOV [1972], 2008, p. 243). Para o autor, é por meio da observação do vernáculo que o linguista obterá os dados mais sistemáticos da variação. Assim, o vernáculo é um dos estilos de que um falante pode fazer uso e apenas um dos estilos possíveis de se captar em uma entrevista sociolinguística. Mas, até que ponto o estilo pode determinar a “escolha” de uma determinada variante? Como captar diferentes estilos para verificar qual é sua relação com a variação linguística?

Apresentamos, a seguir, os dois modelos labovianos de análise para captar níveis estilísticos na fala: o isolamento de estilos contextuais e a árvore de decisão.

a) O isolamento de estilos contextuais

As primeiras bases teóricas e metodológicas para captar diferentes estilos surgiram na década de 1960 e representam as técnicas utilizadas para isolar a fala casual e outros estilos, desenvolvidas no estudo no *Lower East Side* em Nova York.

Durante uma entrevista, o falante alterna estilos mais e menos formais a depender da situação de fala. Com isso, seria possível identificar a variação regular em estilos e contextos diferentes por meio de diversos testes durante a entrevista, ou seja, diferentes estilos poderiam ser captados utilizando diferentes técnicas de coleta de dados para controlar os contextos e isolar os estilos que ocorrem dentro de cada um, sendo possível a comparação entre os resultados (LABOV, 2008 [1972]).

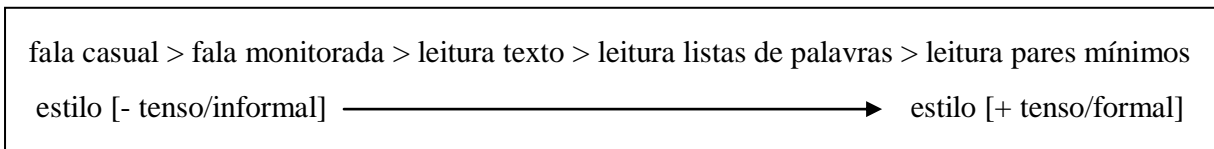
Nesse modelo, o autor segmenta a entrevista em até cinco contextos de acordo com o grau de atenção prestado à fala e com o grau de formalidade de cada um:

- Contexto A: *fala casual* dentro da entrevista, que pode ser identificada nas seguintes situações: fala fora da entrevista formal, geralmente ao final (A1); fala com uma terceira pessoa (A2); fala que não responde diretamente a perguntas (A3); fala sobre parlendas (A4); e fala sobre risco de vida do informante (A5).
- Contexto B: é a situação formal da entrevista e o estilo mais simples de definir. É o que chamamos de *fala monitorada* ou fala cuidada.
- Contexto C: estilo de leitura de um texto padronizado com as variáveis linguísticas.
- Contexto D: leitura de lista de palavras isoladas.

- Contexto D': leitura de pares mínimos. É um subgrupo do contexto D com leitura de palavras que se diferenciam apenas por um segmento sonoro.

Esses cinco contextos são divisões formais de um *continuum* estilístico que vai do estilo menos formal até o mais formal, conforme representado na Figura 1.

Figura 1 - Estilos contextuais



Fonte: Coelho *et al.* (2018)

Deste modo, os estilos contextuais podem ser dispostos ao longo de uma dimensão medida pelo grau de monitoramento da fala. Nessa abordagem, além da observação sistemática do vernáculo, outros estilos podem ser observados e ter seus resultados comparados e correlacionados com a variação linguística.

Para Labov (2008 [1972]), o estilo está diretamente ligado à atenção prestada à fala. Quanto menos monitorado o falante estiver, como em uma conversa casual, mais informal será a sua fala, ao passo que em situações consideradas mais monitoradas, como na leitura de um texto, a tendência é que o falante desenvolva uma fala mais formal.

Diferentes estilos também podem ser captados ao controlar o tópico durante a entrevista. Assuntos que exigem um posicionamento do falante geralmente apresentam maior grau de monitoramento e refletem usos mais formais, enquanto assuntos que despertam emoção, como assuntos de infância e relato de experiências pessoais envolvendo risco de vida, presentes no contexto A, são menos monitorados e, portanto, mais informais (FREITAG, 2014; HORA, 2014).

b) *Árvore de decisão*

O segundo modelo de análise da variação estilística em entrevistas sociolinguísticas é o que Labov chamou de “árvore de decisão”. Aqui, os contextos de leitura de texto e de palavras são excluídos e a entrevista é segmentada em oito contextos distribuídos em dois eixos, o da fala casual e o da fala cuidada. Nesse modelo, o parâmetro de medição de alternância estilística continua sendo o grau de atenção dado à fala, porém de acordo com a escala de objetividade de cada contexto.

Görski e Valle (2014, p. 79, grifo nosso) descrevem cada um dos oito contextos, conforme o decréscimo de objetividade:

Resposta – primeira sentença que segue a fala do entrevistador;

Narrativa – circunscrita à narrativa de experiência pessoal;

Língua(gem) – trechos que tratam de questões sobre gramática, atitudes linguísticas etc;

Grupo – fala dirigida a uma terceira pessoa ou ao próprio entrevistador, porém externa à entrevista formal (corresponde aos contextos A1 e A2 (LABOV, 2008 [1972]));

Soapbox – expressão de opiniões de caráter genérico (acerca de tópicos como crimes nas ruas, corrupção na polícia e na política, comportamento de minorias etc.), dirigidas não diretamente ao entrevistador, mas como se fosse uma audiência mais ampla;

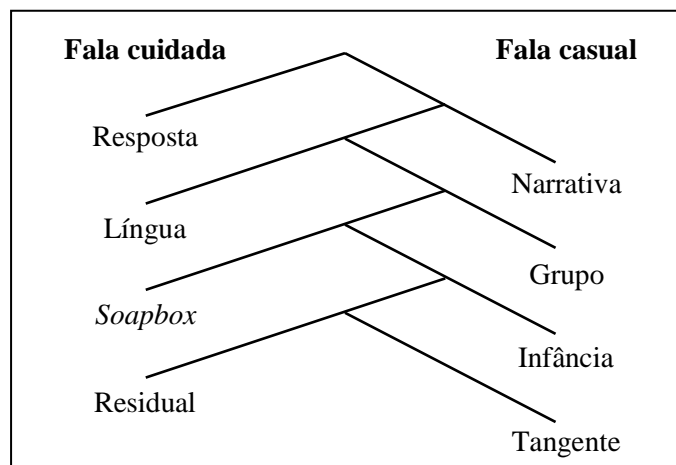
Infância (kids) – fala sobre jogos ou experiências infantis de um ponto de vista da criança e não do adulto;

Tangente – trecho de fala que se desvia do último tópico proposto pelo entrevistador e que se mostra como sendo de grande interesse do informante.

Residual – fala que não se enquadra em nenhuma das categorias anteriores.

Os contextos do modelo da árvore de decisão para análise estilística são divididos em dois eixos, representados na Figura 2.

Figura 2 - Árvore de decisão



Fonte: Coelho *et al.* (2018)

As autoras afirmam que nem sempre é fácil encaixar os trechos da entrevista nos nós da árvore, já que os contextos que ocorrem na proposta laboviana da árvore de decisão nem sempre são aqueles que ocorrem nas entrevistas de nossa amostra, o que muitas vezes fica difícil classificar se determinado trecho pertence ao eixo da fala cuidada ou da fala casual.

Para captar diferentes estilos é necessário, antes de tudo, pensar na questão metodológica para coletar os dados em diferentes estilos, seja controlando os tópicos abordados durante a entrevista, isolando os estilos utilizando diferentes formas de coleta de dados, ou classificando os trechos de fala de acordo com a árvore de decisão. Além da preocupação com a dimensão linguística e social da variação, o estilo como possível influenciador na variação linguística não pode mais ser ignorado.

c) *Outras abordagens para o estudo do estilo*

Além dos modelos de abordagem laboviana para a análise do estilo, surgiram outras propostas das quais se destacam: uma baseada na natureza interacional chamada de *Audience Design*, de Alan Bell e outra baseada na identidade do falante, de Penélope Eckert.

A proposta Bell (1984 apud HORA, 2014, p. 24) coloca a audiência como o foco para a alternância de estilo e parte do pressuposto que “[...] o falante, ao modelar sua fala, leva em conta o ouvinte, ou seja, a sua ‘audiência’, que é constituída não só do destinatário, a segunda pessoa, mas de outras terceiras pessoas.” Acerca da influência do tópico na mudança de estilo, essa proposta considera que ela se deve à associação dos tópicos ao tipo de audiência, ou seja, o falante ajusta a sua fala de acordo com o(s) seu(s) ouvinte(s), seja(m) ele(s) conhecido(s) ou não.

Segundo Hora (2014), a proposta de Eckert (2001) para o estudo do estilo leva em consideração que “[...] o indivíduo não existe isolado da matriz social, mas a ela está ligado por meio de formas estruturais de engajamento.” Conforme essa proposta, o indivíduo constrói uma identidade ao participar de diferentes comunidades de práticas, sendo a prática estilística a chave para esse processo de construção. As diferentes formas de falar, ou seja, os diferentes estilos são essenciais para a construção da identidade do falante.

A partir dos estudos labovianos surgiram diferentes propostas para mensurar a dimensão estilística da variação. A abordagem escolhida dependerá do fenômeno investigado e dos objetivos estabelecidos. Para este estudo, utilizamos o isolamento de estilos contextuais por meio do controle de diferentes tipos de coleta de dados, conforme descrito ao final da seção 3.2.

2.2 Os ditongos e o fenômeno da monotongação no Português do Brasil

Esta seção aborda o objeto de estudo desta pesquisa, os ditongos orais decrescentes e o fenômeno da monotongação no Português do Brasil.

Segundo Silva (2014, 2015), o ditongo é uma sequência de segmentos vocálicos que ocorrem em uma mesma sílaba, onde um é interpretado como uma vogal, que será o núcleo da sílaba, e o outro é um *glide*, um segmento que apresenta características articulatórias de uma vogal, mas que não pode ocupar a posição de núcleo da sílaba. Na literatura, o *glide* é também chamado de semivogal, semivocoide, semicontoide ou vogal assilábica por ter menor proeminência acentual. Tipicamente, os *glides* ocorrem no Português do Brasil (PB) como as vogais altas ‘i’ e ‘u’.

Cagliari (2007, p. 66) afirma que, embora a noção de ditongo seja familiar, sua aplicação na descrição linguística ainda tem gerado conflitos entre os estudiosos, pois a “[...] noção de ditongo tem sido definida basicamente de dois modos, um com base na noção de silabidade e outro com base na noção de movimento articulatorio, associado a uma mudança da qualidade vocálica.” Logo, além da definição de um ditongo como sendo a ocorrência de dois segmentos vocálicos em uma mesma sílaba, como difundido majoritariamente, o ditongo pode ser entendido como a ocorrência de uma vogal que muda de qualidade¹ durante sua produção, sendo esta a definição mais adequada defendida pelo autor. O teórico faz ainda uma distinção entre um ditongo e um hiato, a saber:

Uma outra diferença entre um ditongo e uma sequência de duas vogais, além do fato de ocorrer uma fronteira silábica entre as duas vogais, reside no fato de o ditongo ter uma articulação muito específica e própria, diferente da articulação de duas vogais, uma após a outra.

O ditongo se realiza por um movimento contínuo da língua, indo de uma posição articulatória própria de uma vogal à posição articulatória própria de uma outra vogal, produzindo auditivamente um som vocálico de qualidade em constante mudança. (CAGLIARI, 2007, p. 69).

Outro ponto que difere um ditongo de um hiato, ou seja, de duas vogais separadas por um limite silábico, diz respeito ao tempo de duração do movimento articulatorio, que no caso da sequência de duas vogais é maior, como pode ser notado em ‘vou’ [vow] e ‘voo’ [vou]. É importante destacar que a realização de um encontro vocálico como um ditongo ou como um hiato não está engessado às regras gramaticais, mas também depende da percepção que o falante tem de sílaba, pois é comum encontrar palavras que são pronunciadas com ditongos por alguns falantes, ao passo que por outros são hiatos, como ‘rio’, que pode ser tanto pronunciado ‘rio’ como ‘ri.o’. Cagliari (2007, p. 70) enfatiza que “[...] um ditongo se distingue de uma sequência de vogais porque o ditongo ocorre numa única sílaba e a sequência de duas vogais ocorre com cada vogal em uma sílaba diferente.”

Outras definições de ditongo são encontradas em Weiss (1980) e Lima (2014). Para Weiss (1980, p. 52), o ditongo “[...] é uma seqüência de dois vocóides² numa sílaba (de timbres diferentes, mas de mesma sonoridade) pronunciados de uma só vez, sendo um deles mais proeminente.” Já de acordo com a *Gramática Normativa* de Lima (2014, p. 57, grifo do

¹ Qualidade vocálica é a característica das vogais que as tornam diferentes uma das outras. Para definir a qualidade de uma vogal, são utilizados parâmetros articulatorios como a altura da língua no eixo vertical, a posição da língua quanto à posterioridade ou anterioridade, ou ainda a posição do véu palatino. Qualquer alteração nos parâmetros articulatorios modifica a qualidade de uma vogal. (SILVA, 2015).

² Weiss (1980) utiliza os termos ‘vocóides’ e ‘contóides’ para designar os segmentos vocálicos e consonantais no nível fonético. Os termos ‘vogais’ e ‘consoantes’ são utilizados apenas no nível fonológico.

autor), o ditongo “[...] é a unidade fônica, formada de *vogal*, acompanhada de *i* ou *u* em função consonantal. Por outras palavras, o encontro da vogal e semivogal, ou vice-versa.”

Para Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2019, p. 66-67), os ditongos são formados por dois segmentos vocálicos em uma mesma sílaba, com duas possibilidades de sequência: vogal-semivogal ou semivogal-vogal. As sequências terminadas em semivogal são sempre inseparáveis e são chamadas de ditongos decrescentes, pois terminam pelo segmento de menor proeminência acentual como em ‘cai’ e ‘meu’. Já as sequências finalizadas em vogal são chamadas de ditongos crescentes, pois terminam com o segmento de maior proeminência acentual e podem constituir sílabas separadas, como em ‘farmácia’, que pode ser realizada como um ditongo ‘far.má.cia’ ou como um hiato ‘far.má.ci.a’.

Reunindo essas definições, elas podem ser sintetizadas como a ocorrência de dois segmentos vocálicos em sequência em uma mesma sílaba. De modo geral, os ditongos podem ser classificados como orais e nasais, e, também, como crescentes e decrescentes. Os ditongos crescentes apresentam a parte final do ditongo mais proeminente do que a inicial, ou seja, possuem a sequência *glide*-vogal como em ‘quase’; já os decrescentes apresentam a parte inicial do ditongo mais proeminente e possuem a sequência vogal-*glide* como em ‘pau’.

Alguns ditongos podem ser reduzidos a uma vogal e o *glide* não se manifesta foneticamente como em ‘caixa’, ‘peixe’ e ‘couve’ que podem ser reduzidos para ‘caxa’, ‘pexe’ e ‘cove’, respectivamente. Esse fenômeno fonológico em que um ditongo passa a ser produzido como um monotongo, ou seja, como uma única vogal, é chamado de monotongação (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2019; SILVA, 2014).

De acordo com Silva (2014), a redução de ditongos a monotongos não é livre e ocorre em contextos específicos e em diferentes classes gramaticais. Os ditongos [aj] e [ej]³ que potencialmente podem ser reduzidos não podem estar em final de palavra como em ‘sai’ e ‘sei’. Para o ditongo [ow] que pode ser reduzido para [o], a redução se dá em várias posições como em ‘cenoura’ > ‘cenora’ e ‘falou’ > ‘falô’. Além disso, alguns contextos são favoráveis para o processo de monotongação no PB: quando um ditongo decrescente [ej] é seguido de tepe [r], também chamado de ‘r fraco’, como em ‘feira’ > ‘fera’; quando [aj] e [ej] são seguidos de consoante fricativa alveopalatal surda [ʃ] como em ‘caixa’ > ‘caxa’ e ‘peixe’ > ‘pexe’, ou sonora [ʒ] como em ‘feijão’ > ‘fejão’. O ditongo [ow] tende a se realizar como [o] independente do contexto seguinte.

³ Silva (2014) transcreve tais ditongos como [aɪ], [eɪ] e [oʊ], ou seja, utiliza as notações fonéticas [ɪ ʊ] para representar os segmentos de menor proeminência acentual dos ditongos. Optamos por utilizar [j w] a fim de padronizar as transcrições utilizadas ao longo do trabalho.

Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2019) analisam e explicam o processo de monotongação por meio da teoria dos traços distintivos baseados na fonologia gerativa de Chomsky e Halle (1968). Primeiro, as autoras apresentam a regra que transforma as vogais altas /i u/ em *glides*:

$$\left(\begin{array}{l} - \text{consonantal} \\ + \text{silábico} \\ + \text{soante} \\ + \text{alto} \end{array} \right) \rightarrow \left(\begin{array}{l} - \text{consonantal} \\ - \text{silábico} \\ + \text{soante} \end{array} \right) / \left(\begin{array}{l} V \\ \pm \text{arred} \\ \pm \text{alto} \end{array} \right) \text{ —}$$

Esta regra especifica que as vogais altas /i u/ transformam-se em *glides* [j w] quando estão diante de vogais com os traços [± arred] e [± alto] na mesma sílaba.

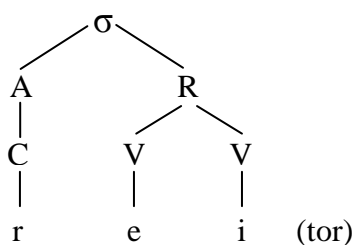
Considerando o ditongo [ej], como na palavra ‘p[ej]xe’ e ‘f[ej]ra’, que como citado tende a monotongar diante de fricativas e tepe, as autoras propõem a regra para o processo de apagamento do *glide* [j] diante de fricativas:

$$\left(\begin{array}{l} V \\ - \text{consonantal} \\ + \text{silábico} \\ - \text{alto} \\ - \text{baixo} \\ + \text{acento} \end{array} \right) + V' \rightarrow V / \text{ —} \left(\begin{array}{l} + \text{consonantal} \\ - \text{soante} \\ + \text{contínuo} \\ + \text{coronal} \end{array} \right)$$

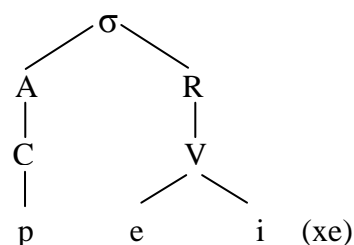
Esta regra estabelece que quando /e/ é seguido de *glide* (V'), esse *glide* é apagado e o ditongo é reduzido a uma vogal simples, quando essa sequência se encontra em sílaba acentuada diante de consoantes fricativas (traços [+cons], [-soante], [+cont], [+cor]).

Bisol (1999) afirma que no nível subjacente todas as semivogais são vogais altas que se tornam *glides* durante o processo de silabação. A autora também apresenta sua análise para o apagamento do *glide* do ditongo [ej] e afirma que os ditongos decrescentes que variam com monotongos, como em p[ej]xe ~ p[e]xe, são analisados como ditongos leves, ou falsos ditongos, e são ligados a um único elemento V, ao passo que os verdadeiros ditongos, aqueles que não são passíveis de redução, como em r[ej]tor - *r[e]tor, são ligados a dois elementos V, conforme representação adaptada de Bisol (1999).

a) Verdadeiro ditongo

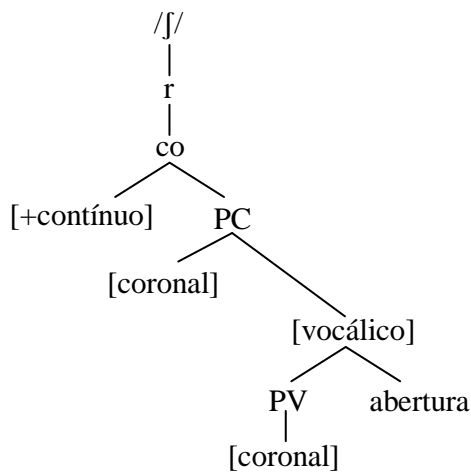


b) Ditongo leve (falso ditongo)

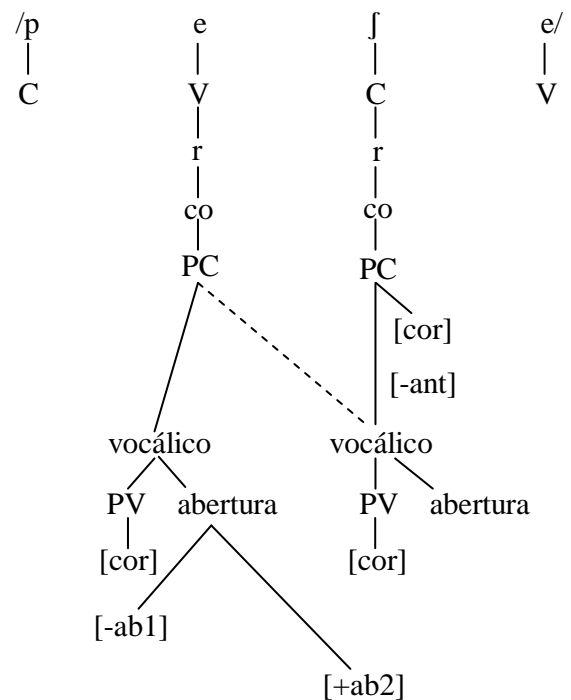


No exemplo (b), a autora afirma que um ditongo leve ou falso ditongo surge diante de consoante palatal, porque esta é uma consoante com articulação secundária, que de acordo com a Geometria de Traços de Clements, possui tanto traços consonantais quanto traços vocálicos que podem espriar-se, como acontece com o traço secundário da palatal /j/ precedido de /e/ ou /a/, conforme representações feitas por Bisol (1999).

Representação de /j/ na Geometria de Traços de Clements e Hume (1995)



Representação do espriamento vocálico



Muitos são os ditongos que ocorrem no PB e é impossível dar conta de todos eles em um único estudo. Os ditongos investigados neste trabalho são os ditongos decrescentes orais mais recorrentes no PB e que variam com monotongos, sendo eles /aj/, /ej/ e /ow/. Como o fenômeno em variação é no nível fonético-fonológico, os dados dos *corpora* devem ser transcritos de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional – IPA (*International Phonetic Alphabet*) e, portanto, seguem alguns padrões de transcrição, como já utilizado no trabalho e possivelmente percebido. Transcrição entre colchetes [] indica que se trata do nível fonético, ou seja, de como o som é efetivamente produzido. Transcrição entre barras / / indica que se trata do nível fonológico, ou seja, que os segmentos entre barras representam fonemas. Palavras entre aspas simples indicam menção, forma ortográfica ou forma grafemática.

Foneticamente, os segmentos de menor proeminência acentual de um ditongo podem ser transcritos como [ɪ] e [j] para a alta anterior, e [ʊ] e [w] para alta posterior. Fonologicamente, esses segmentos podem ser transcritos como vogais altas /i u/ ou como as

aproximantes /j w/. Há, ainda, quem utilize as notações [y] e /y/ para a alta anterior. Essas diferentes transcrições não se tratam apenas de formas de representar um segmento, mas de diferentes análises que podem ser feitas dos segmentos que formam os ditongos.

Para Bisol (1999), o *glide* é um segmento que fica na coda silábica e, portanto, ocupa a posição de consoante. Já para Camara Júnior (2015 [1970]), o *glide* é um segmento vocálico representado pelas vogais /i/ e /u/. Em seus argumentos, o autor considera a facilidade de alguns ditongos passarem a monotongos, e a da passagem do /i/ assilábico para /e/ como na palavra ‘papáê’ falada por crianças. Considera, ainda, a distribuição do ‘r’ no PB, que se realiza como ‘r fraco’ /r/ somente entre vogais como em ‘caro’; quando ‘r’ é precedido de consoante ele se realiza como ‘r forte’ como em ‘Israel’. Palavras como ‘Laura’, que possuem um ditongo decrescente seguido de /r/, levam a interpretar o *glide* como uma vogal.

Não há consenso sobre o *status* fonológico dos *glides* no PB, e todas essas leituras são possíveis. A interpretação dos *glides* como vogais ou consoantes dependerá da análise que se faz desses segmentos na estrutura silábica de uma língua e do ponto de vista teórico adotado pelo linguista. Como o comportamento do *glide* na estrutura silábica não é o foco deste trabalho, e sim a realização variável dos ditongos orais decrescentes no falar manauara sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, essa discussão fica para outro momento.

Dado que a maioria dos trabalhos variacionistas sobre o fenômeno em estudo utiliza as notações /j w/ para representar os *glides*, optamos por utilizá-las neste trabalho.

Após fazer algumas considerações sobre os ditongos que podem ser reduzidos no PB, partimos para uma perspectiva variacionista sobre as alternâncias [aj] ~ [a], [ej] ~ [e] e [ow] ~ [o] em estudos empíricos a fim de identificar a utilização dessas variantes e quais os grupos de fatores, sejam eles linguísticos ou extralinguísticos, podem contribuir para a ocorrência da monotongação dos ditongos em estudo.

2.3 Pesquisas sobre a monotongação dos ditongos decrescentes no Brasil

Várias pesquisas variacionistas envolvendo a monotongação foram feitas no Brasil indicando que certos ditongos decrescentes tendem a ser reduzidos na fala, havendo variação entre formas como ‘caixa’ ~ ‘caxa’, ‘peixe’ ~ ‘pexe’, e ‘chegou’ ~ ‘chegô’, em que, a depender do ditongo e do contexto, há maior utilização das formas reduzidas, e em alguns casos, como o do ditongo /ow/, o uso da forma reduzida chega a ser quase categórico na fala de algumas regiões do país.

Dos estudos feitos no Brasil, destacam-se os trabalhos do Quadro 2.

Quadro 2 - Estudos empíricos no Brasil

Estudos empíricos envolvendo a monotongação no Brasil		
<i>Pesquisador</i>	<i>Título</i>	<i>Informações gerais</i>
Rosa Assis Veado (1983)	Redução do ditongo: uma variável sociolinguística	Analisou as alternâncias de [ow]~[o] e [ej]~[e] na fala casual e formal em Belo Horizonte.
Silvio Cabreira (1996, 2000)	A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre	Analisou a monotongação de /aj/, /ej/ e /ow/ em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba com dados do VARSUL.
Raquel Lopes (2002)	A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA	Investigou a realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ em Altamira-PA com dados do projeto ALIPA - <i>Atlas Geo-Sociolinguístico do Estado do Pará</i> .
Gerusa Pereira (2004)	Monotongação dos ditongos /aj/, /ej/, /ow/ no português falado em Tubarão (SC): estudo de casos	Investigou o apagamento das semivogais /j/ e /w/ dos ditongos orais /aj/ /ej/ e /ow/ em textos orais de Tubarão (SC).
Marisa Porto do Amaral (2005)	Ditongos variáveis no sul do Brasil	Analisou a variação do ditongo [ej] em três cidades de diferentes colonizações no Rio Grande do Sul – Flores da Cunha, Panambi e São Borja –, com dados do Projeto VARSUL.
Solange Carlos Carvalho (2007)	Estudo variável do apagamento dos ditongos decrescentes orais na fala do Recife	Investigou o apagamento dos <i>glides</i> /j/ e /w/ dos ditongos decrescentes orais /aj/, /ej/, /oj/, /aw/, /ew/, /ow/ na fala de Recife.
Eduardo Elisalde Toledo (2011)	A monotongação do ditongo crescente [ej] em amostra de recontato de Porto Alegre	Analisou a monotongação de [ej] em Porto Alegre com informantes do banco de dados do Projeto NURC, entrevistados nos anos 1970 e recontatados no final dos anos 1990 pelo projeto VARSUL, fazendo uma análise em tempo real.

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

A seguir, apresentamos brevemente algumas dessas pesquisas e seus principais resultados.

Em seu estudo-piloto, Veado (1983) analisou as alternâncias de [ow]~[o] e [ej]~[e] em diferentes situações de fala – casual, formal e leitura – da região metropolitana de Belo Horizonte. A autora não cita o número de informantes de sua amostra, apenas que foram estratificados socialmente por: classe (média e alta), sexo (masculino e feminino) e idade

(jovens, adultos e velhos). Os condicionadores estruturais controlados pela pesquisadora foram: ‘segmento seguinte’, ‘posição que ocupa no léxico’ e ‘acentuação’; os não estruturais foram: ‘classe social’, ‘idade’ e ‘sexo’. Os resultados foram divididos entre a fala casual, fala cuidada (obtida por meio de noticiários de TV) e testes de leitura. Na fala casual não foram encontrados contextos estruturais bloqueadores para a redução dos ditongos, uma vez que a variante [o] ocorreu em 99% das ocorrências e [e] em 98,9%, independentemente de qualquer condicionador linguístico. Os condicionadores não estruturais também não apresentaram influência na redução dos ditongos.

Na fala cuidada, retirada de noticiários, os resultados foram diferentes. O ditongo [ow] reduziu para [o] em 63,9% dos dados, enquanto [ej] reduziu para [e] em 46,6%. Sobre o ditongo [ow], quanto à ‘acentuação’, o traço ‘[+acento]’ favoreceu a redução em 67,8% das ocorrências. Quanto à ‘posição no léxico’, o ambiente favorecedor para a redução foi ‘final de palavra’ com 78,7% das ocorrências, embora a autora afirme que não se pode dizer que as outras posições são desfavorecedoras, já que a frequência foi acima dos 40,0%. Sobre o ‘segmento seguinte’, excluindo o ambiente ‘final de palavra’, restaram poucos dados ocupados pelos itens lexicais ‘outro’, ‘pouco’ e ‘ouvi’, não sendo possível afirmar se o contexto seguinte tem influência na redução do ditongo [ow]. Sobre [ej], quanto à ‘acentuação’, o traço [+acento] também favoreceu a redução para [e] e ocorreu em 51,48% dos dados. Quanto à ‘posição no léxico’, a ‘posição final’ se mostrou como bloqueadora para a redução. Devido ao número reduzido de dados, não foi possível avaliar o favorecimento nas demais posições. Em relação ao ‘segmento seguinte’, o ambiente favorecedor para a redução foi o ‘tepe’. Nos testes de leitura, os resultados gerais mostraram que houve redução para [o] em 38,3% dos dados e para [e] em 28,7%. Separando a leitura em ‘leitura de texto’ e ‘leitura de palavras’, no primeiro caso, a variante [o] obteve 54,6% de frequência, e [e] ocorreu em 41,6% dos dados, resultados próximos ao da fala cuidada; já no segundo caso, na leitura de palavras, a frequência de redução caiu consideravelmente, em que a variante [o] ocorreu em 23,8% dos dados, e a variante [e] em 18,3%.

Para a autora, a redução de ditongo não é influenciada por idade, sexo e classe social. O que tem peso decisivo para a redução dos ditongos é uma situação de fala marcada por traços ‘[+coloquial]’ e ‘[+casual]’, ou seja, em situações de fala espontânea. Embora a autora não faça explicitamente uma análise da variação estilística, os dados demonstram que somente em registros formais de fala, ou seja, em estilos mais monitorados, é que os ditongos são mantidos, embora nunca categoricamente. É importante destacar que a autora não utilizou programa estatístico para a análise dos dados, embora fale de “favorecimento” e

“desfavorecimento” para a redução dos ditongos. Seus resultados refletem, portanto, apenas a frequência de uso das variantes na amostra analisada.

Lopes (2002) investigou a realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ em Altamira (PA) com dados do projeto *ALIPA - Atlas Geo-Sociolinguístico do Estado do Pará*, no qual analisou entrevistas de 40 informantes estratificados de acordo com ‘sexo’ (masculino e feminino), ‘escolaridade’ (não escolarizado, ensino fundamental, ensino médio), ‘idade’ (15 a 25 anos, 26 a 45 anos e 46 a 70 anos) e ‘renda’ (baixa e média). Em termos de frequência de uso, para o ditongo /ow/, a forma reduzida [o] ocorreu em 95% dos dados, já para /ej/ houve 54% de ocorrência da forma [e], o que indica que os contextos para redução de [ej] são bem mais específicos do que para a redução de [ow]. Os grupos de fatores linguísticos controlados na pesquisa foram: ‘classe morfológica’, ‘posição do ditongo no vocábulo’, ‘tonicidade’, ‘localização do ditongo na estrutura morfológica da palavra’, ‘contexto fonético seguinte’, ‘contexto fonético precedente’, ‘natureza de origem/uso do vocábulo’ e ‘*status* fonológico do ditongo’; e os extralinguísticos foram: ‘sexo’, ‘idade’, ‘escolaridade’ e ‘renda’.

Para o ditongo /ow/, o programa estatístico selecionou somente três variáveis linguísticas como relevantes para o uso da variante reduzida: ‘a posição do ditongo no vocábulo’, em que o fator favorecedor foi a ‘posição final’ com 99% de frequência e peso relativo de 0,77; o ‘contexto fonético seguinte’, em que o fator ‘velar [k]’ foi o mais favorecedor para a aplicação da regra, com 93% e 0,87, seguido do fator ‘bilabial [p, b]’, com 98% e 0,86; e ‘contexto fonético precedente’, em que a monotongação se mostrou favorecida quando [ow] é precedido de ‘tepe’, com 97% de frequência e peso relativo de 0,83, e de ‘pausa’, com 96% e 0,70. Das variáveis sociais, apenas a ‘escolaridade’ foi selecionada e o fator ‘não escolarizado’ foi o favorecedor para redução atingindo 99% de frequência e peso relativo 0,82. Seus resultados apontam a monotongação para [o] como um fenômeno bastante difundido em Altamira (PA).

Acerca de /ej/, os condicionamentos foram diferentes. Das oito variáveis linguísticas controladas, foram selecionadas apenas três, conforme ordem de relevância: ‘localização do ditongo na estrutura morfológica da palavra’, ‘contexto fonético seguinte’ e ‘natureza de origem/uso do vocábulo’. A primeira variável selecionada mostrou a influência de fatores de natureza morfológica na redução de [ej] e apontou que ditongos localizados na base da palavra, como em ‘peixe’, se mostraram mais favorecedores à redução com 55% de frequência e peso relativo de 0,70, enquanto ditongos localizados em sufixo, como em ‘fazendeiro’, desfavoreceram a aplicação da regra com peso relativo 0,14. Para o grupo de fatores ‘contexto fonético seguinte’, o ditongo [ej] tende a ser reduzido a [e] diante de ‘tepe’

com peso relativo de 0,99, seguido das ‘fricativas /j ʒ/’, 0,64. A variável ‘natureza de origem/uso do vocábulo’ procurou analisar se a redução se apresentava de modo diferente em palavras consideradas eruditas ou de uso restrito, em comparação com palavras de usos mais gerais e populares. Os fatores desse grupo foram ‘comum’, como ‘dinheiro’, e ‘específico’, como ‘Queiroz’, por exemplo. Os resultados mostraram que há maior probabilidade de redução em palavras consideradas ‘comuns’, com peso relativo de 0,53, enquanto palavras de uso ‘específico’ tendem a bloquear a redução, com 0,00. Das variáveis sociais, a ‘escolaridade’ também foi a única selecionada como relevante para a aplicação da regra, em que falantes não escolarizados utilizaram mais a forma reduzida, com 56% de frequência e 0,66 de peso relativo. A autora conclui que a redução do ditongo /ow/ é um processo bem mais geral do que a do ditongo /ej/ e, além da influência de grupos de fatores internos, a redução desses ditongos está intimamente ligada ao nível de escolarização do falante.

Pereira (2004) investigou o apagamento das semivogais /j/ e /w/ dos ditongos orais /aj/ /ej/ e /ow/ na fala de Tubarão (SC) com dados do *Projeto PROCOTEXTOS/UNISUL*. Foram analisadas entrevistas, as quais a autora chamou de ‘*Corpora 1*’, de 14 informantes estratificados de acordo com a ‘faixa etária’ (crianças, adultos e idosos) e ‘sexo’ (masculino e feminino) da zona urbana de Tubarão. Além disso, para correlação com os resultados obtidos nos ‘*Corpora 1*’, foram analisados textos orais de telenovelas (*Corpora 2*), textos orais de publicidade (*Corpora 3*) e textos escritos por informantes tubaronenses na fase inicial da aquisição da escrita (*Corpora 4*). As variáveis independentes linguísticas controladas na pesquisa, apenas nas 14 entrevistas, foram: ‘classe de palavras’, ‘tipo de vogal do ditongo’, ‘contextos fonológicos anteriores’ e ‘contextos fonológicos seguintes’. As variáveis extralinguísticas controladas foram: ‘idade’, ‘sexo’, ‘escolaridade’ e ‘localização geográfica’. A pesquisadora não usou programa estatístico e seus resultados foram apresentados apenas com o número de ocorrências e o percentual de monotongação de cada ditongo analisado. Tirando os dados excluídos, que incluíam ditongos verdadeiros, palavras monossílabas e interjeições, restaram 75 dados para o ditongo /aj/, 573 para /ej/ e 572 para /ow/. Seus resultados apontaram que as variáveis independentes controladas, linguísticas e extralinguísticas, não tiveram qualquer efeito no processo de monotongação dos ditongos em estudo, uma vez que o apagamento das semivogais foi categórico em todos os ditongos analisados, atingindo 100% de monotongação, ou seja, não houve variação nos dados analisados. Nos *corpora* correlatos, o apagamento dos *glides* também foi quase categórico. Houve apenas uma ocorrência com a presença da semivogal em textos de novela e quatro em textos escritos.

Amaral (2005) analisou a variação do ditongo oral decrescente [ej] em três cidades de diferentes colonizações no Rio Grande do Sul: Flores da Cunha (colonização italiana), Panambi (colonização alemã) e São Borja (fronteira com a Argentina e contato com a língua espanhola) com dados do *Projeto VARSUL*, em uma amostra de 42 informantes estratificados de acordo com a idade (menos de 50 anos e mais de 50 anos) e escolaridade (primário, ginásio e 2º grau). As variáveis independentes linguísticas controladas na pesquisa foram: ‘classe de palavra’, ‘contexto fonológico seguinte’, ‘posição do ditongo’, e ‘tonicidade’; as variáveis extralinguísticas foram: ‘faixa etária’, ‘grupo geográfico’ e ‘escolaridade’. O programa estatístico selecionou a variável ‘contexto seguinte’ como a mais importante para a monotongação de [ej] em que o fator ‘tepe’ se mostrou mais favorável para a aplicação da regra com 97% de frequência e peso relativo de 0,68, seguido do fator ‘palato-alveolar’ com 91% e 0,56. A autora argumenta que a influência desses contextos na redução dos ditongos pode ocorrer em virtude de tais segmentos consonantais possuírem um maior número de traços vocálicos. A ‘faixa etária’ também se mostrou favorecedora para a monotongação e apontou que os mais jovens tendem a reduzir mais os ditongos (0,62). Quanto à ‘tonicidade’, os resultados apontaram que a monotongação é mais favorecida na sílaba ‘átônica’, com peso relativo de 0,92 na ‘postônica’, e de 0,55 na ‘pretônica’. O último grupo de fatores selecionado foi ‘classe de palavras’ e foi constatado que o fator ‘não verbo’ favorecia a aplicação da regra com peso relativo 0,65 e frequência de 81%, em oposição ao fator ‘verbo’ com 6% de frequência e 0,41 de peso relativo. As variáveis ‘posição do ditongo’, ‘escolaridade’ e ‘grupo geográfico’ não se mostraram significativas e não foram selecionadas pelo programa. A autora conclui que a monotongação é condicionada mais por fatores linguísticos do que sociais.

Carvalho (2007) investigou o apagamento dos *glides* /j/ e /w/ dos ditongos decrescentes orais /aj/, /ej/, /oj/, /aw/, /ew/, /ow/ na fala de Recife. Para a pesquisa, foram selecionados 48 informantes, homens e mulheres, metade residente em bairros de periferia e metade em bairros centrais, divididos em três grupos etários (17 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 em diante), e com dois níveis de escolarização (até 4 anos e mais de 4 anos). Os dados foram coletados por meio de entrevista, leitura de textos e de lista de palavras. Seus resultados não apresentaram diferença entre a fala mais espontânea durante a entrevista e a fala monitorada pela leitura. As variáveis independentes não estruturais controladas na pesquisa foram: ‘sexo’, ‘faixa etária’, ‘escolaridade’ e ‘localização de moradia’; e as estruturais foram: ‘posição do ditongo’, ‘tonicidade’, ‘contexto precedente’, ‘contexto seguinte’ e ‘classe gramatical’. A

autora não faz uma análise específica da realização variável de cada ditongo, mas agrupa os dados de acordo com as ocorrências de /j/ e /w/ e assim apresenta os resultados.

Para o *glide* /j/, o programa selecionou como significantes as variáveis não estruturais ‘sexo’, ‘escolaridade’ e ‘faixa etária’; e as variáveis estruturais ‘posição do ditongo’, ‘contexto fonológico seguinte’ e ‘classe de palavra’. Embora a diferença não tenha sido alta, as mulheres usaram mais a forma com o apagamento do *glide*, com 72% de frequência e peso relativo 0,57, do que os homens, 75% e 0,42. Para a variável ‘escolaridade’, os falantes com menos escolaridade favoreceram a aplicação da regra, 83% e 0,72, enquanto os mais escolarizados a desfavoreceram, 67% e 0,33. O último grupo de fatores sociais selecionado foi ‘faixa etária’, em que a segunda faixa, de 26 a 49 anos, se mostrou favorecedora para o apagamento de /j/ com 79% de frequência e peso relativo de 0,69. Para as variáveis estruturais, a mais significativa, segundo o programa estatístico, foi a ‘posição do ditongo’, em que o fator ‘meio de palavra’ foi o mais favorecedor para o apagamento de /j/ com 0,66 de peso relativo e 86% de frequência. Acerca da variável ‘contexto fonológico seguinte’, os fatores mais influenciadores para o apagamento foram o ‘tepe’ (0,56), seguido das ‘palatais’ (0,54). Para o grupo ‘classe gramatical’, o fator ‘substantivo’ foi o que mais favoreceu o apagamento do *glide* (0,57), perdendo apenas para ‘outros’ (0,69) em virtude da junção dos fatores ‘numeral’, ‘pronomes’ e ‘conjunção’ que apresentaram *knockouts*⁴ nas rodadas iniciais.

Já para o *glide* /w/, que sofreu mais apagamento nesse estudo, foram selecionadas como relevantes as variáveis não estruturais: ‘escolaridade’, ‘faixa etária’ e ‘localização de moradia’; e as estruturais: ‘tonicidade’, ‘contexto fonológico precedente’ e ‘contexto fonológico seguinte’. Assim como nos resultados de apagamento de /j/, os falantes com menos escolaridade apagaram mais o /w/, com 83% de frequência e peso relativo 0,58. No grupo ‘faixa etária’, o fator favorecedor também foi a segunda faixa com 83% e peso relativo 0,63. Sobre a ‘localização de moradia’, falantes de bairros do subúrbio, que apresentavam menor poder aquisitivo, aplicaram mais a regra de apagamento (0,57) do que falantes de bairros centrais (0,37). Quanto às variáveis estruturais, a ‘tonicidade’ foi a primeira variável selecionada como favorecedora para o apagamento do *glide*, em que ditongos localizados em sílabas tônicas se mostraram mais favorecedores (0,59) do que em pretônicas (0,39). Para o ‘contexto fonológico precedente’, que identifica o ditongo, o fator mais favorecedor foi ‘vogal posterior o’ com 0,64 de peso relativo e 80% de frequência, ou seja, o ditongo /ow/ apresentou maior grau de apagamento do *glide*, seguido de /ew/ (0,15) e /aw/ (0,12). Para o

⁴ Em análise estatística, *knockout* corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente, ou seja, significa regra categórica em determinado contexto. (GUY; ZILLES, 2007).

‘contexto fonológico seguinte’, o fator ‘fricativa labial /f, v/’ apresentou maior favorecimento para o apagamento de /w/ (0,80), seguido de ‘tepe’ (0,57). Os demais contextos ficaram próximos da neutralidade ou desfavoreceram a aplicação da regra. A autora deixa explícito que não houve separação entre falsos e verdadeiros ditongos, o que pode ter interferido nos resultados, elevando o grau de realização dos ditongos na comunidade de fala estudada.

2.4 A monotongação dos ditongos decrescentes no Amazonas

Dos estudos realizados no Amazonas, especificamente, destacam-se o de Cruz (2004), de Justiniano (2012) e de Silva (2017).

Cruz (2004) realizou um estudo dialetológico para a construção do *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*. A autora investigou a monotongação de [ej] e [ow] em nove pontos de inquérito, cada um representando uma das nove Microrregiões do Estado do Amazonas⁵, sendo eles: Barcelos, Tefé, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea, Humaitá, Manacapuru, Itacoatiara e Parintins. Cada ponto de inquérito contou com seis informantes, sendo um homem e uma mulher para cada uma das faixas etárias: faixa 1, de 18 a 35 anos; faixa 2, de 36 a 55 anos; e faixa 3, de 56 anos em diante, analfabetos ou até 4 anos de escolarização. Nessa pesquisa, foram elaboradas questões para investigar a redução de [ej] a [e] e de [ow] a [o]/[u]. A investigação aponta que o ditongo [ej], mesmo nos contextos considerados de redução, diante de [j] e [r], obteve índices significativos de manutenção. Nas oito cartas linguísticas, a forma [ej] se manteve em 58,34% das ocorrências, enquanto a forma reduzida [e] ocorreu em 41,66%. Para o ditongo [ow], cuja redução a [o] é apontada como praticamente categórica no PB, foram elaboradas cinco cartas linguísticas e o ditongo foi mantido em 49,30% dos dados, em variação com a monotongação para [o] com 49,40% de frequência. Houve ainda poucos casos de redução a [u] e a vogal de timbre intermediário entre [o] e [ɔ]. Ao contrário do que ocorre em outras regiões, a autora conclui que a manutenção dos ditongos [ej] e [ow] ainda é bastante produtiva nos falares amazonenses. No que se refere ao índice de monotongação de acordo com a estratificação social dos informantes por ‘sexo’, ‘idade’ e ‘escolaridade’, a autora não faz considerações. Devemos destacar, ainda, que por se tratar de um estudo dialetológico, a pesquisadora não controlou variáveis independentes linguísticas e não utilizou programa estatístico.

⁵ Cruz (2004) utilizou a divisão em microrregião que se encontra na Constituição de 1988. Desde então, essa divisão sofreu diversas alterações e, em 2017, o IBGE extinguiu as mesorregiões e microrregiões criando novas divisões chamadas de regiões geográficas intermediárias e imediatas, respectivamente. (IBGE, 2017b).

Justiniano (2012) investigou a realização dos ditongos /ej/ e /ow/ nas cidades de Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira em seu estudo dialetológico para o *Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARiN*. Foram seis informantes em cada localidade, sendo um homem e uma mulher para cada uma das três faixas etárias, as mesmas do *ALAM*, de Cruz (2004). Os resultados gerais apontaram que no Alto Rio Negro prevalece a monotongação. Dos treze vocábulos para a investigação de /ej/, a média percentual de monotongação foi de 54,97% contra 45,03% de manutenção de ditongo. Como se trata de um estudo dialetológico, não foram controlados fatores linguísticos como ‘contexto seguinte’, por exemplo, no entanto, a autora destaca que a redução ocorreu em maior número em palavras com contextos propícios para a redução, como diante de [j] e [r], e apenas uma carta linguística, a do vocábulo ‘cheio’, não apresentou redução do ditongo. Outro fato interessante foi a redução de [ej] na palavra ‘leite’, que ocorreu em 75% dos dados analisados. Em relação à ‘faixa etária’, os falantes mais jovens, da faixa 1 e 2, apresentaram maior índice de redução, ou seja, a monotongação é mais evidente entre os jovens. Acerca do ‘sexo’, as mulheres apresentaram maior percentual de manutenção do ditongo, com 68% de realização de [ej], mostrando-se mais conservadoras. Para o ditongo /ow/, a realização [o] se mostrou mais produtiva, com uma média percentual de 83,33% contra 16,67% de manutenção da forma [ow]. Das seis cartas linguísticas para a investigação de /ow/, o número de realizações da forma reduzida foi bastante elevado, chegando a ser categórico no vocábulo ‘roupa’ com 100% de redução para ‘ropa’. Resultados de /ow/ referentes à ‘idade’ e ‘sexo’ não foram apresentados pela autora, talvez por não se mostrarem significativos.

Silva (2017) investigou a realização de /ej/ e /ow/ com foco na interferência da fala na escrita em textos de alunos do ensino médio integrado ao técnico do IFAM – *Campus Manaus Zona Leste*, em Manaus (AM). Foram analisados 292 textos de alunos das três séries do ensino médio, estratificados por sexo. Os dados do *corpus* não foram submetidos à análise de programa estatístico, apenas do Excel, por isso os resultados são apresentados somente em percentuais. De forma geral, para as ocorrências do ditongo /ej/ em textos escritos houve 10,26% de monotongação contra 89,74 de manutenção. Já para /ow/, houve 8,91% de monotongação e 91,09% de manutenção. Quanto às variáveis independentes sociais, foram controlados o ‘nível escolar’ e o ‘sexo’. O ‘contexto fonológico seguinte’ foi a única variável independente linguística controlada na pesquisa, porém, os fatores foram diferentes para cada ditongo. Para o ditongo /ej/, os fatores controlados foram ‘tepe [r]’, ‘fricativa palatal surda [j]’ e ‘fricativa palatal sonora [ʒ]’. O contexto seguinte que apresentou maior índice de ocorrência foi o da ‘fricativa palatal surda [j]’, com 12,96%, seguido do ‘tepe [r]’ com 9,91%. Para /ow/,

os fatores controlados foram ‘oclusiva labial [p, b, v]’, ‘tepe [r]’, ‘coronal - menos tepe [t, s]’, ‘dorsal [k]’ e ‘final absoluto’. O contexto ‘final absoluto’ apresentou maior índice de frequência com 11,92% o que corresponde a 88 dados de 738 ocorrências. Nos demais contextos praticamente não houve monotongação, ocorrendo em apenas um dado seguido de ‘labial’. Para os dois ditongos, a variável social ‘nível escolar’ apresentou resultados semelhantes, uma vez que a frequência de uso da forma reduzida diminuiu na medida em que os alunos avançavam de série. Para a variável ‘sexo’, os homens apresentaram maior índice de apagamento da semivogal, 13,83%, enquanto as mulheres apagaram em apenas 6,77% dos dados. Em relação ao ditongo /ow/, não houve diferenças expressivas entre homens e mulheres para a monotongação. A autora conclui que diferentemente da fala, a monotongação é pouco produtiva na escrita e ocorre em maior número nas primeiras séries do ensino médio e diminui à medida que os alunos avançam de série.

Poucas são as pesquisas sobre a realização variável dos ditongos no Amazonas. Os estudos consultados possuem focos e metodologias diferentes. O de Cruz (2004) e de Justiniano (2012) são pesquisas dialetológicas que utilizaram apenas aplicação de Questionário Fonético-Fonológico para a coleta de dados, com um número limitado de itens lexicais com os ditongos em estudo por informante, e sem o controle de variáveis independentes linguísticas. O de Silva (2017) é voltado para a escrita. Desse modo, foi necessário realizar um estudo sobre a realização variável dos ditongos orais decrescentes /aj/, /ej/ e /ow/ com dados de fala de Manaus sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista.

2.5 Pesquisas com foco na variação estilística

Dos trabalhos envolvendo a monotongação expostos nas seções anteriores, apenas as pesquisas de Veado (1983) e de Carvalho (2007) apresentaram análises em diferentes registros de fala. Para melhor compreensão do eixo estilístico da variação, apresentamos dois estudos empíricos com foco no estilo, em outros níveis gramaticais, mas que merecem destaque por contribuírem para um melhor entendimento do controle de variáveis estilísticas.

Tavares (2014) investigou a variação estilística por meio do uso dos sequenciadores *e*, *aí* e *então* produzidos em 24 entrevistas sociolinguística feitas em Florianópolis (SC), pertencentes ao VARSUL. A autora abordou a questão da formalidade pelo viés do gênero textual como índice de variação estilística entre os conectores considerando a ‘narrativa de experiência pessoal’ e o ‘relato de opinião’. Sobre o grau de formalidade de cada gênero dentro da entrevista, a autora afirma que a narrativa de experiência pessoal é uma narrativa

não ficcional em que o narrador conta algo envolvendo a si mesmo, geralmente de ocorrências únicas do passado, de forma pontual e que representam eventos extraordinários na vida do informante que lhe causaram alguma emoção, estando, assim, no nível da informalidade; já no relato de opinião, ocorre a defesa de um ponto de vista do falante sobre determinado tema com predominância de sequências argumentativas, estando, portanto, no nível da formalidade.

A autora controlou grupos de fatores linguísticos e sociais, porém os resultados aqui apresentados são apenas os que dizem respeito ao estilo. Para a variação estilística, a hipótese inicial era de que o uso dos conectores pode ser influenciado pelo gênero textual em razão do grau de formalidade de cada um, ou seja, o conector *aí* seria mais utilizado nas narrativas de experiência pessoal e os conectores *e* e *então* em relato de opinião. Os resultados mostraram que a hipótese foi confirmada, uma vez que o conector *aí* apresentou 64% frequência de uso e peso relativo de 0,63 em narrativas de experiência pessoal, enquanto os conectores *e* e *então* tiveram seu uso desfavorecido nesse gênero, sendo mais utilizados em relatos de opinião, gênero considerado mais formal, atingindo 48% de frequência e peso relativo de 0,56 para *e*, e 44% e 0,63 para *então*. Tais resultados mostraram que há uma correlação entre gêneros textuais e variação estilística, já que em narrativas de experiência pessoal predominou a utilização do conector *aí*, considerados mais informais; e em relatos de opinião predominou o emprego de *e* e *então*, considerados mais formais.

Berlinck, Biazolli e Balsalobre (2014) investigaram a correlação entre gêneros de jornal e variação linguística com a mudança de estilo por meio de clíticos pronominais, preposições e formas de tratamento. Os gêneros textuais analisados foram editoriais, notas e “colunas de mexerico” de jornais produzidos entre o final do século XIX e o início do século XX, sendo eles: *A Província de São Paulo*, que mais tarde passou a se chamar *O Estado de São Paulo*, direcionado a uma elite letrada e favorecida; e os jornais *O Getulino*, *O Alfinete* e *O Clarim d’Alvorada*, pertencentes à chamada *Imprensa Negra*, um movimento da comunidade negra que propunha a organização de sua classe social a fim de garantir a inserção da comunidade na sociedade paulista da época. A hipótese da pesquisa era de que há diferenças na proporção de uso de variantes linguísticas dependendo do gênero analisado. Os diferentes textos foram organizados em um *continuum* estilístico que representam uma escala que vai do maior monitoramento e maior formalidade até o extremo oposto com menor monitoramento e menor formalidade. Utilizando critérios como ‘objetivos comunicativos’, ‘temática abordada’, ‘presença ou ausência do interlocutor no texto’ e ‘grau de subjetividade’, as autoras relacionaram as notas como espaços mais conservadores e formais, o caráter mais

subjetivo/autoral dos editoriais às variantes mais inovadoras e as colunas de mexerico como o gênero de inovação e informalidade.

Sobre os clíticos pronominais, foram apresentados os resultados apenas dos jornais *A Província de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* considerando os vários gêneros produzidos no jornal, mas dando destaque às notas e aos editoriais. Os dados selecionados foram apenas os que apresentavam o clítico pronominal em lexias verbais simples, totalizando 2.785 dados, distribuídos entre pronomes na posição pós-verbal (1.802) e pronomes na posição pré-verbal (983). Os resultados indicaram maior predominância da próclise no gênero ‘editorial’ com peso relativo 0,83, enquanto a ênclise obteve 0,16; já para o gênero ‘nota’, o peso relativo foi de 0,49 para próclise e 0,50 para ênclise. As autoras justificam tais resultados pelo fato de o gênero ‘editorial’ apresentar um traço mais persuasivo e subjetivo para que o leitor adote a opinião veiculada, favorecendo o uso da próclise; já por apresentar um traço informativo maior, com transmissão direta e objetiva da mensagem, a ‘nota’ favorece o uso de ênclise. No entanto, as autoras afirmam que não é possível confirmar essa proposta, sobretudo em relação ao gênero ‘nota’, já que os pesos para próclise e ênclise foram bem próximos do ponto neutro.

Sobre as preposições, foram analisados os usos de *para* e *a*, especialmente os casos em que *para* ocupa o espaço de *a* como introdutora de complementos que funcionam como argumento de predicadores verbais, como em ‘os médicos disseram *aos* jornalistas [...]’ ~ ‘os médicos disseram *para* os jornalistas [...]’. Os dados foram retirados de *O Estado de São Paulo* e de *O Getulino* do início do século XX. Os resultados revelaram que, àquela época, a preposição *para* já aparecia junto de complementos verbais tanto em editoriais quanto em notas. Esperava-se que a tendência de uso se apresentasse de forma semelhante nos dois jornais, com maior uso de *para* nos editoriais, porém os resultados se apresentaram de forma inversa. No *Getulino*, jornal mais popular, o uso de *para* foi favorecido no gênero ‘editorial’ com peso relativo de 0,60. Porém, no *Estado*, jornal da elite, a mesma preposição apresentou maior favorecimento no gênero ‘nota’, considerado mais formal, com 0,61. As distinções entre os gêneros, neste caso, não foram decisivas para explicar a variação das preposições.

De acordo com as autoras, as notas são relatos curtos de um acontecimento e reportam os fatos relacionados à sociedade da época com uma temática variada e rotineira, como informações sociais e notas de falecimento, e apresentam baixo grau de subjetividade; já os editoriais discutem assuntos de maior repercussão, como questões políticas e econômicas, explicitando o ponto de vista do jornal, da empresa ou do redator. Os resultados indicaram que nos editoriais, gênero com menor grau de formalidade, houve maior presença de próclise e de *para*, consideradas variantes ‘inovadoras’, apenas no *Getulino*. As autoras afirmam que

tais resultados podem estar relacionados com o grau de subjetividade dos gêneros analisados, uma vez que para tentar criar um elo com o leitor, os escritores dos editoriais buscavam utilizar inovações léxicas e gramaticais na apresentação dos fatos e de seus argumentos.

Sobre as formas de tratamento, foram consideradas as ‘notas’ de *O Alfinete*, de caráter mais informativo; os ‘editoriais’ de *O Alfinete* e *O Clarim d’Alvorada* por apresentarem propostas diferentes, uma vez que no primeiro os objetivos comunicativos eram esclarecer e conscientizar a população negra sobre a necessidade de inserção na sociedade com a publicação de conteúdos esclarecedores, e no segundo era expressar a opinião dos redatores com relação à necessidade do povo negro em benefício das melhorias das condições sociais; e as ‘colunas de mexerico’ de *O Alfinete*, que tinham o objetivo de alfinetar a vida das pessoas para expor e tentar corrigir algum comportamento indesejável, ressaltar qualidades, ou fazer “mexerico”. O *continuum* estilístico considerou as notas no extremo formal, ao meio os editoriais e as colunas de mexerico no extremo informal. Nas ‘notas’ predominaram indicações formais de tratamento como ‘excelentíssima’, ‘senhora’ e ‘dona’. Nos ‘editoriais’ predominaram formas que indicam solidariedade, como ‘Nós, homens de cor’ e ‘aos nossos estimados leitores’, além do uso de adjetivos pra qualificar a forma de tratamento, como ‘genial Luiz Gama’. Nas ‘colunas de mexerico’ foram encontradas formas de tratamento informais como ‘você’. As autoras concluem que as formas de tratamento apresentam comportamentos estilísticos diferentes em função dos objetivos editoriais propostos e das características específicas de cada gênero, sendo possível identificar diferentes padrões de formalidade, e, conseqüentemente, variações nos estilos das formas de tratamento empregadas nos diferentes gêneros analisados. No entanto, tais resultados não foram quantificados.

2.6 A norma e a variação linguística

Um dos objetivos específicos estipulados nesta pesquisa foi o de estabelecer a norma de uso da comunidade de fala manauara em relação às realizações dos ditongos /aj/, /ej/ e /ow/. Também foi referido que, além do compartilhamento de traços linguísticos e da frequente comunicação entre os falantes, uma comunidade de fala compartilha as mesmas normas e atitudes em relação à língua. Mas o que é norma? De suas acepções, nos interessa apenas os conceitos utilizados nos estudos da linguagem.

Os conceitos de ‘norma’ basicamente se pautam naquilo que é ‘normativo’, que serve de regra ao se estabelecer um padrão a ser seguido, e naquilo que é ‘normal’, que apresenta regularidade com certa frequência real de uso.

Para Faraco e Zilles (2017, p. 17), o conceito de norma tem um sentido mais geral, em que norma equivale a toda e qualquer variedade linguística e se refere ao “como se diz” numa determinada comunidade de fala; e um sentido mais específico, em que “norma equivale a um conjunto de preceitos que definem o chamado ‘bom uso’, o uso socialmente prestigiado” e se refere ao “como se deve dizer” em determinados contextos. Os autores enfatizam que:

No primeiro caso, estamos diante da realidade linguística em sua variabilidade, em sua fluidez, em sua dinâmica própria no universo das relações sociais. Estamos frente ao que é *normal*, habitual, costumeiro numa determinada comunidade de fala. No segundo caso, estamos diante da tentativa de regulamentar, controlar, normatizar o comportamento linguístico dos falantes em determinados contextos. [...] Ainda nessa segunda acepção, norma remete ao que é posto como *normativo*, preceituado, prescritivo. É a referência que se usa tradicionalmente para sustentar juízos sociais de correção e incorreção linguística. (FARACO; ZILLES, 2017, p. 12, grifo dos autores).

Nos estudos linguísticos, há a ‘norma normal’ e a ‘norma normativa’, cada uma com sua realidade. A ‘norma normal’ é a realidade linguística em seu funcionamento cotidiano nas interações sociais, é um conjunto de traços fonético-fonológicos, morfossintáticos, léxico-semânticos e discursivos constantes em uma comunidade de fala e que a distinguem das demais normas; a ‘norma normativa’ é uma realidade construída, um modelo de língua idealizada a ser seguida em determinados contextos, geralmente adequada aos usos mais formais, com um esforço prescritivo e normatizador. (FARACO; ZILLES, 2017).

De modo geral, as características de norma enquanto algo normativo se referem ao conjunto de regras sobre o que deveria ser o “uso correto” de determinada língua, já as características de norma enquanto algo normal se referem ao que é usado habitualmente em uma comunidade linguística. Para os estudos sociolinguísticos, o que interessa é a ‘norma normal’, o que é de fato uso comum, ou seja, a descrição de normalidade de usos de determinada variedade linguística durante suas interações sociais.

Agora que diferentes perspectivas em torno do termo ‘norma’ nos estudos da linguagem foram apresentadas, é relevante citar algumas teorizações sobre a norma e seu uso mais sistemático e as contribuições para os estudos (sócio)linguísticos, como a proposta de Coseriu (1960 [1952]) e a reformulação de Lucchesi (2012).

Publicado originalmente em 1952, em espanhol, o ensaio *Sistema, norma y habla* de Eugenio Coseriu propôs uma reformulação da dicotomia saussuriana acrescentando um terceiro elemento ao qual ele chamou de ‘norma’ e que estaria situado entre a língua – ou o sistema – e a fala, uma vez que “[...] a distância entre essas duas entidades era demasiado grande para dar conta de fenômenos empiricamente verificáveis na realidade dos usos

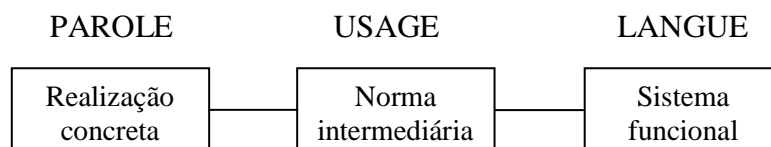
linguísticos” (BAGNO, 2017, p. 307). O objetivo de Coseriu era substituir o modelo bipartido saussuriano *língua e fala* pelo seu modelo tripartido *sistema, norma e fala*, já que, segundo ele, os conceitos da dicotomia saussuriana apresentavam incoerências e contradições que deveriam ser discutidos.

Na visão coseriana, além da oposição *social x individual*, muitos conceitos referentes à relação *língua x fala* se baseavam na oposição *abstrato x concreto*, sendo a língua uma entidade puramente abstrata e formal e a fala uma entidade claramente concreta. Sobre as distinções e incoerências acerca dessas concepções, Coseriu (1960 [1952], p. 6-7, grifo do autor) argumenta:

As incoerências inerentes às várias concepções devem-se a uma série de razões, entre as quais principalmente: 1) o facto de que as distinções se estabelecem quase sempre sobre a base de uma linguagem abstracta, aprioristicamente concebida como entidade orgânica que se manifestaria, simultânea ou alternadamente, sobre diversos planos; 2) a tendência a considerar *langue* e *parole* como duas realidades autónomas e nitidamente distintas, isto é, como objectos e não como conceitos, não como construções mentais aplicadas a uma única realidade concreta, com a finalidade de melhor a analisar e compreender; 3) a interferência entre diversos critérios e diversos pontos de vista, com a consequente oposição entre planos não-correlativos; e 4) a insuficiência mesma da dicotomia (que, ou não esgota a complexa realidade da linguagem e das suas múltiplas determinações, ou tem necessariamente de reunir sob um mesmo conceito aspectos da realidade heterogêneos), ou, para melhor dizer, o desenvolvimento frequentemente unilateral e insuficiente de certas sugestões, bastante significativas e fecundas, que, na nossa opinião, podem encontrar-se, explícitas ou implícitas, na própria obra de Saussure.

Uma das principais críticas de Coseriu ao que chama de “antinomia *langue e parole*”, por serem definidas sob forma de oposição, é que essa divisão não considera a complexa realidade da linguagem, ou seja, a heterogeneidade das línguas, sendo, portanto, indispensável sua reformulação. Coseriu (1960 [1952]) ainda enfatiza que a *langue* poderia conceber-se como instituição social, isto é, como *sistema normal*, e, num sentido mais restrito, como *sistema funcional*, visto que nem tudo que é normal é necessariamente funcional. Para dar conta da complexidade linguística e seus aspectos heterogêneos, o autor propõe a inserção de um nível intermediário entre a língua e a fala: a norma.

A norma, na visão coseriana, é o que certos estudiosos chamam de *uso linguístico*, e que estaria situado entre o sistema propriamente dito e a fala, conforme esquema a seguir, retirado de Coseriu (1960 [1952]).



Esta seria uma primeira distinção entre o sistema normal, ou simplesmente *norma*, e o sistema funcional, ou simplesmente *sistema*. Em outras palavras, entre o sistema e a fala existe um outro sistema também abstrato, porém com um menor grau de abstração, de realizações normais, com modelos e estruturas constantes e tradicionais na comunidade, e que constituem a *norma*. Com um grau de abstração mais elevado, conservam-se as estruturas ideais essenciais que constituem indispensáveis oposições funcionais, ou seja, o *sistema*. O autor enfatiza que *norma* e *sistema* não são conceitos aplicados ao falar concreto e menos ainda a realidades autônomas, destacadas da fala, mas *formas* que se manifestam – ou melhor, que nós distinguimos – nos próprios atos linguísticos individuais (COSERIU, 1960 [1952]).

Ainda sobre a diferenciação entre norma e sistema,

[...] o *sistema* aparece-nos como sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam os caminhos abertos e os caminhos fechados às necessidades expressivas ou ao arbítrio e ao capricho do falante, pertencente a uma determinada comunidade; é um complexo de liberdades mais que de imposições, visto que admite infinitas realizações e exige somente que não se afectem as condições funcionais do instrumento linguístico; mais do que imperativa, a sua índole poderia dizer-se consultiva. O que pelo contrário se impõe ao indivíduo, limitando sua liberdade expressiva e restringindo as possibilidades oferecidas pelo sistema dentro dos limites fixados pelas realizações tradicionais, é a *norma*: a norma, de facto, pode considerar-se como sistema de realizações obrigatórias, de imposições sociais e culturais, e depende da extensão e da índole da comunidade considerada. (COSERIU, 1960 [1952], p. 26-27, grifo do autor).

Portanto, na visão coseriana, além de um conjunto de regras e possibilidades, o sistema também permite um conjunto de liberdades mais do que de imposições, desde que não afetem o funcionamento do sistema linguístico. Para o autor, o que limitaria a liberdade e as possibilidades do falante seria a norma, uma vez que esta se baseia em imposições culturais e sociais de determinada comunidade de fala.

Para Cristianini (2007), a proposta coseriana se baseia nos seguintes princípios: as distinções e oposições devem ser feitas na fala; esta, por sua vez, não deve se opor à língua, uma vez que a língua está presente na fala; reconhecimento das diferenças sem reduzi-las ao modelo da dicotomia saussuriana, tendo claro os distintos graus de abstração; o elemento social, a língua, se comprovará na fala individual; conceitos como ‘uso linguístico de uma comunidade’ e ‘sistema funcional’ possuem diferenças quanto ao plano de abstração, e é o que estabelece a distinção entre norma e sistema.

Faraco e Zilles (2017, grifo nosso) resumem o modelo tripartido de Coseriu como baseado na postulação de um plano estrutural abstrato, o *sistema*, que reúne o potencial linguístico e é composto de oposições funcionais; o sistema reconhece diferentes realizações nas comunidades de fala definidas por traços linguísticos específicos e relativamente

constantes, que são as *normas*; as normas, por sua vez, se materializam nos atos linguísticos individuais, a *fala*.

Os autores reiteram que o conceito de norma, na proposta coseriana, não corresponde ao que “se pode dizer” numa determinada língua, isso seria tarefa do sistema, mas ao que já “se disse” e tradicionalmente “se diz” em determinada comunidade de fala, ou seja, o que se tornou habitual, constante, normal, característico dessa comunidade é o que configura a sua norma linguística. A norma, portanto, “[...] consiste nos padrões de uso, na forma como os usuários fazem uso do Sistema para comunicar-se. É devido à Norma que os falantes podem se servir de algumas possibilidades do Sistema, descartar outras e, ainda, não utilizar outras.” (CRISTIANINI, 2007, p. 108).

A norma coseriana localiza-se entre o sistema, com suas imposições e liberdades, e a fala, com suas criações e inovações, e é composta pelos modelos de uso geral em uma comunidade linguística. Em relação ao grau de variação na norma, Cristianini (2007) afirma que ele é intermediário, pois neste nível, o importante são as formas de fala representativas em uma comunidade e não os casos de variantes individuais presentes na fala de cada pessoa. Como cada comunidade apresenta características próprias, as normas também variam de acordo com cada comunidade. É na fala, no entanto, que ocorre a inovação, o grau máximo de variação linguística e a criação de maneiras alternativas de falar “a mesma coisa” durante um ato comunicativo, de acordo com o sistema de cada língua e apenas onde a língua permite, uma vez que a língua é um sistema heterogêneo e ao mesmo tempo ordenado, com suas regras categóricas e variáveis. O sistema, por sua vez, apresenta grau mínimo de variação.

Em seu artigo *Norma linguística e a realidade social*, Lucchesi (2012, p. 57) afirma que o conceito de norma, embora tenha partido originalmente de uma teorização estruturalista, “[...] tem desempenhado um papel importante no desenvolvimento da teoria linguística voltada para os padrões habituais e coletivos de comportamentos linguísticos [...]” devido a sua adequação aos princípios teóricos da Sociolinguística. Ao retomar o conceito de norma de acordo com a teorização de Coseriu, o autor afirma:

A partir do eixo concreto-abstrato definido por Coseriu, pode-se depreender na atividade linguística concreta estruturas e oposições funcionais, que são essenciais para o funcionamento da língua enquanto sistema de comunicação de conteúdos informacionais. Essas unidades invariáveis, em seu conjunto, e as relações que se estabelecem entre elas constituem, no plano mais alto de abstração, o sistema funcional, ou simplesmente o SISTEMA. Assim, a essas unidades constantes e invariáveis do sistema corresponderia o conjunto potencialmente infinito de realizações verificadas na FALA. Contudo, Coseriu chama a atenção também para o fato de que, para além das múltiplas realizações acidentais e contingenciais que caracterizam a fala, verificam-se também certas VARIANTES que, não tendo valor funcional, são relativamente constantes e frequentes dentro da comunidade de fala, e

ele as chama de VARIANTES NORMAIS. Para dar conta dessas variantes, propõe um nível de abstração intermediário entre a fala e o sistema que seria ocupado pelo que ele chama de sistema normal, ou simplesmente NORMA. A constância das variantes normais estaria associada a fatores como grupo social, região, idade, sexo etc., e suas frequências seriam estudadas em termos estatísticos. (LUCCHESI, 2012, p. 64).

De acordo com essa visão, as variantes fonológicas fariam parte da norma e não do sistema, uma vez que neste nível tais realizações são neutralizadas e representadas por fonemas ou arquifonemas, justamente por não apresentarem oposições funcionais.

No entanto, Lucchesi (2012, p. 65) aponta algumas falhas teóricas no modelo coseriano. A primeira consiste no fato de ele ter a mesma proposta de Saussure, retirar da língua ou sistema “[...] qualquer determinação social, de modo que o sistema linguístico pudesse ser estudado apenas por suas relações internas, somente a partir da lógica funcional [...]”, como acontece nos estudos estruturalistas em que a pretensão é “[...] estudar apenas o sistema que se situaria por sobre todas as normas sociais da língua.” Essa pretensão, segundo o autor, esbarra em um problema maior, o da sustentação empírica dessa concepção de sistema funcional, conforme argumenta:

É preciso que haja uma motivação empírica para a proposição de um sistema funcional distinto do sistema normal. Para que isso ocorresse, era necessário que houvesse uma distinção objetiva entre os fatos da norma e os fatos do sistema, em outras palavras, que a variação normal não atingisse as unidades essenciais do sistema funcional. Mas nem é preciso ir aos estudos sociolinguísticos para demonstrar que isso não corresponde à realidade dos fatos. (LUCCHESI, 2012, p. 65).

Em outras palavras, essa proposta desconsidera que a variação na norma pode ser causa de mudança no sistema, o contrário do que os estudos sociolinguísticos variacionistas têm comprovado. Na verdade, conforme Lucchesi (2012, p. 67) destaca, “a sociolinguística tem demonstrado, ao longo das últimas décadas, é que os aspectos funcional e social da linguagem se interpenetram e que não se pode entender um sem o outro.” Considerando o modelo tripartite posposto por Coseriu, o autor sustenta que a sociolinguística faz uma espécie de fusão entre os conceitos coserianos de sistema normal (norma) e de sistema funcional (sistema), posto que a variação normal é estudada como parte constituinte do funcionamento do sistema linguístico, e não como algo oposto ou que prejudique esse funcionamento, como sugerido na visão estruturalista. Dado que, na visão sociolinguística, a distinção entre norma e sistema perde a sua razão de ser, é compreensível que o conceito de ‘norma’ não faça parte da literatura sociolinguística (LUCCHESI, 2012).

Trazendo o conceito da norma coseriana para a atualidade e para a realidade empírica do uso, a norma representaria o “[...] uso social variável, ou seja, as diferentes variedades

sociais constitutivas da língua” (FARACO; ZILLES, 2017, p. 26). Neste caso, a norma “corresponde ao que, na sociolinguística variacionista, se chama de variedade, precisamente um modo de falar a língua que caracteriza uma comunidade ou grupo social, definido por suas características sociodemográficas como classe, idade, sexo, região, etc.” (BAGNO, 2017, p. 308).

Atualmente, o termo ‘norma’ ganhou novos atributos, como é o caso da ‘norma sociolinguística’. Lucchesi (2015 apud FARACO; ZILLES, 2017, p. 40) designa de ‘norma sociolinguística’ um complexo de três fatores que constituem uma ‘norma normal’. São eles: (i) semelhança no comportamento linguístico dos membros da comunidade; (ii) conformidade na avaliação das variáveis linguísticas e da variação funcional/estilística; e (iii) convergência na direção dos processos de mudança linguística.

Vale destacar que ao utilizar o termo ‘norma’ de agora em diante neste trabalho, nos referimos a ‘norma normal’, que, para evitar redundâncias, chamaremos de *norma de uso*, que consiste no conjunto concreto de manifestações linguísticas regulares em determinada comunidade de fala, correspondendo a uma atitude descritiva dos fatos linguísticos, não podendo ser confundida com o termo ‘norma-padrão’, que, como o próprio nome sugere, corresponde a um modelo ideal de língua, a um padrão pré-estabelecido de usos “corretos” da língua, e que possui uma atitude normativa. A norma de uso é, portanto, o padrão de uso comum e corrente numa dada comunidade linguística, independentemente de este uso estar de acordo com os manuais prescritivos, sendo, portanto, aquilo que é habitual e corriqueiro, mas nem sempre o que é normativo.

Logo, ao definir o objetivo de estabelecer qual é a norma de uso da comunidade de fala manauara em relação às realizações dos ditongos orais decrescentes em estudo – [aj]~[a], [ej]~[e] e [ow]~[o] –, pretendemos identificar qual variante é normal, usual, recorrente e que apresenta maior frequência de uso no falar manauara, uma vez que “cada falante se socializa numa determinada comunidade de fala e adquire, por isso, certas características dialetais (isto é, tem na sua fala as marcas linguísticas próprias, *normais*, habituais, costumeiras de sua comunidade de fala)” (FARACO; ZILLES, 2017, p. 34, grifo dos autores).

A questão da norma e da variabilidade sociolinguística também está ligada à variação estilística, pois se as características dialetais são relativamente constantes em uma comunidade, seu espectro de registros, ou as variedades estilísticas, é bastante diversificado. Cada comunidade apresenta várias normas e um mesmo falante pode seguir diferentes normas a depender das práticas sociais e da rede de interação que tem em sua comunidade. (FARACO; ZILLES, 2017, p. 36).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Este capítulo aborda os procedimentos metodológicos adotados na realização da pesquisa e está subdividido em duas grandes seções: a metodologia da pesquisa sociolinguística e as variáveis controladas na pesquisa. A primeira seção expõe o contexto da pesquisa e o perfil dos informantes, os instrumentos utilizados para a coleta de dados, os procedimentos de geração de dados e os procedimentos de análise de dados. A segunda seção apresenta de forma mais detalhada as variáveis dependentes, suas variantes e as variáveis independentes – também chamadas de condicionadores ou de grupos de fatores – controladas na pesquisa a fim de identificar as regras variáveis que podem condicionar a redução dos ditongos na localidade estudada.

3.1 A metodologia da pesquisa sociolinguística

Toda ciência tem uma teoria própria e ao menos uma metodologia específica. Nos estudos sociolinguísticos, a língua deve ser estudada em seu contexto social e, portanto, as metodologias de pesquisa devem ser centradas nas comunidades de fala. Dessa forma, segundo Coelho *et al.* (2018, p. 102), o principal método para a investigação sociolinguística “[...] é a observação da língua falada em situações naturais de interação social face a face. Essa língua é o vernáculo – estilo em que o mínimo de monitoração ou atenção é dispensado à fala.” É a língua falada que usamos nas interações familiares, nas conversas com os amigos, nas ruas, enfim, em situações do cotidiano quando não estamos sendo observados.

De acordo com Tarallo (2007, p. 19), o vernáculo, ou seja, “as partes do discurso falado em que o mínimo de atenção é prestado à língua”, constitui o material básico para a análise sociolinguística. O autor enfatiza que o material coletado que não apresente as características vernaculares, ou seja, de fala espontânea, ainda poderá ser utilizado na análise sociolinguística, desde que o pesquisador saiba caracterizá-lo devidamente e que o aproveite em novas hipóteses de trabalho.

O fazer empírico, isto é, a pesquisa de campo por meio da observação dos fenômenos em uso nas diversas situações comunicativas, em especial na fala cotidiana, é o ponto de partida para uma pesquisa sociolinguística, pois, conforme argumentam Coelho *et al.* (2018, p. 102) “[...] as pesquisas sociolinguísticas são de base empírica, desenvolvidas a partir de dados linguísticos efetivamente produzidos.”

Depois de escolher a comunidade de fala para a observação do fenômeno em variação – no caso deste trabalho, a realização variável dos ditongos orais decrescentes em Manaus –, a etapa seguinte é a busca de informantes que devem ser estratificados para um melhor controle das variáveis em estudo. É preciso, no entanto, determinar critérios para a escolha dos informantes dentro da comunidade de fala para que essa amostra seja representativa. Após definir o tamanho e a estratificação da amostra, o próximo passo é a coleta de dados por meio da entrevista sociolinguística, que tem por finalidade a criação do *corpus* para o estudo de fenômenos em variação.

Conforme apresentado na seção 2.1.5, Labov (2008 [1972]) cita algumas premissas metodológicas da pesquisa sociolinguística que podem auxiliar na elaboração e aplicação dos instrumentos de coleta de dados para captar diferentes níveis linguísticos. São elas: não existe falante de estilo único; os estilos estão dispostos ao longo de um *continuum* medido pelo grau de atenção à fala; o falante alterna estilos mais e menos formais durante a entrevista; os dados mais sistemáticos para análise são encontrados no vernáculo; a entrevista gravada é o melhor meio para a coleta de bons dados. Essas premissas foram adotadas nesta pesquisa e serviram de suporte tanto para a elaboração dos instrumentos de coleta de dados quanto para a análise dos dados, visto que o fenômeno variável em estudo também foi analisado do ponto de vista da alternância estilística por meio da captação e controle de diferentes registros de fala.

Ressaltam Coelho *et al.* (2018, p. 132-133) que os passos para uma pesquisa sociolinguística consistem em:

- Escolha de uma comunidade de fala;
- Escolha de um objeto (variável sociolinguística);
- Definição do envelope de variação;
- Revisão da literatura (levantamento do que já foi dito sobre esse objeto);
- Formulação de questões e hipóteses;
- Definição dos grupos de fatores (linguísticos e sociais);
- Coleta de dados (de um banco pronto ou formação de novas amostras);
- Codificação das ocorrências de acordo com os grupos de fatores;
- Análise quantitativa dos dados (pacote Varbrul/GoldVarb);
- Descrição e análise dos resultados.

Portanto, de acordo com as particularidades deste tipo de pesquisa e dos principais passos para uma pesquisa sociolinguística, é preciso empregar técnicas quantitativas para a coleta, tratamento e análise dos dados, visto que as pesquisas variacionistas apoiam-se na frequência de uso das formas linguísticas pelos falantes, conforme enfatizado:

As abordagens quantitativas, na sociolinguística, traçam comparações estatísticas entre diferentes tipos de uso da língua, ou seja, buscam índices de frequência com que determinadas formas linguísticas são empregadas entre os falantes, no interior de comunidades de fala, ou entre textos e tipos de textos. (BAGNO, 2017, p. 392).

É evidente que uma pesquisa sociolinguística que adota técnicas quantitativas não acaba com a apresentação de tabelas e gráficos com números e frequência de uso das formas variantes de um determinado fenômeno em variação. Cabe ao pesquisador interpretar esses números de acordo com seus conhecimentos linguísticos e com as teorias utilizadas para descrever e explicar como tal fenômeno está se comportando na língua.

Nas próximas seções, descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados na realização desta pesquisa.

3.1.1 O contexto da pesquisa e o perfil dos informantes

O contexto para realização desta pesquisa sociolinguística variacionista foi a comunidade de fala manauara.

Segundo Tarallo (2007), o critério básico para a seleção de informantes deve ser o da amostragem aleatória, especialmente em grandes centros urbanos, para que todos os membros da comunidade tenham a chance de serem entrevistados. No entanto, no espaço geográfico de uma mesma comunidade, principalmente de uma capital, se encontram pessoas de diversas localidades e com perfis diferentes, e, caso essas pessoas fizessem parte da amostra, levaria a pesquisa a obter falsos resultados sobre um fenômeno em variação. Por isso, é necessário adotar alguns critérios para a constituição da amostra para que ela represente a comunidade de fala estudada e que os resultados sejam confiáveis. Deste modo, para participar desta pesquisa, o informante deveria obedecer aos seguintes critérios de inclusão:

- a) Ter nascido na cidade de Manaus;
- b) Possuir pais também de Manaus, ou que tenham chegado durante a infância;
- c) Residir em Manaus;
- d) Não ter se afastado da cidade por mais de cinco anos, principalmente nos anos iniciais de aquisição da linguagem.
- e) Possuir escolaridade a partir do ensino fundamental completo.

Para definir o tamanho da amostra, é necessário levar em consideração o que pretendemos analisar em uma comunidade de fala. Tarallo (2007, p. 28) afirma que o tamanho da amostra dependerá da natureza do fenômeno estudado. Variáveis fonológicas, que são objeto de estudo desta pesquisa, são mais recorrentes na fala e necessitam de uma amostragem menor, ao contrário de variáveis sintáticas, por exemplo.

Seguindo os critérios de inclusão e levando em consideração o fenômeno investigado e o momento de pandemia, definimos que nossa amostra seria formada por 16 informantes da cidade de Manaus estratificados em células sociais. Em pesquisa sociolinguística, uma célula social é definida como “[...] um conjunto de indivíduos agrupados pelas mesmas características sociais relevantes para a análise de fenômenos de variação e mudança linguística” (COELHO *et al.*, 2018, p. 101). Para maior controle dos dados, os informantes seguiram a seguinte estratificação, apresentada no Quadro 3.

Quadro 3 - Distribuição dos informantes

	Localização	Bairros Centrais				Bairros Periféricos			
	Escolaridade	8 a 12 anos de escolaridade		Mais de 12 anos de escolaridade		8 a 12 anos de escolaridade		Mais de 12 anos de escolaridade	
	Sexo	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Faixa Etária	18 a 33 anos	1	1	1	1	1	1	1	1
	34 a 49 anos	1	1	1	1	1	1	1	1
	Total	2	2	2	2	2	2	2	2

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Dos 16 informantes que constituíram a amostra, 8 eram moradores de bairros mais centrais da zona urbana de Manaus – que correspondem a bairros pertencentes às Zonas Sul, Centro-Sul e/ou Centro-Oeste – e 8 de bairros mais periféricos – que correspondem a bairros da Zona Norte e Leste de Manaus –, para que pudéssemos também trabalhar com a dimensão diatópica da variação linguística. A Zona Oeste de Manaus não foi incluída nesta pesquisa. Em cada localização de moradia, bairros centrais e bairros periféricos, selecionamos um homem e uma mulher de cada faixa etária, 18 a 33 anos e 34 a 49 anos, e de cada nível de escolaridade: de 8 a 12 anos, que corresponde a informantes com ensino fundamental completo (ou antigo 1º grau), ensino médio incompleto ou cursando, ou ainda ensino médio completo; e acima de 12 anos de escolaridade, que corresponde a informantes com ensino superior incompleto ou completo, ou ainda pós-graduação.

A principal recomendação para uma pesquisa sociolinguística é escolher os informantes de forma aleatória, porém o acesso aos participantes da pesquisa em meio a uma pandemia foi a principal dificuldade enfrentada, uma vez que os dados que formariam os *corpora* seriam coletados por meio de pesquisa de campo. Por isso, tivemos que ajustar alguns critérios de seleção, sobretudo, em relação à faixa etária (inicialmente pretendíamos

trabalhar com três faixas) e à forma de localizar os informantes, já que não poderíamos ir às ruas procurar possíveis participantes da pesquisa para tentar uma entrevista, sabendo dos riscos envolvidos nessa ação.

Partindo dos critérios de seleção estabelecidos e considerando a estratificação dos informantes, iniciamos a busca por pessoas com os perfis definidos para a pesquisa, que foi feita por meio de indicações de pessoas conhecidas e até mesmo com a ajuda de informantes.

É importante destacar que toda pesquisa que envolve seres humanos, incluindo a pesquisa sociolinguística, precisa ser submetida à aprovação prévia do Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) antes do início da coleta de dados. Nosso projeto foi submetido ao CEP da UFAM em junho de 2020 e aprovado no mesmo mês com CAAE nº 33526920.8.0000.5020 por cumprir integralmente com as determinações das resoluções vigentes.

3.1.2 Instrumentos de geração de dados: os tipos de coleta

Em um estudo variacionista, os dados são a base da pesquisa. Por isso, é necessário criar estratégias para uma boa coleta por meio de instrumentos que gerem os dados necessários para a pesquisa, e que, obviamente, contenham o fenômeno investigado.

Por se tratar de um fenômeno no nível fonológico, é de se esperar que dados com o fenômeno em estudo apareçam durante a entrevista. Porém, para garantir um maior número de dados para a formação dos *corpora*, selecionamos itens lexicais com os ditongos decrescentes em estudo e que tendem a ser reduzidos. Tais palavras foram consideradas na elaboração dos instrumentos de coleta de dados – entrevista sociolinguística, questionário fonético-fonológico e texto para leitura – para que tivessem a chance de serem produzidas.

De modo geral, segundo Cavalcanti (2000), a entrevista é um instrumento de coleta de registro em pesquisa social com vistas a uma conversa com outra pessoa. Uma entrevista pode ser estruturada (com perguntas predefinidas), semiestruturada ou não estruturada. Em sociolinguística, de acordo com Bagno (2017, p. 108), a entrevista é definida como

[...] técnica de obtenção de dados por observação controlada e que exige o emprego de um questionário ou roteiro mais ou menos elaborado (como no caso da entrevista individual programada, da entrevista anônima rápida ou da entrevista telefônica) ou então de um texto ou de uma lista de palavras (como no caso da leitura de textos e de pares mínimos).

Bagno (2017) ainda afirma que na entrevista há interação direta com o informante e cita suas principais vantagens para a obtenção de dados: por serem gravadas, as entrevistas permitem detectar e realizar o levantamento de todas as ocorrências e não ocorrências das

variáveis da amostra; não precisam ser tão estruturadas quanto os questionários; e oferecem mais possibilidades para variáveis, especialmente fonético-fonológicas, que exigem maior precisão em sua observação, detecção e levantamento. Além disso, permitem obter diferentes estilos de fala, desde os mais formais durante a entrevista ou a leitura de um texto, até estilos mais informais como a fala produzida fora do contexto da entrevista como nos intervalos, a fala dirigida a terceiros, as digressões durante a entrevista e a verbalização de cantigas. O autor cita os dois tipos de entrevistas mais comuns na pesquisa sociolinguística: entrevista anônima rápida, que se realiza sem a necessidade de gravação ou de o informante saber que está sendo observado, como feita por William Labov em três lojas de departamentos de Nova York para investigar a realização do /r/ pós-vocálico; e a entrevista individual programada, em que o pesquisador leva um roteiro de perguntas, temas de conversação ou módulos temáticos de perguntas encadeadas para estimular a fala com respostas mais extensas possíveis para atingir a fala espontânea.

Uma estratégia desenvolvida por Labov (2008 [1972]) durante a entrevista individual consiste em envolver perguntas sobre uma situação de risco de vida em que o informante passou, pois, tomado por emoção, ele esquece “como falar” e se preocupa com “o que falar”, atingindo assim o vernáculo. Esse tipo de interação durante uma entrevista é chamado de entrevista sociolinguística.

Tarallo (2007, p. 21) ratifica que “o propósito do método de entrevista sociolinguística é o de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados.” O autor sugere que, para atingir tais propósitos metodológicos, o pesquisador pode formular um questionário-guia de entrevista com módulos de perguntas. Assim, é possível comparar e homogeneizar os dados de vários informantes, controlar os tópicos de conversação, e estimular narrativas de experiência pessoal, que têm demonstrado serem as mais efetivas para atingir a situação de fala natural.

Neste trabalho, a entrevista individual programada foi adotada como o instrumento principal para a coleta dos dados de fala da pesquisa. A entrevista foi conduzida por meio de um roteiro de perguntas semiestruturado criado a partir de cenas temáticas para que o informante falasse palavras com o fenômeno investigado, incluindo temas voltados para o relato de experiências pessoais nos moldes labovianos.

Outro instrumento utilizado foi o questionário, que de acordo com Vieira (2009, p. 15), “[...] é um instrumento de pesquisa constituído por uma série de questões sobre determinado tema.” Para esta pesquisa, utilizamos dois questionários: um questionário sociolinguístico, também chamado de ficha social do informante, para registrar os dados

peçoais de cada participante da pesquisa e que auxiliaram no momento da análise dos dados; e um questionário fonético-fonológico (QFF), que, segundo Cardoso (2010, p. 96), tem como objetivo investigar determinado(s) tipo(s) de realização que se documenta(m) em uma área nos mesmos contextos fônicos. Segundo a autora, as perguntas do QFF “[...] apresentam maneiras diferentes de formulação e de documentação da resposta, mas caminham, sempre, na direção do registro da forma linguística” (CARDOSO, 2010, p. 96), como a pergunta utilizada para a investigação da realização da fricativa em coda silábica, que para obter a palavra *casca*, pode ser perguntado ‘Para comer uma banana, o que é que se tira?’.

O terceiro instrumento foi a utilização de pequenos textos para a leitura com as variáveis linguísticas em estudo para registro da fala mais formal e mais monitorada.

Para o registro dos dados, utilizamos um gravador de voz portátil e um *Smartphone*.

3.1.3 Procedimentos de geração de dados: as entrevistas

A impossibilidade de sair livremente às ruas devido à pandemia e a dificuldade de conseguir pessoas aptas e receptivas a participarem da pesquisa causaram lentidão na coleta de dados, que foi feita entre outubro e dezembro de 2020, quando houve maior flexibilização para a abertura de atividades não essenciais e menos restrições de circulação de pessoas.

Todas as entrevistas foram previamente agendadas e realizadas em local escolhido pelos informantes. Algumas foram realizadas em ambiente domiciliar; enquanto outras foram realizadas em locais públicos abertos, conforme a disponibilidade deles, mas sempre seguindo os protocolos de higiene, como a disponibilização de álcool em gel e uso de máscaras durante a entrevista, além do distanciamento físico para evitar a contaminação por Covid-19.

Para que nos dados gerados ocorressem palavras com o fenômeno investigado, a entrevista individual programada foi dividida em três momentos, que correspondiam aos três modos distintos de coleta para captação de diferentes registros de fala: entrevista sociolinguística, aplicação de questionário e leitura de texto.

As entrevistas duraram em média de 40 a 60 minutos, incluindo a aplicação do questionário fonético-fonológico e a leitura de texto. No primeiro momento, foram feitas perguntas abertas inseridas em cenas temáticas previamente estabelecidas em um roteiro de entrevista com tópicos que envolviam o cotidiano do informante, o cotidiano manauara, violência, risco de morte, infância, dentre outros, para estimular a fala menos monitorada possível para que o informante se preocupasse com “o que falar” e não “como falar” para tentar atingir o vernáculo, além de perguntas com temas atuais, como o impacto da pandemia

na vida das pessoas, que desencadearam narrativas de experiências pessoais. No segundo momento, aplicamos o questionário fonético-fonológico que consistia em 60 perguntas curtas e diretas (CHAMBERS; TRUGDILL, 1994 [1980]) para que o informante respondesse palavras previamente selecionadas com o fenômeno em estudo como, por exemplo, ‘o contrário de alto é _____’, em que se esperava que o informante respondesse ‘baixo’. No último momento da coleta de dados, o informante realizou a leitura de pequenos textos, no formato de manchetes de jornais ou pequenas notícias, que continham palavras com o fenômeno investigado para fazermos um registro mais formal e monitorado pela leitura.

Segundo Coelho *et al.* (2018, p. 125), “[...] o próximo passo é examinar a amostra delimitada para a pesquisa e extrair cada ocorrência da variável acompanhada do contexto em que ela está inserida.” Após a finalização de cada entrevista, os dados foram transcritos foneticamente de acordo com as ocorrências de cada variante dos ditongos /aj/, /ej/, e /ow/.

3.1.4 Procedimentos de análise de dados: o tratamento quantitativo

Após o registro de todas as ocorrências de cada variável, a identificação dos contextos em que ocorreram (linguísticos e extralinguísticos) e a codificação de cada ocorrência, é preciso verificar a influência dos condicionadores linguísticos e extralinguísticos sobre o fenômeno analisado por meio de um tratamento quantitativo, já que para uma análise confiável em estudos sociolinguísticos, os dados devem ser submetidos a análises estatísticas para verificar as regras variáveis que se aplicam ao fenômeno investigado.

Para isso, os dados de cada ditongo /aj/, /ej/ e /ow/ foram submetidos separadamente a análises estatísticas por meio de um *software* voltado para investigação de ocorrências de fenômenos linguísticos em variação, o *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que forneceu o número de ocorrência das variantes de cada ditongo analisado, os casos categóricos, ou seja, em que não houve variação, a frequência de uso das formas variantes e os pesos relativos dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos selecionados como favorecedores para a redução dos ditongos orais decrescentes neste estudo.

Vale ressaltar que a utilização de um *software* para uma análise quantitativa de dados linguísticos e a apresentação dos resultados em tabelas ou gráficos não são suficientes para a análise de um fenômeno em variação. É justamente nesse momento que o trabalho de análise e interpretação linguística aparece a fim de explicar as tendências de ocorrência do fenômeno e os fatores que influenciam para que uma variante ocorra em determinados contextos e em outros não.

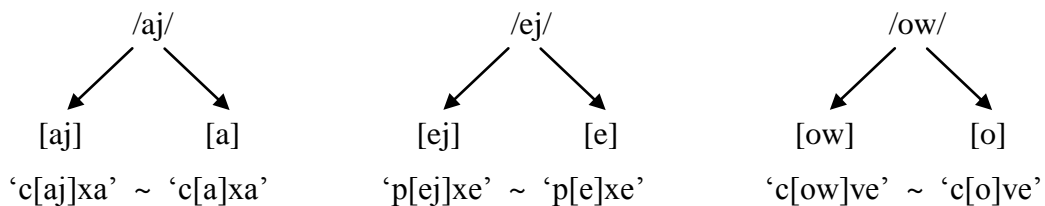
3.2 As variáveis controladas na pesquisa

Esta seção aborda, de forma detalhada, as variáveis dependentes e independentes analisadas e controladas nesta pesquisa⁶.

O controle e análise de variáveis independentes, linguísticas e extralinguísticas, busca encontrar uma sistematização no fenômeno em variação, a fim de que seus resultados demonstrem quais os contextos favorecedores para cada variante. Esses contextos são chamados de fatores condicionadores. Um conjunto total de possíveis contextos que podem influenciar na realização de uma variável é também chamado de grupo de fatores (TARALLO, 2007, p. 36).

3.2.1 Variáveis dependentes

Para analisar o fenômeno da monotongação na comunidade de fala manauara, selecionamos os ditongos /aj/, /ej/ e /ow/ como as variáveis dependentes. Essas variáveis são binárias, isto é, cada uma possui duas variantes, a manutenção do ditongo e a redução a um monotongo, que podem ser assim representadas:



Cada variável, como o ditongo /aj/, por exemplo, pode se realizar foneticamente como a forma [aj] em que o ditongo é mantido, como em ‘caixa’, ou como a forma monotongada [a], como em ‘caxa’. Cada uma dessas variáveis linguísticas, /aj/, /ej/ e /ow/, possui duas formas de dizer a “mesma coisa”, isto é, duas variantes.

3.2.2 Variáveis independentes

Para analisar a realização variável desses ditongos, controlamos variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas nas dimensões social, diatópica e estilística.

⁶ Como já mencionado, a pesquisa sociolinguística geralmente trabalha com uma grande quantidade de dados, o que requer uma análise estatística. É comum, então, utilizarmos termos próprios do método estatístico, como a terminologia ‘variáveis independentes’ para os condicionadores do fenômeno em variação. Já a variável linguística propriamente dita também pode ser chamada de ‘variável dependente’. (COELHO *et al.*, 2018).

a) Variáveis independentes linguísticas

Nos estudos empíricos brevemente apresentados no segundo capítulo, por se tratar de um fenômeno fonético-fonológico, os resultados mostraram que grupos de fatores linguísticos são os maiores condicionadores para a redução dos ditongos decrescentes, exceto para [ow] que, em geral, não apresenta contextos estruturais bloqueadores para a redução. Os grupos de fatores considerados mais relevantes para a redução dos ditongos nas pesquisas consultadas e controlados nesta pesquisa foram:

- *Contexto seguinte*

Esta variável é considerada como uma das mais favorecedoras para a redução dos ditongos orais decrescentes, em que o segmento seguinte tem grande influência para monotongação. Os fatores controlados inicialmente foram:

Fatores	/aj/	/ej/	/ow/
Oclusivas bilabiais [p, b]	saiba, caipirinha	-	roupa, roubo
Oclusivas alveolares [t, d]	Humaitá	enfeitada	outro, ou do
Oclusivas velares [k, g]	-	manteiga, meiga	pouco, açougue
Nasais [m, n]	-	queimar, reino	ou não, ou mais
Tepe [r]	-	dinheiro, feira	cenoura, ouro
Fricativa labiodental [v]	gaivota, raiva	-	couve, ouvido
Fricativas alveolares [s, z]	mais um	refeição	louça, ousado
Fricativas alveopalatais [ʃ, ʒ]	faixa	peixe, feijão	trouxa, rouxinol
Fricativa glotal [h]	bairro	-	ou roxo
Africada alveopalatal [tʃ]	-	leite, feitiço	-
Laterais [l, ʎ]	baile	leilão	-
Vogais	maioria	teia, creio	ou então
Pausa	vai	sei	prejudicou

Salientamos que os contextos listados não se aplicam a todas as variáveis linguísticas, por isso os fatores são diferentes para cada variável, e se baseiam nos dados retirados do *corpus* de cada ditongo, como os casos de encontros para além do item lexical, a exemplo das palavras fonológicas ‘maizum’ e ‘ou não’.

Nos trabalhos variacionistas brevemente apresentados, o ‘contexto seguinte’ tem se mostrado um dos mais favorecedores para a redução dos ditongos, sobretudo de [aj] e [ej], em que o segmento seguinte pode ser favorecedor ou bloqueador para a monotongação. Para o

ditongo [ow], quase não há contextos bloqueadores para a redução, ou seja, condicionamentos de caráter fonético parecem não ser operantes para o apagamento do *glide*, conforme resultados de Veado (1989). Nossa hipótese é que a variante monotongada apresente maior frequência diante da fricativa alveopalatal [ʃ] para /aj/, diante das fricativas alveopalatais [ʃ, ʒ] e tepe [r] – considerados contextos favoráveis de redução – para /ej/, e diante de pausa para o ditongo /ow/ em virtude do uso frequente de verbos na 3ª pessoa do singular do Pretérito Perfeito do Indicativo nas narrativas de experiências pessoais, como em ‘chegô’.

- *Tonicidade*

O controle dessa variável busca averiguar se a intensidade da sílaba com o ditongo pode influenciar a ocorrência da monotongação. Os seguintes fatores foram considerados:

Fatores	/aj/	/ej/	/ow/
Tônico	caixa	janeiro	pouso
Átono	apaixonado	cheiroso	poupança

Para Amaral (2005), a variável ‘tonicidade’ se mostrou relevante para a monotongação, sendo favorecido em sílabas átonas. No estudo de Lopes (2002), essa variável não foi selecionada. Nos estudos de /aj/, essa variável também não foi selecionada. Apesar dos poucos resultados sobre essa variável, nossa hipótese é que as sílabas átonas, aquelas mais sujeitas a processos de redução segmental, favoreçam a redução dos ditongos investigados.

- *Posição na palavra*

Esta variável considera a posição da sílaba em que o ditongo se encontra dentro do vocábulo, considerando três posições, conforme exemplos:

Fatores	/aj/	/ej/	/ow/
Inicial	baixo	feijão	outro, couro
Medial	encaixa	madeira	cenoura
Final	papai	vôlei	sentou

Incluimos ainda o fator ‘não se aplica’ para os casos em que não é possível definir a posição do ditongo, como nos casos de palavras monossílabas, que se consideradas como inicial ou final, como em ‘vou’ e ‘ou’, por exemplo, poderiam comprometer os resultados.

No trabalho de Veado (1983), o fator que mais favoreceu o uso da variante reduzida [o] foi a posição final de palavra, embora, segundo a autora, não se pode afirmar que as outras posições são desfavorecedoras, sendo apenas uma questão de grau de favorecimento. Já para o ditongo /ej/, a posição final se mostrou bloqueadora para a forma [e]. No estudo de Lopes

(2002), essa foi a primeira variável selecionada para /ow/, em que a posição final se mostrou mais favorecedora para a redução. Para /ej/, essa variável não foi selecionada como relevante. Para Carvalho (2007), cujo foco era o apagamento do *glide* /j/ de vários ditongos, o fator favorecedor foi ‘meio de palavra’. Com base nesses trabalhos e em Silva (2014), que afirma que os ditongos [aj] e [ej] que potencialmente podem ser reduzidos não podem estar em final de palavra, nossa hipótese é que a posição ‘medial’ favoreça as variantes reduzidas [a] e [e], e que a posição ‘final’ favoreça a forma monotongada [o].

- *Classe gramatical*

Com o controle dessa variável, buscamos investigar se a redução dos ditongos está condicionada por fatores de ordem morfológica como a classe da palavra que contém o ditongo. Os fatores inicialmente controlados foram:

Fatores	/aj/	/ej/	/ow/
Verbos	encaixa	deixei	falou, trouxe
Substantivos	faixa	queijo	roupa, touca
Adjetivos	baixo	cheiroso	louco
Outras	embaixo	primeiro	pouco

No estudo de Amaral (2005), essa variável se mostrou relevante, e o fator ‘não verbo’ se mostrou mais favorecedor para a redução de [ej]. Na pesquisa de Carvalho (2007), essa variável foi selecionada como favorecedora para o apagamento de /j/, em que a redução se mostrou mais favorável em substantivos. Nossa hipótese para os ditongos /aj/ e /ej/ é que as formas não verbais favoreçam a variante monotongada. Já para /ow/, acreditamos, ainda que de forma intuitiva, que a redução do ditongo para [o] apresente maior frequência em verbos em virtude do uso frequente de formas verbais na 3ª pessoa do singular do Pretérito Perfeito do Indicativo em relatos de experiências pessoais, como em ‘andô’.

b) Variáveis independentes extralinguísticas

i) Eixo social

Nesta dimensão, consideramos as variáveis sociais clássicas da pesquisa laboviana: sexo, faixa etária e escolaridade.

- *Sexo*

Nesta variável, controlamos os fatores ‘homem’ e ‘mulher’ para verificar se a redução dos ditongos está suscetível ao sexo do falante, uma vez que, nas sociedades ocidentais, as

variantes de prestígio tendem a ser mais predominante na fala das mulheres (LABOV, 2008 [1972]; PAIVA, 2017). Sobre os processos variáveis pesquisados, acreditamos que nenhuma variante apresenta avaliação social negativa, isto é, seja estigmatizada na comunidade. Como não fizemos testes de avaliação social das variantes investigadas, essas afirmações são apenas especulações. Por esse motivo, ao invés de falarmos de formas prestigiadas ou estigmatizadas, preferimos associar as variantes em que os ditongos são mantidos como formas conservadoras e as variantes em que os ditongos são reduzidos como formas inovadoras.

Na maioria dos estudos variacionista sobre o fenômeno pesquisado, como o estudo-piloto de Veado (1983) e de Lopes (2002), os grupos de fatores não estruturais não se mostraram relevantes para a monotongação. Acreditamos que o ‘sexo’ não influencia de forma significativa para a regra de monotongação, porém, nossa hipótese é que os homens utilizem mais as formas em que os ditongos são reduzidos do que as mulheres, uma vez que elas tendem a ser mais conservadoras nas sociedades ocidentais.

- *Faixa etária*

Ao controlar a faixa etária de uma comunidade, é possível analisar se as realizações dos ditongos estão em variação estável ou em processo de mudança linguística para a forma reduzida na comunidade de fala selecionada.

Inicialmente, pretendíamos trabalhar com as mesmas faixas utilizadas por Cruz (2004) que distribuiu a idade dos informantes em três faixas etárias: de 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos e de 56 em diante, para comparação dos resultados. Porém, em virtude da pandemia de coronavírus que chegou ao Brasil no início de 2020 e persistiu até a conclusão desta pesquisa, o que afetou diretamente a realização das atividades acadêmicas presenciais e consequentemente a coleta de dados, optamos por ajustar as faixas etárias considerando apenas falantes de 18 a 33 anos e de 34 a 49 anos. A terceira faixa, que seria de pessoas mais velhas com idade a partir de 50 anos, foi excluída da pesquisa em virtude de ser formada por pessoas consideradas do grupo de risco.

Nos estudos consultados, a idade do falante não se mostrou significativa para a monotongação. Para Veado (1983), a redução dos ditongos não foi influenciada pela idade do falante. Para Amaral (2005), a ‘faixa etária’ se mostrou favorecedora para monotongação na localidade estudada e apontou que falantes mais jovens são mais suscetíveis à redução de [ej], com 0,62 de peso relativo. Já no estudo de Carvalho (2007) sobre os ditongos decrescentes orais na fala de Recife, a ‘faixa etária’ se mostrou significativa para a aplicação da regra de apagamento dos *glides* /j/ e /w/, em que o fator favorecedor foi a segunda faixa etária, de 26 a

49 anos, com 79% de frequência e 0,69 de peso relativo para /j/ e 83% de redução e 0,63 de peso relativo para /w/. Com base nesses resultados, acreditamos que falantes das menores faixas etárias apliquem mais a regra de redução dos ditongos.

- *Escolaridade*

Quanto à variável ‘escolaridade’, consideramos apenas falantes que tenham cursado no mínimo o ensino fundamental completo, ou antigo 1º grau. Essa variável possui dois fatores: ‘escolaridade 1’, que corresponde a informantes que tenham frequentado a escola pelo período de 8 a 12 anos, ou seja, que tenham cursado o ensino fundamental completo até o ensino médio completo; e ‘escolaridade 2’, que corresponde a informantes que tenham educação escolar acima de 12 anos, isto é, que estejam cursando o ensino superior ou que já o tenham concluído. Nesta pesquisa, não incluímos falantes com menor grau de escolaridade por acreditarmos que a redução dos ditongos é um fenômeno quase imperceptível na fala sendo, assim, bastante produtivo. Dessa forma, é possível investigar a frequência com que falantes que frequentaram a escola por mais tempo utilizam as formas reduzidas dos ditongos e se a escolaridade é capaz de bloquear a redução dos ditongos.

O grau de escolaridade do falante tem se mostrado significativo para a redução dos ditongos. Nas pesquisas de Lopes (2002) e de Carvalho (2007), a ‘escolaridade’ foi selecionada pelo programa estatístico como relevante para o apagamento dos *glides*, e os resultados apontaram que falantes com menos escolaridade são mais suscetíveis a realizarem a forma monotongada. Mesmo selecionando informantes que tenham cursado no mínimo o ensino fundamental completo, ou antigo 1º grau, acreditamos que falantes com menor grau de escolaridade, aqueles que frequentaram a escola por menos tempo, reduzam mais os ditongos do que os falantes que frequentaram a escola por mais tempo.

- ii) Eixo diatópico

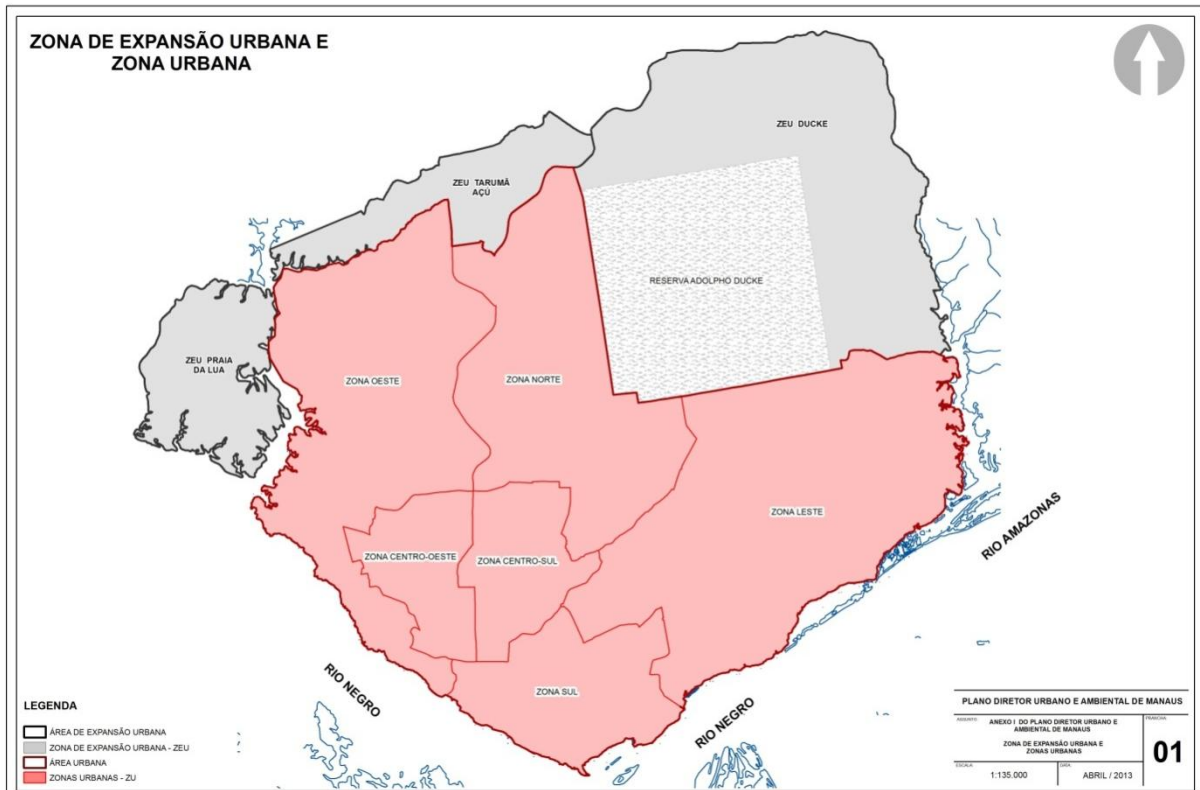
Mesmo que o contexto de nossa pesquisa seja a comunidade de fala manauara, ainda é possível controlar a dimensão diatópica da variação considerando a área geográfica em que o informante reside. Para isso, incluímos nesta pesquisa o grupo de fatores ‘localização de moradia’.

- *Localização de moradia*

Nesta variável, levamos em conta a área em que a residência do informante se situa em Manaus, considerando duas localidades como fatores, ‘bairros centrais’ e ‘bairros periféricos’, para verificar se a redução dos ditongos é influenciada por grupos de fatores geográficos como a ‘localização de moradia’ do falante.

Para fazer a divisão geográfica de Manaus em ‘bairros centrais’ e ‘bairros periféricos’, levamos em consideração a divisão da cidade em zonas urbanas de acordo com o *Plano Diretor Urbano e Ambiental do Município de Manaus* implantado pelo Instituto Municipal de Planejamento Urbano (IMPLURB), conforme a Figura 3.

Figura 3 - Mapa das Zonas Urbanas de Manaus



Fonte: Manaus (2014)

Como podemos observar, as áreas urbanas mais centrais da cidade de Manaus correspondem às Zonas Sul, Centro-Sul e Centro-Oeste e as mais periféricas correspondem às Zonas Leste, Norte e Oeste.

Os bairros pertencentes a cada uma das zonas urbanas de Manaus, de acordo com o Plano Diretor (MANAUS, 2014), estão no Quadro 4.

Quadro 4 - Bairros e Zonas de Manaus

Zona Urbana	Bairros
Sul	Centro, N. Sra Aparecida, Presidente Vargas, Cachoeirinha, Praça 14 de Janeiro, Colônia Oliveira Machado, Crespo, Educandos, Morro da Liberdade, Santa Luzia, São Lázaro, Betânia, Raiz, Japiim, Petrópolis, São Francisco, Distrito Industrial, Vila Buriti, Flores, Parque 10 de Novembro, Aleixo, Adrianópolis, N. Sra das Graças, Chapada, São Geraldo, São Jorge, Dom Pedro I, Alvorada, Da Paz, Planalto, Redenção, Nova Esperança, Lírio do Vale

Centro-Sul	Flores, Parque 10 de Novembro, Aleixo, Adrianópolis, N. Sra das Graças
Centro-Oeste	Chapada, São Geraldo, São Jorge, Dom Pedro I, Alvorada, Da Paz, Planalto, Redenção, Nova Esperança, Lírio do Vale
Oeste	Glória, Santo Antônio, São Raimundo, Compensa, Vila da Prata, Ponta Negra, Tarumã, Tarumã-Açú
Leste	Coroado, Distrito Industrial II, Colônia Antônio Aleixo, Mauazinho, Puraquequara, Armando Mendes, Gilberto Mestrinho, Jorge Teixeira, São José Operário, Tancredo Neves, Zumbi dos Palmares
Norte	Cidade de Deus, Nova Cidade, Cidade Nova, Novo Aleixo, Colônia Santo Antônio, Colônia Terra Nova, Monte das Oliveiras, Novo Israel, Santa Etelvina, Lago Azul

Fonte: Adaptado de Manaus (2014)

Nas zonas mais centrais estão localizados bairros mais antigos da cidade, enquanto nas zonas mais periféricas estão localizados bairros mais novos.

Para o fator ‘bairros centrais’, que também chamamos de ‘localidade 1’, poderiam ser contemplados bairros pertencentes a qualquer uma das zonas Sul, Centro-Sul e Centro-Oeste. Para o fator ‘bairros periféricos’, que também chamamos de ‘localidade 2’, poderiam ser contemplados bairros pertencentes a qualquer uma das zonas Norte e Leste, áreas que estão em constante expansão na cidade de Manaus. A zona Oeste de Manaus não foi contemplada nesta pesquisa.

Destacamos que o fato de utilizarmos como critério para o controle diatópico a divisão da cidade em zonas urbanas não significa que todos os bairros das zonas selecionadas foram contemplados, o que seria inexecutável por conta da extensão territorial de Manaus e da dificuldade de acesso aos informantes por conta da pandemia. As localidades que representaram os ‘bairros centrais’ foram: Centro, Crespo, Educandos, Praça 14 de Janeiro e Parque 10 de Novembro. As localidades que representaram os ‘bairros periféricos’ foram: Cidade de Deus, Cidade Nova, Novo Aleixo, Novo Israel e Colônia Terra Nova.

De modo geral, grupos de fatores geográficos costumam ser significativos para fenômenos em variação. Dos estudos que controlaram essa variável, o de Pereira (2004) mostrou que a localização geográfica não apresentou qualquer efeito para a redução dos ditongos, uma vez que a redução foi categórica. Já para Carvalho (2007), essa variável se mostrou relevante apenas para o apagamento de /w/, em que falantes de bairros do subúrbio se mostraram mais favorecedores para o apagamento (0,57) do que falantes de bairros centrais (0,37). Levando em conta esses resultados, nossa hipótese é de falantes de bairros periféricos, que geralmente apresentam menor poder aquisitivo, reduzam mais os ditongos em estudo do que falantes de bairros centrais.

iii) Eixo estilístico

Antes de apresentarmos a variável estilística controlada nesta pesquisa, é preciso fazer algumas considerações sobre essa dimensão ainda pouco controlada nos estudos variacionistas (se comparada com a dimensão social), mas que vem ganhando destaque em trabalhos mais recentes.

Para Labov (2008 [1972]), o estilo pode ser medido por uma única dimensão: o grau de atenção prestado à fala. No entanto, outros parâmetros de medição estilística vêm surgindo, conforme afirmam Valle e Görski (2014, p. 111): “[...] as formulações mais recentes sobre a variação estilística são cada vez mais multidimensionais, na medida em que reconhecem que vários fatores contextuais podem agir simultaneamente sobre a fala.” Esses fatores, segundo as autoras, podem ser tanto externos quanto internos. Como fatores externos, podem ser controlados: a ‘formalidade da situação’, a ‘audiência’ e o ‘tópico’; acerca dos fatores internos, podem ser controlados: ‘intenção de passar uma certa impressão de si mesmo’, ‘manutenção ou inauguração do tipo de relação entre falante e interlocutor’, ‘posição do falante em relação a valores’, ‘normas ou grupos sociais’, entre outros.

A partir das premissas labovianas sobre o estilo, que basicamente envolvem o controle dos registros de fala de acordo com o grau de atenção do falante, novas propostas para o estudo da variação estilística foram elaboradas. Estudos com foco no controle de sequências textuais e de tópicos envolvidos na entrevista ganharam mais espaço. Em meio a tantas propostas para o estudo do estilo, escolher a mais adequada dependerá do fenômeno estudado e dos objetivos propostos.

Freitag (2014, p. 124) afirma que no nível fonológico, o estilo pode ser controlado por meio de um *continuum*. Porém, quando os estudos variacionistas expandem para outros domínios gramaticais, seu controle precisa ser reelaborado, de modo a captar a dimensão estilística da variação no plano além da fonologia. A autora destaca que para captar a dimensão estilística da variação, o mais apropriado seria utilizar outras formas de obter dados além da entrevista sociolinguística, como, por exemplo, gravar um mesmo indivíduo em diferentes papéis sociais além da interação com o entrevistador.

Porém, o mais apropriado nem sempre é executável, pois acompanhar um mesmo indivíduo em diferentes interações sociais talvez não fosse possível em um estudo com curto prazo e com um número elevado de informantes. Como o foco desta pesquisa é a variação no nível fonético-fonológico, para medir a variação estilística, escolhemos o isolamento de estilos contextuais conforme o grau de monitoramento dos diferentes instrumentos de coleta utilizados.

No Quadro 5, apresentamos todas as variáveis controladas na pesquisa e os fatores de cada grupo com a codificação utilizada nas análises estatísticas realizadas pelo *GoldVarb X*.

Quadro 5 - Variáveis controladas

Variáveis dependentes		Variantes	Codificação
Ditongos /aj/, /ej/, e /ow/		Redução do ditongo	0
		Manutenção do ditongo	P
Variáveis independentes		Fatores	Codificação
Linguísticas	Contexto seguinte	Oclusivas bilabiais [p, b],	b
		Oclusivas alveolares [t, d]	a
		Oclusivas velares [k, g]	w
		Nasais [m, n]	n
		Tepe [r]	t
		Fricativa labiodental [v]	d
		Fricativas alveolares [s, z]	s
		Fricativas alveopalatais [ʃ, ʒ]	f
		Fricativa glotal [h]	g
		Africada alveopalatal [tʃ]	x
		Laterais [l, ʎ]	l
		Vogais	v
		Pausa	p
	Tonicidade	Tônico	T
		Átono	A
	Posição na palavra	Inicial	i
		Medial	m
		Final	f
		Não se aplica	/
	Classe gramatical	Verbos	V
Substantivos		S	
Adjetivos		A	
Outras		O	
Extralinguísticas	Sexo	Homem	H
		Mulher	M
	Faixa etária	Faixa 1 (18 a 33 anos)	1
		Faixa 2 (34 a 49 anos)	2
	Escolaridade	Escolaridade 1 (8 a 12)	e
		Escolaridade 2 (mais de 12)	E
	Localização de moradia	Bairros centrais	C
		Bairros periféricos	P
	Tipo de coleta	Entrevista	E
		Questionário	Q
Leitura		L	

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Por esta pesquisa contemplar o estudo das realizações de três ditongos, /aj/, /ej/ e /ow/, foi necessário fazer análises estatísticas separadas para cada ditongo investigado, pois os fatores de cada grupo controlado são diferentes para variável, assim como os condicionamentos para a utilização das variantes reduzidas.

No próximo capítulo, apresentamos os resultados obtidos nesta pesquisa e se as hipóteses levantadas foram confirmadas ou refutadas.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Antes de apresentarmos os resultados desta pesquisa, precisamos fazer algumas considerações sobre a formação dos *corpora* para análise das variáveis linguísticas.

Os dados foram transcritos de acordo com as ocorrências das variantes dos ditongos em estudo, [aj]~[a], [ej]~[e] e [ow]~[o]. Inicialmente, consideramos todas as palavras com os ditongos investigados e transcrevemos todas as ocorrências das realizações desses ditongos para termos uma visão geral do fenômeno. Nas rodadas estatísticas de cada ditongo, fizemos um refinamento dos dados excluindo contextos em que não houve variação e em que o ditongo se manteve de forma categórica, além de outras especificidades descritas na análise de cada ditongo.

Neste estudo, estabelecemos a variante reduzida de cada ditongo como aplicação da regra nas análises estatísticas. Os resultados são descritos nas próximas seções.

4.1 Ditongo /aj/

Na análise inicial de ocorrências das variantes de /aj/, obtivemos um total de 1.256 dados. A fim de obtermos um panorama geral do fenômeno e para verificarmos os casos categóricos da variante [aj] em determinados contextos, o que indica que não há variação, fizemos uma primeira rodada estatística. Os resultados iniciais confirmaram a teoria de Silva (2014) que [aj] não reduz a [a] em final de palavra, pois em todos os dados nessa posição não houve redução. Assim, excluímos os itens em que o ditongo /aj/ se manteve de forma categórica, como é o caso dos dados com o ditongo em final de palavra, a exemplo de ‘papai’, bem como em monossílabos tônicos, como em ‘vai’ e ‘mais’, por exemplo, visto que não houve variação nessas ocorrências que foram realizadas sempre como [aj].

Com a exclusão desses itens, restaram apenas 552 dados para o *corpus* de /aj/, que foram submetidos a novas análises estatísticas realizadas pelo programa *GoldVarb X*. O resultado geral com o número de ocorrências e frequência de uso para cada uma das variantes do ditongo /aj/ é apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 - Frequência geral da realização variável do ditongo /aj/

Variantes	Ocorrências	%
[a] – Redução do ditongo	101	18,3
[aj] – Manutenção do ditongo	451	81,7
Total	552	

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

A frequência de uso da variante monotongada [a] foi baixa, ocorrendo em apenas 18,3% dos dados, que corresponde a 101 ocorrências, enquanto a variante [aj] foi a forma mais produtiva com 81,7% de frequência, que corresponde a 451 ocorrências, o que indica que a monotongação é bem restrita na comunidade de fala estudada.

Os resultados deste estudo foram diferentes dos estudos consultados em outras localidades do Brasil, até porque a realização variável de /aj/ foi pouco investigada, aparecendo apenas no estudo de Pereira (2004) em que o apagamento do *glide* foi categórico, embora a autora não apresente o número de dados analisados, e no de Carvalho (2007) em que não foram apresentados os índices gerais de realização de cada ditongo.

4.1.1 Grupos de fatores selecionados

Nesta seção, apresentamos os resultados para cada variável independente selecionada como relevante pelo *GoldVarb X* para a aplicação da regra. A ordem de seleção conforme a relevância para o uso da variante [a] foi: ‘contexto seguinte’, ‘tipo de coleta’, ‘posição na palavra’ e ‘escolaridade’. No entanto, dividimos as variáveis selecionadas em linguísticas e extralinguísticas para melhor apresentação dos resultados.

4.1.1.1 Variáveis independentes linguísticas

- *Contexto seguinte*

A primeira variável selecionada foi ‘contexto seguinte’. Inicialmente, os contextos encontrados nos dados e controlados para esse grupo foram: ‘oclusivas bilabiais [p, b]’, ‘oclusiva alveolar [t]’, ‘fricativa labiodental [v]’, ‘fricativa alveolar [z]’, ‘fricativa alveopalatal [ʃ]’, ‘fricativa glotal [h]’, ‘laterais [l, ʎ]’ e ‘vogais’. Contudo, em virtude de *knockouts* ocasionados possivelmente pelo número reduzido de dados em alguns contextos, tivemos que amalgamar fatores. Mantivemos o fator ‘fricativa alveopalatal [ʃ]’, que apresentou maior número de ocorrências com a forma reduzida [a], e o fator ‘vogais’ que em virtude de suas características articulatórias não poderia ser agrupado com outros fatores. Os demais contextos consonantais foram agrupados, ficando, ao final da rodada, somente os fatores ‘fricativa alveopalatal [ʃ]’, ‘outras consoantes’ e ‘vogais’.

Por se tratar de um fenômeno que ocorre dentro da língua, nossa hipótese era que a monotongação poderia ser favorecida ou bloqueada pelo segmento seguinte, e que a variante monotongada [a] apresentaria maior frequência diante da fricativa alveopalatal surda [ʃ], considerada contexto favorável para a redução. Os resultados estão na Tabela 2.

Tabela 2 - Frequência e probabilidade da variante [a] conforme o *contexto seguinte*

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Fricativa alveopalatal [ʃ]	96/213	45,1	0,96
Vogais	3/128	2,3	0,19
Outras consoantes	2/211	0,9	0,08
Significância: 0,016			
<i>Input</i> : 0,045			

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Os resultados mostram que a variante reduzida [a] ocorre em contextos muito específicos, quase exclusivamente diante da fricativa alveopalatal surda [ʃ], como em ‘ap[a]xonada’, ‘b[a]xo’, ‘c[a]xa’, por exemplo, que ocorreu em 45,1% dos dados com 0,96 de peso relativo, o que indica que o ditongo [aj] seguido de [ʃ] tende a ser reduzido para [a], conforme a hipótese inicialmente levantada. Já diante de outros contextos quase não há redução, uma vez que diante de vogais ocorreu em 2,3% dos dados com 0,19 de peso relativo, apenas nas palavras ‘maionese’ e ‘maioria’ realizadas como ‘m[a]onese’ e ‘m[a]oria’, e diante de outras consoantes em apenas 0,9% dos dados com 0,08 de peso relativo, somente na palavra ‘bairro’ realizada como ‘b[a]rrio’⁷.

- *Posição na palavra*

A segunda variável independente linguística selecionada como relevante foi ‘posição na palavra’, controlada para analisar se a localização da sílaba com o ditongo no vocábulo, considerando a posição inicial, medial e final, pode condicionar a monotongação. Como citado anteriormente, ocorrências com o ditongo /aj/ em posição final de palavra foram retiradas da análise visto que essa posição bloqueia a redução. Por isso, consideramos apenas as posições ‘inicial’ e ‘medial’ como fatores para esse grupo.

Dos trabalhos consultados que abordaram o ditongo /aj/, apenas o de Carvalho (2007) controlou essa variável, embora o foco tenha sido o apagamento do *glide* /j/ de vários ditongos. Nesse estudo, o fator favorecedor foi ‘meio de palavra’, com 0,66 de peso relativo. Com base nisso, levantamos a hipótese de que a posição ‘medial’ seria a mais favorecedora para o uso da variante reduzida.

Os resultados dos condicionamentos para o uso da variante [a] considerando a posição do ditongo na palavra são ilustrados na Tabela 3.

⁷ A palavra ‘bairro’ realizada como ‘barrio’ foi produzida pelo mesmo informante. Notemos que o falante não realizou ‘barro’, que tem outro significado. Por isso, não temos como afirmar se foi realmente uma ocorrência de monotongação, já que ‘barrio’ ocorreu em apenas dois dados, sendo mais provável que seja um caso de hipótese, metaplasmo por transposição de fonemas em diferentes sílabas, porém, isto é apenas uma suposição.

Tabela 3 - Frequência e probabilidade da variante [a] conforme a *posição na palavra*

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Medial	22/68	32,4	0,78
Inicial	79/484	16,3	0,45

Significância: 0,016
Input: 0,045

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Os dados mostram que quando o ditongo [aj] está localizado em posição ‘medial’ de palavra, ele tem maior probabilidade de redução a [a], com 0,78 de peso relativo, como em ‘emb[a]xo’. Já quando ele está localizado em posição ‘inicial’, a probabilidade de redução é bem menor, com 0,45 de peso relativo, como em ‘b[a]xo’. Em termos percentuais, a frequência de uso da forma reduzida [a] na posição ‘medial’ foi de 32,4%, enquanto na ‘inicial’ foi 16,3%. Tais resultados validam a hipótese que apontava a posição ‘medial’ de palavra como a mais favorecedora para a redução.

4.1.1.2 Variáveis independentes extralinguísticas

- *Tipo de coleta*

O primeiro condicionador extralinguístico selecionado foi ‘tipo de coleta’, controlado para medir se a monotongação está sujeita à variação estilística de acordo com o grau de formalidade atribuído a cada instrumento de coleta: ‘entrevista’, ‘questionário’ e ‘leitura’. Nossa hipótese era de que em contextos menos formais, como na entrevista, os falantes utilizariam mais a variante reduzida, e nos contextos mais formais, como no questionário e na leitura, que a manutenção do ditongo seria a mais produtiva. Na Tabela 4, apresentamos os resultados obtidos.

Tabela 4 - Frequência e probabilidade da variante [a] conforme o *tipo de coleta*

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Entrevista	45/210	21,4	0,82
Leitura	31/188	16,5	0,32
Questionário	25/154	16,2	0,22

Significância: 0,016
Input: 0,045

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

A entrevista foi o contexto mais favorável para a monotongação, apresentando 0,82 de peso relativo (PR) e 21,4% de frequência de uso de [a]. Os demais contextos se mostraram desfavoráveis para a aplicação da regra de monotongação, em que a leitura obteve 0,32 de

peso relativo e 16,5% de frequência, e o questionário 0,22 e 16,2%. Dessa forma, nossa hipótese se confirmou parcialmente, pois em termos de frequência, o uso da variante [a] foi reduzido nos três instrumentos, atingindo o máximo de 21,4% na entrevista, ou seja, a variante [aj] foi a mais produtiva nos três tipos de coleta. Porém, em termos de favorecimento, o contexto menos monitorado da entrevista – apesar de ser uma situação mais formal do que qualquer situação de fala espontânea – se mostrou favorável para o uso da variante [a], enquanto os contextos mais monitorados em que se presta maior atenção à fala, como durante a resposta direta a um questionário e no decorrer da leitura de um texto, se mostraram desfavoráveis para a redução.

- *Escolaridade*

A escolaridade tem se mostrado como um dos poucos grupos de fatores de ordem social relevantes para o fenômeno da monotongação. No estudo de Carvalho (2007) sobre o apagamento de /j/, falantes com menos escolaridade favoreceram o apagamento com 0,72 de peso relativo. Nossa hipótese era de que falantes que frequentaram a escola por menos tempo iriam apresentar maior índice de monotongação, o que pode ser validado nos resultados encontrados e ilustrados na Tabela 5.

Tabela 5 - Frequência e probabilidade da variante [a] conforme a *escolaridade*

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Escolaridade 1 (8 a 12 anos)	56/239	23,4	0,60
Escolaridade 2 (mais de 12 anos)	45/313	14,4	0,42

Significância: 0,016
Input: 0,045

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Na comunidade de fala estudada, falantes com ‘escolaridade 1’, que estudaram pelo período de 8 a 12 anos, utilizaram mais a variante reduzida [a], com 23,4% de frequência, do que falantes com ‘escolaridade 2’, que estudaram por mais de 12 anos, com apenas 14,4% dos dados. Em termos de favorecimento, falantes com menos escolaridade apresentaram maior probabilidade de utilizar a forma reduzida, ou seja, foram mais favoráveis à aplicação da regra (PR 0,60), enquanto falantes com mais escolaridade apresentaram menor probabilidade, sendo desfavoráveis à monotongação (PR 0,42). A escolaridade do falante se mostrou um importante condicionador para o uso da variante monotongada na amostra analisada.

4.1.2 Grupos de fatores não selecionados

Nesta seção, apresentamos as variáveis eliminadas pelo programa estatístico por não terem sido consideradas relevantes para a aplicação de regra de monotongação, mas que merecem algumas considerações. São elas, conforme ordem de eliminação: ‘sexo’, ‘classe gramatical’, ‘localização de moradia’, ‘faixa etária’ e ‘tonicidade’.

- *Sexo*

Esta foi a primeira variável descartada pelo programa estatístico. Na maioria dos estudos variacionistas consultados, grupos de fatores de ordem social como o sexo do falante não tiveram relevância para um fenômeno fonológico como a monotongação. Essa variável foi selecionada como relevante para o ditongo /aj/ somente no estudo de Carvalho (2007), em que as mulheres foram mais favoráveis ao apagamento do *glide* /j/ com 0,57 de peso relativo. Nossa hipótese era de que o sexo do falante não seria um grande influenciador para a redução de ditongos, mas que os homens utilizariam mais a forma reduzida. Os resultados estão ilustrados na Tabela 6.

Tabela 6 - Frequência da variante [a] conforme o *sexo*

Fatores	Aplicação/Total	%
Homem	58/310	18,7
Mulher	43/242	17,8
Total	101/552	

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Apesar desta variável não ter sido selecionada como relevante, os resultados corroboram a hipótese levantada, pois os homens utilizaram a variante [a] em 18,7% dos dados, totalizando 58 dados, enquanto as mulheres a utilizaram em 17,8% dos dados, o que corresponde a 43 ocorrências. Em nossa amostra, homens e mulheres apresentaram percentuais bem próximos de utilização da forma reduzida [a], com frequências semelhantes, o que mostra que o fenômeno da monotongação não é condicionado pelo sexo do falante.

- *Classe gramatical*

A classe gramatical das palavras com ditongos também não se mostrou significativa para o uso da variante monotongada [a]. Levantamos a hipótese de que formas não verbais seriam as mais favorecedoras para a monotongação, já que na pesquisa de Carvalho (2007) essa variável foi selecionada como favorecedora para o apagamento de /j/, principalmente em

substantivos. No entanto, essa variável sequer foi selecionada nesta pesquisa. Na Tabela 7, apresentamos os resultados em termos de frequência de uso da forma reduzida [a].

Tabela 7 - Frequência da variante [a] conforme a *classe gramatical*

Fatores	Aplicação/Total	%
Adjetivos	31/78	39,7
Outras	6/23	26,1
Substantivos	62/421	14,7
Verbos	2/30	6,7
Total	101/552	

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Mesmo não sendo selecionada como revelante para a aplicação da regra, adjetivos, substantivos e outras formas não verbais apresentaram maior incidência de monotongação em termos de frequência de uso, com 39,7% para adjetivos, 26,1% para outras classes, como numerais e advérbios, e 14,7% para substantivos, que apesar de apresentar o maior número de dados do *corpus* de /aj/, foi o que apresentou a menor frequência de uso das formas não verbais, somente 62 ocorrências da variante [a] de um total de 421 dados. A menor incidência da forma reduzida ocorreu em verbos, com 6,7% de frequência, o que corresponde a apenas dois dados.

- *Localização de moradia*

Ao controlar a ‘localização de moradia’ dos falantes, pretendíamos verificar se grupos de fatores geográficos poderiam ter influência no fenômeno da monotongação, porém, para o ditongo /aj/, ela não se mostrou relevante para a “escolha” de uma das formas variantes. Os resultados em termos de frequência de uso estão na Tabela 8.

Tabela 8 - Frequência da variante [a] conforme a *localização de moradia*

Fatores	Aplicação/Total	%
Bairros centrais	53/281	18,9
Bairros periféricos	48/271	17,7
Total	101/552	

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Os índices da forma monotongada [a] não apresentaram diferenças significativas em termos de frequência de uso, uma vez que falantes de ‘bairros centrais’ utilizaram a variante [a] em 18,9% dos dados e falantes de ‘bairros periféricos’ em 17,7%. Apenas os trabalhos de Pereira (2004) e de Carvalho (2007) controlaram a variação diatópica como possível influência para a redução de [aj], no entanto, assim como neste estudo, essa variável não

mostrou ter efeito para a aplicação da regra de monotongação. Do mesmo modo, a região em que o falante mora na área urbana de Manaus não se mostrou relevante para o uso da variante [a] já que, nas duas localidades, os índices de monotongação foram reduzidos, ou seja, a forma [aj] foi a mais produtiva tanto em bairros centrais quanto em bairros periféricos.

- *Faixa etária*

A idade do falante também não mostrou ter importância para o uso da forma reduzida [a] visto que a variável ‘faixa etária’ foi eliminada pelo programa estatístico. Grupos de fatores de ordem social não têm apresentado grande peso para fenômenos fonético-fonológicos em variação. Nos estudos que analisaram o ditongo /aj/, apenas no de Carvalho (2007) essa variável foi escolhida, e o fator condicionador para o apagamento de /j/ foi a segunda faixa etária (26 a 49 anos) com 79% de frequência e 0,69 de peso relativo. Nossa hipótese era de que falantes mais jovens utilizariam mais a variante reduzida, o que ocorreu.

Tabela 9 - Frequência da variante [a] conforme a *faixa etária*

Fatores	Aplicação/Total	%
Faixa 1 (18 a 33 anos)	62/275	22,5
Faixa 2 (34 a 49 anos)	39/277	14,1
Total	101/552	

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Os resultados da Tabela 9 mostram que os falantes da ‘faixa 1’, que corresponde a informantes mais jovens de 18 a 33 anos, utilizaram mais a forma reduzida [a], com 22,5% o que corresponde a 62 dados de 275 ocorrências. Já os falantes da ‘faixa 2’, de 34 a 49 anos, utilizaram a forma reduzida em 14,1% dos dados. Devemos destacar que inicialmente pretendíamos controlar três faixas etárias, mas devido a coleta de dados ser feita mediante pesquisa de campo por meio de entrevistas sociolinguísticas e, considerando a situação de pandemia, sobretudo da segunda onda de infecções pelo coronavírus em Manaus ocorrida durante a coleta dos dados, optamos por retirar a terceira faixa da pesquisa, que seria formada por pessoas com idade a partir de 50 anos, consideradas do grupo de risco.

- *Tonicidade*

A última variável eliminada pelo programa estatístico foi a ‘tonicidade’. A princípio, pretendíamos controlar os fatores ‘tônico’, ‘pretônico’ e ‘postônico’, porém não houve ocorrência de uma das variantes de /aj/ em posição postônica nos dados coletados. Optamos, então, por reclassificar os fatores apenas como ‘tônico’ ou ‘átono’. Embora essa variável não

tenha sido controlada ou selecionada nos trabalhos consultados que analisaram o ditongo /aj/, nossa hipótese, ainda que de forma intuitiva, era de que ditongos átonos favoreceriam a redução. Os resultados em percentuais foram ao contrário, de acordo com a Tabela 10.

Tabela 10 - Frequência da variante [a] conforme a *tonicidade*

Fatores	Aplicação/Total	%
Tônico	75/369	20,3
Átono	26/183	14,2
Total	101/552	

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

O maior número de dados de uma das variantes de /aj/ ocorreu em sílabas tônicas, com 369 ocorrências das quais em 75 delas houve redução do ditongo, como em ‘f[a]xa’ e ‘c[a]xa’, o que corresponde a 20,3% de frequência. Já em sílabas átonas, obtivemos 183 ocorrências das quais em apenas 26 delas foi da variante [a], como em ‘m[a]oria’ e ‘p[a]xão’, o que corresponde a 14,2% dos dados. Para o ditongo /aj/, a ‘tonicidade’ não se mostrou estatisticamente um condicionador importante para o fenômeno da monotongação na comunidade de fala estudada.

4.2 Ditongo /ej/

Para o ditongo /ej/, coletamos 1.845 dados com uma de suas variantes, [ej] ou [e]. Submetemos os dados a uma primeira análise estatística no programa *GoldVarb X* para verificarmos os casos em que não havia variação e termos uma visão geral do comportamento do ditongo nos dados de fala. Assim como ocorreu com o ditongo /aj/, os primeiros resultados para o ditongo /ej/ confirmaram que este ditongo também não sofre redução em final de palavra, uma vez que nas ocorrências de /ej/ nesta posição, a manutenção do ditongo foi categórica.

Com isso, excluímos os dados com o ditongo /ej/ em final de palavra – o que consequentemente eliminou o fator ‘pausa’ do grupo de fatores ‘contexto seguinte’ – assim como as ocorrências desse ditongo em posição postônica, no qual só computamos dois dados, nas palavras ‘sensíveis’ e ‘automóveis’, ou seja, na formação do plural de vocábulos terminados em ‘el’ para ‘eis’, em que o ditongo se manteve.

Após a exclusão desses itens, permaneceram 1.597 dados que formaram o *corpus* para análise de /ej/ e que foram submetidos a diversas análises estatísticas no programa *GoldVarb X*. O resultado geral para a realização variável de /ej/ é ilustrado na Tabela 11.

Tabela 11 - Frequência geral da realização variável do ditongo /ej/

Variantes	Ocorrências	%
[e] – Redução do ditongo	807	50,5
[ej] – Manutenção do ditongo	790	49,5
Total	1.597	

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

A variante monotongada [e] foi a mais produtiva em nossa amostra de fala, ocorrendo em mais da metade dos dados, com 50,5% de frequência de uso, enquanto a forma [ej] ocorreu em 49,5% dos dados, o que indica que as duas variantes estão concorrendo igualmente para a realização de /ej/.

Nos estudos consultados sobre o ditongo /ej/, como o de Lopes (2002), a variante monotongada [e] foi apontada como a forma mais utilizada, com 54% de frequência. Dos estudos realizados no Amazonas, o de Justiniano (2012) apresentou um índice mais elevado de redução, atingindo 54,97% de frequência de uso da variante [e], o que indica que a monotongação de [ej] está bem abrangente na fala atingindo mais de 50% de realização.

4.2.1 Grupos de fatores selecionados

Nas seções seguintes, apresentamos os resultados para cada variável independente selecionada como significativa pelo programa *GoldVarb X* para a aplicação da regra, ou seja, para o uso da variante [e]. A ordem de seleção do programa estatístico foi: ‘contexto seguinte’, ‘tipo de coleta’, ‘escolaridade’, ‘sexo’, ‘faixa etária’, ‘classe gramatical’ e ‘posição na palavra’. No entanto, para melhor visualização dos resultados, dividimos as variáveis em linguísticas e extralinguísticas, mas respeitando a ordem de seleção para cada eixo.

4.2.1.1 Variáveis independentes linguísticas

- *Contexto seguinte*

A variável independente linguística selecionada como a mais relevante para a realização da variante monotongada [e] foi ‘contexto seguinte’. Nas primeiras rodadas estatísticas, controlamos todos os contextos encontrados no *corpus*, que foram: ‘oclusiva alveolar [t]’, ‘oclusiva velar [g]’, ‘nasais [m, n]’, ‘tepe [r]’, ‘fricativa alveolar [s]’, ‘fricativas alveopalatais [ʃ, ʒ]’, ‘africada alveopalatal [tʃ]’, ‘lateral [l]’ e ‘vogais’. Porém, em decorrência de alguns *knockouts* possivelmente ocasionados pelo pequeno número de dados em determinados ambientes, e para resolver alguns enviesamentos, amalgamamos fatores ficando ao final das rodadas somente: ‘oclusivas’ (formada pelos fatores ‘oclusiva alveolar [t]’,

‘oclusiva velar [g]’ e ‘africada alveopalatal [tʃ]’ por esta ser um alofone da consoante oclusiva /t/, ‘tepe [r]’, ‘fricativas alveopalatais [ʃ, ʒ]’, ‘outras consoantes’ (composta por ‘nasais [m, n]’, fricativa alveolar [s]’ e ‘lateral [l]’) e ‘vogais’. Os resultados encontrados estão na Tabela 12.

Tabela 12 - Frequência e probabilidade da variante [e] conforme o *contexto seguinte*

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Tepe [r]	523/682	76,7	0,79
Fricativas alveopalatais [ʃ, ʒ]	206/343	60,1	0,67
Outras consoantes	19/98	19,4	0,24
Oclusivas	48/302	15,9	0,15
Vogais	11/172	6,4	0,04
Significância: 0,043			
Input: 0,479			

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

O ambiente seguinte que mais favoreceu a variante [e] foi ‘tepe’, em palavras como ‘fever[e]ro’, ‘brincad[e]ra’, ‘dinh[e]ro’ e ‘cald[e]rada’, por exemplo, com 0,79 de peso relativo e 76,7% de frequência de uso, o que significa que em 523 ocorrências, de um total de 682 dados, houve a monotongação. O segundo contexto favorecedor foi ‘fricativas alveopalatais [ʃ, ʒ]’, como em ‘p[e]xe’, ‘d[e]xar’, ‘f[e]jão’ e ‘qu[e]jo’, com 0,67 de peso relativo e 60,1% de frequência. Isso quer dizer que quando [ej] é seguido de tepe [r] ou das fricativas alveopalatais [ʃ, ʒ], há grande probabilidade de haver apagamento do *glide*.

Os demais contextos controlados se mostraram desfavoráveis para o uso da variante [e], já que apresentaram peso relativo abaixo de 0,50. Diante de ‘outras consoantes’ (19,4% e 0,24) exceto oclusivas, a redução parece estar atrelada a palavras específicas, visto que só houve monotongação nas palavras ‘qu[e]mar’, ‘qu[e]madura’ e ‘qu[e]madas’. Já diante de ‘oclusivas’ (15,9% e 0,15), a variante [e] só ocorreu nas palavras ‘f[e]tiço’, ‘f[e]ticeiro’, ‘l[e]te’, ‘enf[e]te’, ‘az[e]te’ e ‘mant[e]ga’ e suas flexões e derivações, como em ‘mant[e]gas’ e ‘mant[e]gueira’. O contexto seguinte mais desfavorável para a variante reduzida foi ‘vogais’, com apenas 6,4% de frequência de uso e 0,04 de peso relativo e ocorreu em palavras como ‘creio’, ‘teia’ e ‘aldeia’, realizadas como ‘cr[e]o’, ‘t[e]a’, ‘ald[e]a’, respectivamente. Tais resultados confirmam a hipótese de que os contextos mais favoráveis para a redução são [r], [ʃ] e [ʒ] e corroboram os resultados de Veado (1983), Lopes (2002), Amaral (2005) e Carvalho (2007) de que o fator mais favorecedor para a redução foi ‘tepe’, seguido das ‘fricativas [ʃ, ʒ]’. Nos demais contextos, a monotongação parece estar mais atrelada a determinados itens lexicais do que aos contextos seguintes.

- *Classe gramatical*

A segunda variável independente linguística selecionada na análise estatística foi ‘classe gramatical’. Nas primeiras rodadas, controlamos os fatores ‘substantivos’, ‘verbos’, ‘adjetivos’ e ‘outras’, porém, possivelmente em virtude do grande número de ocorrências de substantivos (1.269) e do pequeno número de ‘outras’ classes gramaticais (34), obtivemos resultados enviesados, em que fatores com um pequeno número de itens com a aplicação da regra e baixa frequência de uso geraram pesos relativos elevados. Para tentar corrigir esses enviesamentos de dados, mantivemos os fatores ‘substantivos’ e ‘verbos’, e amalgamamos o fator ‘adjetivo’, que também apresentou poucos dados, com o fator ‘outras’. Na Tabela 13, apresentamos os resultados obtidos após as amálgamas.

Tabela 13 - Frequência e probabilidade da variante [e] conforme a *classe gramatical*

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Substantivos	693/1.269	54,6	0,52
Outras	46/116	39,7	0,51
Verbos	68/212	32,1	0,36
Significância: 0,043			
<i>Input</i> : 0,479			

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Segundo os resultados da Tabela 13, ditongos localizados em substantivos apresentaram maior frequência de uso da variante [e], como em ‘brincad[e]ra’ e ‘f[e]jão’, com 54,6%, o que corresponde a 693 ocorrências de [e] de um total de 1.269 dados. Mesmo estando próximo do ponto neutro (0,50), os substantivos apresentaram maior favorecimento para a aplicação da regra com 0,52 de peso relativo, seguido de outras classes gramaticais, formada em geral por adjetivos, advérbios e numerais, com 0,51 de peso relativo e 39,7% de frequência de uso. Já os ditongos localizados em verbos, como em ‘d[e]xei’ e ‘qu[e]mar’, apresentaram desfavorecimento para o uso da variante reduzida, com 0,36 de peso relativo e 32,1% de frequência de uso. Os resultados confirmam a hipótese inicial de que as formas não verbais seriam as mais favorecedoras para a monotongação, assim como ocorreu em Amaral (2005) em que o fator ‘não verbo’ favoreceu a aplicação da regra (PR 0,65) e em Carvalho (2007) em que o fator ‘substantivo’ favoreceu o apagamento do *glide* (PR 0,57).

- *Posição na palavra*

A última variável independente linguística selecionada foi ‘posição na palavra’, considerando a posição da sílaba com o ditongo no vocábulo. Como o ditongo [ej] não reduz

a [e] em final de palavra – conforme Silva (2014) e confirmado na primeira rodada dos dados, o que nos levou à exclusão de itens com o ditongo nessa posição –, controlamos apenas as posições ‘inicial’ e ‘medial’. No estudo piloto de Veado (1983), a autora também afirmou que a posição final bloqueava a redução. Já dos estudos variacionistas que realizaram análises estatísticas, apenas no de Carvalho (2007) essa variável foi selecionada, em que o fator ‘meio de palavra’ foi o mais favorecedor para o apagamento de /j/ (0,66). Nossa hipótese era de que a posição ‘medial’ seria a mais favorecedora para a redução. Os resultados apresentados na Tabela 14 confirmam a hipótese levantada.

Tabela 14 - Frequência e probabilidade da variante [e] conforme a *posição na palavra*

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Medial	503/838	60,0	0,55
Inicial	304/759	40,1	0,44
Significância: 0,043			
<i>Input</i> : 0,479			

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Nos dados analisados, o ditongo /ej/ situado em posição ‘medial’ do vocábulo, como em ‘mad[e]ra’, ‘mant[e]ga’ e ‘cabel[e]r[e]ra’, favoreceu a aplicação da regra, com 0,55 de peso relativo e 60,0% de frequência de uso da variante [e]. Já em sílabas iniciais, como em ‘d[e]xaram’, ‘qu[e]mar’ e ‘f[e]joada’, a redução apresentou desfavorecimento, com 0,44 de peso relativo e 40,1% de frequência de uso em relação ao total de dados nessa posição. Mesmo falando de favorecimento, a posição do ditongo não parece ter um grande peso na hora de utilizar ou não a forma monotongada [e], já que os resultados em termos de peso relativo estão próximos do ponto neutro.

4.2.1.2 Variáveis independentes extralinguísticas

- *Tipo de coleta*

O eixo estilístico da variação também se mostrou significativo para realização variável de /ej/ ao controlarmos diferentes instrumentos de coleta de dados de acordo com o nível de formalidade atribuído a cada um, sendo a ‘entrevista’ o contexto menos formal, o ‘questionário’ o contexto intermediário de formalidade, e a ‘leitura’ o contexto mais formal. Nossa hipótese era de que durante a entrevista, a variante monotongada prevaleceria, enquanto durante o questionário e a leitura de texto, prevaleceria a manutenção do ditongo. Os resultados da Tabela 15 confirmam a hipótese levantada.

Tabela 15 - Frequência e probabilidade da variante [e] conforme o *tipo de coleta*

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Entrevista	352/555	63,4	0,71
Questionário	242/565	42,8	0,40
Leitura	213/477	44,7	0,35

Significância: 0,043
Input: 0,479

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Durante a entrevista, considerada como o contexto menos formal em nossa escala estilística, de um total de 555 dados, em 352 deles houve a utilização da variante reduzida [e], o que corresponde 63,4% de frequência de uso, atingindo 0,71 de peso relativo, ou seja, em situações menos formais há uma tendência maior de realização da variante monotongada. Seguindo a escala de monitoração estilística, os índices de utilização da forma reduzida e de favorecimento da monotongação foram diminuindo na medida em que aumentava o grau de formalidade do instrumento de coleta utilizado. Ao longo do questionário, 42,8% das ocorrências foram da variante reduzida, com peso relativo 0,40, seguido da leitura de texto com 44,7% e 0,35 de peso relativo. Os resultados apontam que em contextos menos formais como no decorrer da entrevista sociolinguística, a probabilidade de redução do ditongo é maior (0,71), enquanto em contextos mais formais e que se presta mais atenção à fala, como durante a aplicação de um questionário ou a realização da leitura de um texto, a probabilidade de redução é bem menor. Nos estudos que controlaram o grau de formalidade dos instrumentos de coleta de dados, apenas no de Veado (1983) houve diferença entre a fala mais espontânea e a fala mais monitorada, em que a frequência de redução foi maior na fala mais espontânea, porém a autora não utilizou programa estatístico e seus resultados representam apenas a frequência de uso da comunidade de fala estudada.

- *Escolaridade*

Dos grupos de fatores sociais, a ‘escolaridade’ foi a primeira variável independente escolhida como relevante o uso da variante monotongada [e]. Os informantes foram estratificados de acordo com a quantidade de anos de escolaridade e divididos em: ‘escolaridade 1’, que corresponde ao período de 8 a 12 anos, e ‘escolaridade 2’, que corresponde a mais de 12 anos.

Os resultados para esta variável estão na Tabela 16.

Tabela 16 - Frequência e probabilidade da variante [e] conforme a *escolaridade*

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Escolaridade 1 (8 a 12 anos)	453/778	58,2	0,63
Escolaridade 2 (mais de 12 anos)	354/819	43,2	0,36

Significância: 0,043
Input: 0,479

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Conforme ilustrado na Tabela 16, falantes que frequentaram a escola pelo período de 8 até 12 anos, que corresponde àqueles com ensino fundamental completo até ensino médio completo, utilizaram mais a variante [e], com 58,2% de frequência de uso e 0,63 de peso relativo. Já os falantes com mais de 12 anos de escolaridade, que equivale àqueles que estão cursando ou já cursaram o Ensino Superior, o índice de utilização da variante [e] foi menor, com 43,2% de frequência de uso e 0,36 de peso relativo. Os resultados sugerem que falantes que frequentaram a escola por menos tempo tendem a utilizar mais a variante reduzida do que aqueles que frequentaram a escola por mais tempo, ou seja, quanto menor a escolaridade do falante, maior o índice de monotongação. Dessa forma, a hipótese de que a redução dos ditongos seria mais produtiva no grupo que frequentou a escola por um período menor foi validada, mesmo que o índice de utilização da variante reduzida também tenha sido elevado nos falantes com maior grau de escolaridade.

Os resultados encontrados foram semelhantes aos de Lopes (2002) visto que falantes com menos escolaridade também favoreceram a aplicação da regra (56% e 0,66). Vale ressaltar que a autora trabalhou com outros níveis de escolaridade e o fator selecionado como favorecedor em sua pesquisa foi ‘não escolarizado’, fator não controlado nesta pesquisa.

- *Sexo*

Para o ditongo /ej/, o sexo do falante também apresentou influência para a monotongação. Dos estudos sobre a realização variável de /ej/, apenas no de Carvalho (2007) este condicionador foi selecionado, em que as mulheres se mostraram mais favoráveis ao apagamento do *glide* /j/ (0,57 e 72%). No estudo dialetológico de Justiniano (2012), as mulheres apresentaram maior percentual de manutenção do ditongo, com 68% de realização. Nossa hipótese era de que o ‘sexo’ não teria grande influência na aplicação da regra, mas que as mulheres, por serem consideradas mais conservadoras, reduziriam menos o ditongo do que os homens, o que ocorreu, conforme apresentado na Tabela 17.

Tabela 17 - Frequência e probabilidade da variante [e] conforme o *sexo*

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Homem	478/849	56,3	0,60
Mulher	329/748	44,0	0,38
Significância: 0,043			
<i>Input</i> : 0,479			

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Para /ej/, os homens usaram mais a variante [e], com 56,3% de frequência de uso, obtendo 0,60 de peso relativo, já as mulheres usaram a forma reduzida em apenas 44,0% dos dados, obtendo 0,38 de peso relativo. Os resultados indicam que, na amostra analisada, os homens tendem a utilizar mais a forma reduzida do que as mulheres, talvez por elas ainda serem consideradas linguisticamente mais conservadoras nas sociedades ocidentais onde tendem a utilizar as variantes de maior prestígio, apesar de acreditarmos que a redução do ditongo não possui avaliação social negativa. Como não fizemos testes de avaliação social das variantes investigadas, não podemos fazer generalizações sobre seu valor social.

- *Faixa etária*

Ao contrário dos resultados dessa variável para o ditongo /aj/, para /ej/ a idade do falante se mostrou relevante e foi selecionada pelo programa estatístico. Com base nos resultados das pesquisas de Amaral (2005), em que os mais jovens apresentaram maior tendência de redução (0,62), e de Carvalho (2007), em que a segunda faixa etária se mostrou mais favorável ao apagamento do *glide* (0,69), nossa hipótese era de que falantes mais jovens aplicariam mais a regra de monotongação.

Ainda que tenhamos controlado apenas duas faixas etárias das três programadas inicialmente, os resultados foram em conformidade com a hipótese levantada, conforme Tabela 18.

Tabela 18 - Frequência e probabilidade da variante [e] conforme a *faixa etária*

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Faixa 1 (18 a 33 anos)	412/781	52,8	0,55
Faixa 2 (34 a 49 anos)	395/816	48,4	0,45
Significância: 0,043			
<i>Input</i> : 0,479			

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Falantes mais jovens da ‘faixa 1’, de 18 a 33 anos, se mostraram favoráveis à redução, pois obtiveram 0,55 de peso relativo e 52,8% de frequência de uso da variante [e]. Já os falantes da ‘faixa 2’, de 34 a 49 anos, se mostraram desfavoráveis para utilizar a variante

reduzida, com 0,45 de peso relativo e 48,4% de frequência de uso. Destacamos que a questão do favorecimento de uso da variante monotongada não apresentou uma influência muito grande de acordo com a faixa etária do falante, já que os resultados dos dois fatores controlados estão próximos do ponto neutro (0,50), o que indica que a idade não tem grande efeito na “escolha” entre as formas variantes. Também não podemos analisar indicativos de mudança em curso na língua, visto que não controlamos a terceira faixa etária que seria composta de pessoas mais velhas acima dos 50 anos.

Ao correlacionar os grupos de fatores ‘sexo’ e ‘faixa etária’, conforme Tabela 19, tanto homens quanto mulheres da ‘faixa 1’ apresentaram maior índice de redução em termos percentuais do que a ‘faixa 2’, confirmando que quanto mais jovens, maior o índice de redução do ditongo independente do sexo do falante.

Tabela 19 - Correlação entre as variáveis *sexo* e *faixa etária* para a variante [e]

Faixa etária	Sexo			
	Homem		Mulher	
	Aplic./ Total	%	Aplic./ Total	%
1 – 18 a 33 anos	250/420	60,0	162/361	45,0
2 – 34 a 49 anos	228/429	53,0	167/387	43,0

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Analisando a frequência de uso da variante [e] por sexo, os homens tiveram um índice de frequência maior do que as mulheres nas duas faixas, se mostrando mais inovadores quanto ao uso da forma reduzida do ditongo.

4.2.2 Grupos de fatores não selecionados

Para /ej/, os grupos de fatores ‘localização de moradia’ e ‘tonicidade’ não foram selecionadas pelo *GoldVarb X* como tendo efeito para a monotongação. Mesmo sendo eliminados nas rodadas estatísticas, apresentamos os resultados da frequência de uso de cada fator desses grupos.

- *Localização de moradia*

Apesar de grupos de fatores geográficos geralmente se mostrarem relevantes para fenômenos em variação, a localidade em que o falante mora na cidade de Manaus não mostrou relevância para o uso da variante reduzida, já que a frequência de uso de [e] foi bem próxima nas duas localidades controladas. Mesmo que nos estudos consultados sobre a realização de /ej/ esta variável também não tenha se mostrado significativa para o uso da

variante monotongada, levantamos a hipótese de que falantes de ‘bairros periféricos’ apresentariam maior índice de monotongação do que falantes de ‘bairros centrais’. Os resultados ilustrados na Tabela 20 confirmam, de certo modo, a hipótese levantada.

Tabela 20 - Frequência da variante [e] conforme a *localização de moradia*

Fatores	Aplicação/Total	%
Bairros Periféricos	398/776	51,3
Bairros Centrais	409/821	49,8
Total	807/1.597	

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Com uma pequena diferença, falantes de ‘bairros periféricos’ apresentaram maior índice percentual de monotongação, com 51,3% de frequência de uso, enquanto falantes de ‘bairros centrais’ utilizaram a forma reduzida em 49,8% dos dados. Por possuírem resultados aproximados de frequência de uso da variante [e] nas duas localidades, não podemos afirmar que a área em que o falante reside influencia na “escolha” entre [ej] ou [e], o que indica que o eixo diatópico não é relevante estatisticamente para a monotongação de [ej] na comunidade de fala manauara, já que tanto em regiões centrais quanto em regiões periféricas da zona urbana de Manaus os índices de redução foram similares.

- *Tonicidade*

Outra variável independente eliminada por não se mostrar efetiva para a aplicação da regra foi a ‘tonicidade’. Como já mencionado, tínhamos a intenção de controlar os fatores ‘tônico’, ‘pretônico’ e ‘postônico’, considerando a posição do ditongo na sílaba de acordo com sua intensidade. No entanto, como exposto anteriormente, registramos apenas duas ocorrências de /ej/ na posição postônica, nas palavras ‘sensíveis’ e ‘automóveis’, ou seja, em palavras em que ‘ei+s’ é proveniente da formação do plural de ‘el’. Por isso, eliminamos os itens em que /ej/ ocorreu em posição postônica, pois a manutenção do ditongo foi categórica, e reclassificamos os fatores desse grupo somente de acordo com a intensidade da sílaba como ‘tônico’ ou ‘átono’. Na Tabela 21, apresentamos os resultados de acordo com a frequência de uso.

Tabela 21 - Frequência da variante [e] conforme a *tonicidade*

Fatores	Aplicação/Total	%
Tônico	631/1.178	53,6
Átono	176/419	42,0
Total	807/1.597	

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Ditongos situados em sílabas tônicas apresentaram um número elevado de dados, 1.178, dos quais em 53,6%, o que corresponde a 631 ocorrências, houve monotongação, como em ‘p[e]xe’, ‘macax[e]ra’ e ‘goiab[e]ra’. Em sílabas átonas, de um total de 419 dados, 176 foram da variante monotongada [e], com 42,0% de frequência de uso, como em ‘qu[e]madura’, ‘d[e]xei’ e ‘f[e]tiço’.

Dos estudos variacionistas sobre a realização de /ej/, a tonicidade só foi selecionada no trabalho de Amaral (2005), em que a sílaba ‘átona’ foi a mais favorecedora para a monotongação com peso relativo de 0,92. Por esse motivo, nossa hipótese era que as sílabas átonas favoreceriam a redução dos ditongos, no entanto não foi o que ocorreu em nossa pesquisa – talvez pelo grande número de ocorrências de ditongos tônicos –, já que esta variável não foi selecionada e a maior frequência de uso ocorreu em sílabas tônicas, assim como se verificou em Veado (1983), em que o maior índice de redução ocorreu em sílabas com o traço ‘[+acento]’, porém a autora não fez análise estatística.

4.3 Ditongo /ow/

Para o ditongo /ow/, registramos 1.835 ocorrências de uma de suas variantes, a manutenção do ditongo [ow] ou a sua redução para [o]. Desse total, 70 ocorrências da variante [ow] foram provenientes da vocalização da lateral em coda silábica no segmento ‘ol’, como em ‘bolsa’ realizada como ‘b[ow]sa’. Como não houve variação e a manutenção do ditongo foi categórica nesses itens, ou seja, todas as ocorrências decorrentes de ‘ol’ se realizaram como [ow], esses dados não foram incluídos no *corpus*.

Outra questão com que nos deparamos foi em relação a alguns casos duvidosos, aqueles em que não é possível determinar qual variante foi utilizada, como em ‘passou um’, em que havia dúvida se o informante falou ‘passô um’, produzindo a forma reduzida [o], ou ‘passou um’, mantendo o ditongo [ow], por exemplo. Guy e Zilles (2007) afirmam que é preciso ter cautela na hora de incluir ou não no *corpus* um possível dado, sobretudo os casos em que há dúvidas sobre como classificar a ocorrência em termos de valor da variável dependente, em especial em uma análise quantitativa, pois isso interfere diretamente nos resultados. Em razão disso, ocorrências de /ow/ em contextos em que não havia como identificar com clareza uma de suas variantes, isto é, em ambientes neutralizantes como em ‘quebrou uma’, foram excluídas.

Para a análise de /ow/, permaneceram 1.749 dados, que formaram o *corpus* e foram submetidos a análises estatísticas. Os resultados gerais com o número de ocorrências e frequência de uso da realização variável do ditongo /ow/ são apresentados na Tabela 22.

Tabela 22 - Frequência geral da realização variável do ditongo /ow/

Variantes	Ocorrências	%
[o] – Redução do ditongo	1.143	65,4
[ow] – Manutenção do ditongo	606	34,6
Total	1.749	

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Como podemos notar, a redução do ditongo ocorreu em 65,4% dos dados contra 34,6% de manutenção do ditongo. Nos estudos consultados sobre o ditongo /ow/ em diferentes localidades do Brasil, como o de Veado (1983), de Lopes (2002) e de Pereira (2004), os índices de monotongação foram bem elevados, atingindo mais de 95% de frequência de uso. Já nas pesquisas realizadas no Amazonas, os índices de monotongação foram menores, como na de Cruz (2004), em que a monotongação para [o] atingiu 49,4% de frequência, e na de Justiniano (2012), em que a variante [o] se mostrou mais produtiva com 83,3% de frequência.

Ainda que a monotongação tenha atingido maior frequência de uso do que a manutenção, os índices de redução para [o] foram bem menores do que os resultados encontrados em diversas regiões do Brasil, que apontaram a redução de [ow] para [o] como quase efetivada no PB. Em seu estudo dialetológico, Cruz (2004) afirma que a manutenção do ditongo ainda é produtiva no Amazonas, o que de certa forma é confirmado neste estudo variacionista, embora a redução do ditongo para [o] tenha obtido 65,4% de frequência de uso, estando em variação com a manutenção [ow].

4.3.1 Grupos de fatores selecionados

Acerca dos condicionamentos para a redução, o ditongo /ow/ se mostrou o mais favorável para a ocorrência da monotongação e com menos contextos bloqueadores para a redução, pois das nove variáveis independentes controladas, o programa estatístico selecionou oito como favorecedoras para a aplicação da regra. Os grupos de fatores selecionados pelo programa *GoldVarb X*, conforme ordem de relevância para o uso da variante reduzida [o] foram: ‘tipo de coleta’, ‘tonicidade’, ‘escolaridade’, ‘contexto seguinte’, ‘localização de moradia’, ‘sexo’, ‘classe gramatical’ e ‘faixa etária’.

Nas próximas seções, apresentamos os resultados para cada variável independente selecionada, bem como as especificidades de cada uma nas rodadas estatísticas, como amálgamas e/ou exclusão de fatores. A fim de uma melhor organização, separamos os resultados em variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas.

4.3.1.1 Variáveis independentes linguísticas

- *Tonicidade*

Das variáveis independentes linguísticas, a ‘tonicidade’ foi a primeira selecionada pelo programa estatístico como relevante para aplicação da regra. Das pesquisas que controlaram essa variável, apenas nos estudos de Veado (1983) e de Carvalho (2007) a tonicidade mostrou ter alguma influência na realização variável de /ow/. Nos dois estudos, os ditongos localizados em sílabas tônicas apresentaram maior índice de monotongação, porém no de Veado (1983) não foi feita análise estatística e no de Carvalho (2007) não foi feita análise específica de /ow/. Por conta dos poucos estudos variacionistas em que essa variável foi selecionada, e pelo favorecimento da sílaba átona para a redução de [ej] em alguns estudos, nossa hipótese era de que as sílabas átonas favoreceriam a monotongação por serem mais sujeitas a processos de redução segmental (SILVA, 2015). Os resultados mostram o contrário, conforme se observa na Tabela 23.

Tabela 23 - Frequência e probabilidade da variante [o] conforme a *tonicidade*

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Tônico	1.000/1.341	74,6	0,56
Átono	143/408	35,0	0,29

Significância: 0,001
Input: 0,716

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

O programa estatístico selecionou o fator ‘tônico’ como favorecedor para a aplicação da regra de monotongação com 0,56 de peso relativo e 74,6% de frequência de uso, o que corresponde 1.000 ocorrências da variante [o] de um total de 1.341 dados. O grande número de dados da variante [o] em sílabas tônicas se deu em virtude da elevada quantidade de formas verbais na 3ª pessoa do singular do Pretérito Perfeito do Indicativo, comum nas narrativas de experiências pessoais, como em ‘afetou’ e ‘falou’, facilmente reduzidas para ‘afet[o]’ e ‘fal[o]’, e das palavras ‘outro’ e ‘pouco’ e suas flexões, que foram bem frequentes, como ‘[o]tro’, ‘[o]tras’, ‘p[o]co’, ‘p[o]cas’. Já o fator ‘átono’ se mostrou desfavorecedor para a aplicação da regra com 0,29 de peso relativo e 35,0% de frequência de uso. De acordo com

Silva (2015), as sílabas átonas são mais sujeitas aos processos fonológicos que envolvem redução segmental por serem menos salientes e terem duração menor do que as sílabas tônicas, que são mais resistentes a tais processos, porém não foi o que ocorreu nos dados analisados, talvez pelo número reduzido de ocorrências de [o] em sílabas átonas, apenas 143.

- *Contexto seguinte*

O segmento seguinte ao ditongo é considerado um dos maiores condicionadores para a monotongação. Na maioria dos trabalhos consultados, como em Lopes (2002) e Carvalho (2007), o contexto seguinte mostrou ter grande influência na redução dos ditongos orais decrescentes. Para a primeira autora, o fator ‘velar [k]’ foi o mais favorável (0,87), seguido de ‘bilabial [p, b]’ (0,86), já para a segunda autora, o fator ‘fricativa labial /f, v/’ apresentou maior favorecimento para o apagamento de /w/ (0,80), seguido de ‘tepe’ (0,57).

Os fatores encontrados nos dados analisados inicialmente foram: ‘oclusivas bilabiais [p, b]’, ‘oclusivas alveolares [t, d]’, ‘oclusivas velares [k, g]’, ‘nasais [m, n]’, ‘tepe [r]’, ‘fricativa labiodental [v]’, ‘fricativas alveolares [s, z]’, ‘fricativa alveopalatal [ʃ]’, ‘fricativa glotal [h]’, ‘vogais’ e ‘pausa’. Em todos os contextos houve variação entre as formas [o] e [ow]. No entanto, como alguns resultados apresentaram enviesamentos, como baixa frequência de uso da forma reduzida e peso relativo elevado, fizemos algumas amálgamas de acordo com o modo de articulação. Os contextos ‘oclusivas bilabiais [p, b]’, ‘alveolares [t, d]’ e ‘velares [k, g]’ foram agrupados e recodificados como ‘oclusivas’. Os fatores ‘fricativa labiodental [v]’, ‘fricativas alveolares [s, z]’ e ‘fricativa glotal [h]’ foram amalgamados e recodificados como ‘outras consoantes’. Como as fricativas alveopalatais foram contextos favoráveis para a utilização da variante reduzida dos ditongos /aj/ e /ej/, optamos por mantê-las separadamente. Na Tabela 24, apresentamos os números para os ambientes controlados.

Tabela 24 - Frequência e probabilidade da variante [o] conforme o *contexto seguinte*

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Vogais	18/24	75,0	0,89
Oclusivas	412/628	65,6	0,54
Nasais [m, n]	11/21	52,4	0,54
Pausa	545/665	82,0	0,52
Tepe [r]	76/145	52,4	0,50
Fricativa alveopalatal [ʃ]	23/54	42,6	0,50
Outras consoantes	58/212	27,4	0,25
Significância: 0,001			
<i>Input: 0,716</i>			

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Os resultados indicam que praticamente não existem contextos seguintes bloqueadores para a monotongação de [ow], uma vez que apenas o fator ‘outras consoantes’ se mostrou desfavorável para a aplicação da regra, com peso relativo 0,25 e 27,4% de frequência. Os demais contextos analisados se mostraram neutros ou favorecedores, com pesos relativos acima de 0,50, sendo que diante de ‘vogais’, a variante [o] teve maior favorecimento, com 0,89 de peso relativo e 0,75% de frequência de uso e ocorreu quase exclusivamente na expressão ‘ou então’ realizada como ‘[o] então’.

Em relação ao número de ocorrências, a variante reduzida [o] ocorreu em maior número diante de ‘pausa’, principalmente em formas verbais como em ‘v[o]’, seguida de ‘oclusivas’ em palavras como ‘r[o]pas’, ‘aç[o]gue’ e ‘[o]tro’, por exemplo. No entanto, o número de ocorrências e a frequência de uso não podem ser usados como parâmetros para falar de tendências. Em razão disso, a hipótese de que a monotongação seria mais favorável diante de ‘pausa’ devido ao grande número de ocorrências de formas verbais na 3ª pessoa do singular do Pretérito Perfeito do Indicativo, predominante nas narrativas de experiências pessoais, não foi validada, embora tenha apresentado a maior frequência de uso, com 82%, obteve apenas 0,52 de peso relativo, ficando atrás das ‘vogais’, ‘oclusivas’ e ‘nasais’ em termos de favorecimento.

- *Classe gramatical*

A última variável independente linguística selecionada pelo programa estatístico como relevante para a aplicação da regra foi ‘classe gramatical’ e os fatores controlados inicialmente foram ‘verbos’, ‘substantivos’, ‘adjetivos’ e ‘outras’. Nas primeiras rodadas estatísticas, os fatores ‘adjetivos’ e ‘outras’ apresentaram resultados enviesados, com baixa frequência de uso e alto peso relativo e vice-versa. Para solucionar esse problema, optamos por amalgamar esses dois fatores, ficando ao final das rodadas apenas ‘verbos’, ‘substantivos’ e ‘outras’.

Nos estudos que controlaram essa variável independente, a classe gramatical da palavra com o ditongo /ow/ não foi selecionada pelo programa estatístico como tendo qualquer influência para a utilização da variante monotongada [o]. De forma meramente instintiva, nossa hipótese era de que a utilização da variante [o] prevaleceria em verbos em consequência do uso frequente e elevado de formas verbais em relatos de experiências pessoais. Os resultados confirmam a hipótese levantada, conforme se observa na Tabela 25.

Tabela 25 - Frequência e probabilidade da variante [o] conforme a *classe gramatical*

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Verbos	554/696	79,6	0,56
Substantivos	473/799	59,2	0,49
Outras	116/254	45,7	0,32

Significância: 0,001
Input: 0,716

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Os números mostram que a maior ocorrência da variante [o] se deu em verbos, como em ‘r[o]bar’, ‘[o]vir’ e ‘marc[o]’, com 554 ocorrências de um total de 696 dados, o que corresponde a 79,6% de frequência de uso. Em termos de favorecimento, o fator ‘verbos’ apresentou 0,56 de peso relativo, que por estar próximo do ponto neutro, indica que os verbos não têm grande peso para o uso da variante reduzida. O número de ocorrências da variante [o] em substantivos também foi expressiva, com 59,2% de frequência de uso e 0,49 de peso relativo, não indicando necessariamente desfavorecimento, mas neutralidade por estar próximo de 0,50. O fator mais desfavorável para a aplicação da regra foi ‘outras’, que inclui adjetivos, advérbios e conjunções, como em ‘frouxo’, ‘pouco’ e ‘ou roxo’, realizados como ‘fr[o]xo’, ‘p[o]co’ e ‘[o] roxo’, com 0,32 de peso relativo e 45,7% de frequência.

4.3.1.2 Variáveis independentes extralinguísticas

- *Tipo de Coleta*

Esta foi a primeira variável independente selecionada pelo programa estatístico e se refere ao eixo estilístico da variação linguística, considerando que em contextos menos formais, como durante a entrevista, os índices de monotongação seriam maiores do que em contextos considerados mais formais, como na aplicação de um questionário ou no decorrer da leitura de um texto. Considerando os diferentes instrumentos de coleta de dados, os índices de realização da variante monotongada estão explicitados na Tabela 26.

Tabela 26 - Frequência e probabilidade da variante [o] conforme o *tipo de coleta*

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Entrevista	790/922	85,7	0,71
Questionário	148/346	42,8	0,25
Leitura	205/481	42,6	0,27

Significância: 0,001
Input: 0,716

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Os números indicam que a entrevista, contexto de fala com menor grau de formalidade dos instrumentos de coleta utilizados, se mostrou favorável para o uso da variante monotongada [o] com 0,71 de peso relativo e 85,7% de frequência de uso. Contrário a isso, nos contextos considerados mais formais em nossa escala estilística, os índices de monotongação foram reduzidos, com 42,8% de frequência e 0,25 de peso relativo no questionário e 42,6% e 0,27 na leitura, ou seja, o questionário e a leitura de texto desfavoreceram a variante reduzida, prevalecendo a manutenção do ditongo.

Tais resultados validam a hipótese inicial de que em contextos menos formais em que se presta menos atenção à fala, como durante a entrevista (que mesmo que não seja uma situação de fala espontânea, é a que apresenta menor grau de monitoramento da fala dos instrumentos usados), prevaleceria a redução do ditongo e nos contextos mais formais e que se presta mais atenção à fala, como respondendo diretamente a um questionário ou lendo um texto, prevaleceria a manutenção do ditongo.

Dos estudos que controlaram essa variável, apenas o de Veado (1983) apresentou diferenças entre a fala mais casual e a mais monitorada, em que os índices de redução foram diminuindo à medida que se aumentava o grau de formalidade da fala. No entanto, os resultados não foram submetidos a análises estatísticas e refletem apenas a frequência de uso da variante reduzida na localidade estudada.

- *Escolaridade*

No eixo social, a ‘escolaridade’ do falante se mostrou significativa para o uso da variante reduzida [o]. Nesse grupo, controlamos dois fatores: ‘escolaridade 1’, que corresponde a falantes com 8 a 12 anos de escolaridade, e ‘escolaridade 2’, que corresponde a falantes com mais de 12 anos de escolaridade. Nossa hipótese era de que informantes com menos escolaridade seriam mais favoráveis a reduzir os ditongos do que os informantes que frequentaram as instituições de ensino por mais tempo. Na Tabela 27, apresentamos os números encontrados após as análises estatísticas.

Tabela 27 - Frequência e probabilidade da variante [o] conforme a *escolaridade*

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Escolaridade 1 (8 a 12 anos)	600/821	73,1	0,64
Escolaridade 2 (mais de 12 anos)	543/928	58,5	0,37

Significância: 0,001
Input: 0,716

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Os resultados mostram que falantes que frequentaram a escola por menos tempo, no caso os falantes que concluíram o ensino fundamental até os que já finalizaram o ensino médio, aplicaram mais a regra, com 73,1% de frequência de uso da variante [o], o que corresponde a 600 ocorrências das 821 contabilizadas nesse fator, e 0,64 de peso relativo, indicando favorecimento para o uso da variante reduzida. Falantes com mais escolaridade, formado por pessoas que estejam cursando ou concluíram o Ensino Superior, se mostraram desfavoráveis à redução do ditongo, com peso relativo 0,37 e 58,5% de frequência de uso da forma [o]. Assim como nas pesquisas de Lopes (2002) e de Carvalho (2007), os resultados confirmam que a escolaridade é um condicionador extralinguístico relevante para o uso da variante [o], pois quanto menor a escolaridade do falante, maior é o grau de favorecimento para a monotongação.

- *Localização de moradia*

Essa variável foi selecionada como relevante apenas para a realização do ditongo /ow/. Dos estudos consultados sobre o ditongo /ow/ e que controlaram grupos de fatores geográficos, apenas no de Carvalho (2007) essa variável se mostrou significativa, em que moradores de subúrbios aplicaram mais a regra de apagamento de /w/ do que moradores de bairros centrais. Fundamentado nesse trabalho, levantamos a hipótese de que falantes de ‘bairros periféricos’ apresentariam maiores índices de monotongação do que falantes de ‘bairros centrais’. Os resultados indicados na Tabela 28 confirmam essa hipótese.

Tabela 28 - Frequência e probabilidade da variante [o] conforme a *localização de moradia*

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Bairros periféricos	647/922	70,2	0,55
Bairros centrais	496/827	60,0	0,43

Significância: 0,001
Input: 0,716

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Como podemos observar, moradores de ‘bairros periféricos’, aqueles mais afastados e mais novos da cidade, utilizaram mais a variante [o] do que moradores de ‘bairros centrais’, geralmente mais antigos e tradicionais. Das 922 ocorrências de uma das variantes de /ow/ por falantes de bairros periféricos, 647 eram da forma reduzida [o], o que corresponde a 70,2% dos dados. Mesmo com uma frequência de uso elevada, a probabilidade de utilização da variante [o] por falantes de bairros periféricos foi de 0,55, que apesar de indicar favorecimento para a aplicação da regra, está próximo do ponto neutro, o que sugere que o grau de favorecimento para a monotongação não é muito grande. Falantes de ‘bairros

centrais' obtiveram 60,0% de frequência de uso da forma monotongada e 0,43 de peso relativo, o que assinala desfavorecimento para a utilização da variante reduzida. A questão diatópica mostrou sua importância para a realização variável de /ow/.

- *Sexo*

Nos estudos consultados sobre o ditongo /ow/ em outras localidades do Brasil, não houve diferenças expressivas no índice de monotongação entre homens e mulheres. Por isso, levantamos a hipótese de que o sexo do falante não teria grande influência para a realização da variante reduzida, mas acreditávamos que os homens utilizariam mais a variante [o] já que as mulheres são consideradas linguisticamente mais conservadoras. Nesta pesquisa, o 'sexo' foi selecionado como relevante, conforme ilustrado na Tabela 29.

Tabela 29 - Frequência e probabilidade da variante [o] conforme o *sexo*

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Homem	691/976	70,8	0,55
Mulher	452/773	58,5	0,42
Significância: 0,001			
<i>Input</i> : 0,716			

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Os resultados apontam que os homens utilizaram mais a forma reduzida [o], com 70,8% de frequência de uso e 0,55 de peso relativo, enquanto as mulheres utilizaram a variante [o] em 58,5% das ocorrências com 0,42 de peso relativo. Mesmo que a diferença em termos de peso relativo não tenha sido grande, os resultados validam a hipótese de que os homens utilizariam mais a forma reduzida do ditongo, talvez porque as mulheres ocidentais tendem a ser linguisticamente mais conservadoras quando se trata de variantes de prestígio (LABOV, 2008 [1972]), o que não significa que a variante [o] seja desprestigiada na comunidade, já que a sua frequência de uso por mulheres superou a de [ow]. Acreditamos que se trata de uma questão de conservadorismo e inovação, sendo a manutenção do ditongo a forma conservadora e a redução do ditongo a forma inovadora. Neste estudo, os homens se mostraram mais inovadores ao serem mais favoráveis a utilizar a variante monotongada [o].

- *Faixa etária*

Nos estudos variacionistas sobre o ditongo /ow/, a idade do falante não se mostrou relevante para o fenômeno da monotongação, sendo selecionada apenas em Carvalho (2007), cujo fator favorecedor para o apagamento do *glide* foi a segunda faixa etária (0,63), de três

faixas controladas. Dessa forma, formulamos a hipótese de que as menores faixas etárias aplicariam mais a regra de redução.

Como já mencionado, inicialmente seriam controladas três faixas etárias, a fim de verificar qualquer indício de mudança linguística na sincronia. No entanto, em virtude do contexto pandêmico ocorrido durante a realização deste estudo, e que interferiu diretamente na pesquisa de campo, a ‘faixa 3’ que seria formada por pessoas acima de 50 anos não foi contemplada. Os resultados considerando apenas duas faixas estão descritos na Tabela 30.

Tabela 30 - Frequência e probabilidade da variante [o] conforme a *faixa etária*

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Faixa 1 (18 a 33 anos)	603/886	68,1	0,55
Faixa 2 (34 a 49 anos)	540/863	62,6	0,44
Significância: 0,001			
Input: 0,716			

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Os números mostram que falantes mais jovens tendem a utilizar mais a variante reduzida do que falantes mais velhos. Na ‘faixa 1’, que corresponde a falantes de 18 a 33 anos, 68,1% das ocorrências foram da forma reduzida [o], com peso relativo de 0,55, o que mostra que essa faixa é mais propensa a utilizar a variante [o]. Na ‘faixa 2’, com falantes de 34 a 49 anos, o índice de monotongação apresentou uma leve redução, com 62,6% de frequência de uso e 0,44 de peso relativo, o que indica que essa faixa se mostrou menos favorável à aplicação da regra.

Ao comparar as variáveis ‘sexo’ e ‘faixa etária’ e correlacionar os dados, conforme Tabela 31, os resultados apontam que a frequência de uso de [o] ocorreu em maior número na ‘faixa 1’, selecionada como favorecedora para a variante monotongada, tanto para homens (75,0%) quanto para mulheres (60,0%). Já a frequência de realização de [o] por homens foi maior do que por mulheres nas duas faixas, conforme resultados obtidos na variável ‘sexo’.

Tabela 31 - Correlação entre as variáveis *sexo* e *faixa etária* para a variante [o]

	Sexo			
	Homem		Mulher	
Faixa etária	Aplic./ Total	%	Aplic./ Total	%
1 – 18 a 33 anos	368/493	75,0	235/393	60,0
2 – 34 a 49 anos	323/483	67,0	217/380	57,0

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Os resultados da correlação dessas variáveis confirmam que os homens foram mais inovadores do que as mulheres nesta pesquisa, uma vez que apresentam maior frequência de

uso da variante [o] nas duas faixas etárias. Como não controlamos a terceira faixa, não temos como fazer generalizações seguras sobre uma possível mudança linguística em curso relativamente à monotongação do segmento /ow/.

4.3.2 Grupos de fatores não selecionados

- *Posição na palavra*

Para o ditongo /ow/, a única variável descartada pelo programa estatístico como não tendo relevância para a redução do ditongo foi a ‘posição na palavra’. Os fatores controlados nesse grupo foram ‘inicial’, ‘medial’ e ‘final’. Além desses fatores, incluímos o fator ‘não se aplica’ para os casos em que determinado dado não se encaixava nos critérios estabelecidos, como nas ocorrências de palavras monossílabas como ‘sou’, por exemplo, que, a depender da classificação, considerando a posição da sílaba em que o ditongo se encontra, poderia ser categorizada como ‘inicial’ ou ‘final’, o que comprometeria os resultados. Os dados classificados como ‘não se aplica’ não são lidos pelo programa estatístico e são desconsiderados para a análise daquele grupo de fatores, por isso, após essa classificação, restaram apenas 1.535 dados válidos para verificar a influência da posição do ditongo na palavra para a monotongação. As frequências para os fatores controlados estão na Tabela 32.

Tabela 32 - Frequência da variante [o] conforme a *posição na palavra*

Fatores	Aplicação/Total	%
Final	388/458	84,7
Medial	69/121	57,0
Inicial	527/956	55,1
Total	984/1.535	

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

De acordo com os resultados, ditongos situados na sílaba ‘final’ apresentaram maior frequência de redução, com 84,7%, o que corresponde 388 ocorrências de [o] de um total de 458 dados com ditongos nessa posição. As demais posições foram decrescendo em termos de frequência de uso, já que a posição ‘medial’ apresentou 57,0% e a ‘inicial’ 55,1%.

Dos estudos resenhados sobre o mesmo fenômeno, apenas o de Veado (1983) e de Lopes (2002) apresentaram os efeitos da posição do ditongo no vocábulo para a monotongação. Para a primeira autora, que não submeteu seus dados à análise estatística, o ‘final de palavra’ apresentou maior frequência de uso, com 78,7% das ocorrências. Para a segunda autora, a posição ‘final’ também apresentou maior frequência de uso, com 99% de

ocorrência da variante [o] e peso relativo de 0,77, o que indica grande favorecimento para redução nessa posição.

Considerando esses estudos, nossa hipótese era de que o maior índice de utilização da variante [o] seria em posição final, o que de fato ocorreu nesta pesquisa. Entretanto, como a frequência de uso não pode ser usada como parâmetro para indicar favorecimento ou tendências, não podemos validar essa hipótese, mas podemos destacar que a monotongação de [ow] para [o] ocorre em grande número independentemente da posição em que se encontra na palavra, já que em todas as posições a frequência de uso de [o] foi superior a 50%.

4.4 A norma de uso da comunidade de fala manauara

Após a apresentação dos condicionamentos para a realização da variante reduzida de cada ditongo em estudo, resta ainda estabelecer a norma de uso da comunidade de fala manauara no que diz respeito às realizações fonéticas dos ditongos /aj/, /ej/ e /ow/.

Conforme descrito anteriormente, a norma de uso consiste nas manifestações linguísticas regulares em uma comunidade, ou seja, é o uso padrão e corrente de determinada forma linguística. Para identificar o que é usual e recorrente, e assim determinar qual variante se constitui a norma de cada ditongo, deve-se levar em consideração alta frequência de uso e distribuição regular das variantes de um fenômeno na comunidade. Definimos que para uma variante ser considerada a norma, ela precisa ter frequência de uso superior a 60% das ocorrências. No Quadro 6, sintetizamos a frequência das variantes para cada variável.

Quadro 6 - Síntese da frequência geral de cada variável

Variantes	Variáveis		
	/aj/	/ej/	/ow/
Redução do ditongo	18,3%	50,5%	65,4%
Manutenção do ditongo	81,7%	49,5%	34,6%

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Para /aj/, a manutenção do ditongo apresentou maior frequência de uso, com 81,7% contra 18,3% de redução, o que indica que a norma de uso no falar manauara é a variante [aj]. Para a variável /ej/, os resultados das duas variantes foram abaixo da margem estabelecida, não tendo como definir qual é a norma de uso para /ej/, mas a variante [e] apresentou 50,5% de frequência de uso, índice um pouco maior que o da variante [ej], com 49,5%. No que se refere à variável /ow/, a redução do ditongo apresentou a maior frequência de uso, com 65,4% de utilização da variante [o], se estabelecendo como a norma de uso da comunidade de fala manauara, em oposição à variante [ow] que apresentou apenas 34,6% de frequência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou o fenômeno da monotongação dos ditongos orais decrescentes /aj/, /ej/ e /ow/ no falar manauara sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Nesta pesquisa, essas variáveis se realizaram foneticamente como [aj], [ej] e [ow], mantendo o *glide*, ou como formas reduzidas [a], [e] e [o], com o apagamento do *glide*, caracterizando, assim, a monotongação.

Como investigamos o fenômeno da monotongação, ou seja, o uso das formas reduzidas, estipulamos a variante monotongada de cada ditongo como aplicação da regra nas análises estatísticas. Foi necessário analisar separadamente as ocorrências de cada ditongo, já que os condicionamentos são diferentes para cada um.

Para a análise dos possíveis condicionadores para o fenômeno em estudo, controlamos os grupos de fatores linguísticos: ‘contexto seguinte’, ‘tonicidade’, ‘posição na palavra’ e ‘classe gramatical’; e os grupos de fatores extralinguísticos: ‘sexo’, ‘faixa etária’, ‘escolaridade’, ‘localização de moradia’ e ‘tipo de coleta’.

Acerca do propósito da pesquisa, traçamos quatro objetivos específicos, a saber: descrever as realizações fonéticas dos ditongos /aj/, /ej/ e /ow/ na fala manauara, com a sua manutenção como [aj], [ej] e [ow], ou com sua redução para [a], [e] e [o]; identificar os condicionadores linguísticos e extralinguísticos que podem influenciar a monotongação dos ditongos em estudo; investigar se as realizações variáveis dos ditongos investigados estão sujeitas a alternâncias estilísticas; e, estabelecer a norma de uso da comunidade linguística manauara em relação às realizações dos ditongos /aj/, /ej/ e /ow/.

O primeiro objetivo foi justamente descrever as realizações desses ditongos em nossa amostra, a forma em que o ditongo é mantido e a forma em que é reduzido, para verificar a frequência de uso dessas variantes na comunidade de fala manauara.

Após a classificação e categorização de cada ocorrência, os dados foram submetidos a análises estatísticas pelo programa *GoldVarb X*. Os resultados gerais para o ditongo /aj/ apontaram que o índice de monotongação ainda é bem reduzido, já que a variante [a] obteve apenas 18,3% de frequência de uso contra 81,7% da variante [aj], o que mostra que a redução de [aj] para [a] é bem restrita na comunidade de fala manauara. Para o ditongo /ej/, o índice de monotongação foi ligeiramente maior do que o de manutenção do ditongo, com 50,5% de frequência de uso da variante [e] e 49,5% da variante [ej], o que indica que a alternância entre as formas [ej]~[e] está proporcional. Por fim, os resultados gerais da realização variável do

ditongo /ow/ indicaram alta frequência de monotongação, a maior dentre os ditongos analisados, com 65,4% de utilização da variante [o] contra 34,6% da variante [ow], o que mostra que a monotongação de [ow] para [o] é a mais geral e mais abrangente neste estudo, assim como nos demais estudos consultados.

O segundo objetivo traçado foi identificar os condicionadores linguísticos e extralinguísticos para a realização da variante monotongada dos ditongos investigados.

Para o ditongo /aj/, os condicionadores selecionados como favorecedores para o uso da variante monotongada [a] foram: ‘contexto seguinte’, ‘tipo de coleta’, ‘posição na palavra’ e ‘escolaridade’, nesta ordem.

Dos condicionadores linguísticos, o ‘contexto seguinte’ foi o mais significativo e mostrou que quando [aj] é seguido de fricativa alveopalatal [j], a probabilidade de redução a [a] é bem grande (0,96). A monotongação praticamente só ocorreu nesse ambiente. Os demais contextos, incluindo ‘vogais’ e ‘outras consoantes’ se mostraram desfavoráveis para a monotongação, o que confirma que a redução de [aj] a [a] é bem restrita. A ‘posição na palavra’ também foi selecionada como relevante para o uso da variante [a], e o fator favorecedor foi a posição ‘medial’ de palavra (0,78). A posição ‘inicial’ se mostrou desfavorável (0,45), e a ‘final’ só foi controlada nas rodadas iniciais e excluída da análise em virtude da realização categórica da variante [aj].

Dos condicionadores extralinguísticos, o primeiro selecionado foi o ‘tipo de coleta’, que controlou o eixo estilístico da variação por meio de diferentes instrumentos de coleta com graus de formalidades diferentes, em que o fator ‘entrevista’, considerado o menos formal de nossa escala estilística, favoreceu a redução (0,82), enquanto a leitura (0,32) e o questionário (0,22) a desfavoreceram. A ‘escolaridade’ foi a única variável independente social selecionada e mostrou que falantes com ‘escolaridade 1’, aqueles com 8 a 12 anos de escolaridade, favoreceram a utilização da variante [a] (0,60), ao passo que falantes com ‘escolaridade 2’, ou seja, com mais de 12 anos de escolaridade, se mostraram menos suscetíveis a utilizar a variante monotongada (0,42).

Os grupos de fatores ‘sexo’, ‘classe gramatical’, ‘localização de moradia’, ‘faixa etária’ e ‘tonicidade’ não se mostraram importantes para a aplicação da regra e foram eliminados pelo programa estatístico.

Para /ej/, os condicionamentos favorecedores para o uso da variante monotongada foram mais amplos, e o programa estatístico selecionou como relevante, nesta ordem, os grupos de fatores: ‘contexto seguinte’, ‘tipo de coleta’, ‘escolaridade’, ‘sexo’, ‘faixa etária’, ‘classe gramatical’ e ‘posição na palavra’.

Dos grupos de fatores linguísticos, o ‘contexto seguinte’ foi o primeiro selecionado em que o fator ‘tepe’ se mostrou o mais favorável para a realização da variante [e] (0,79), seguido de ‘fricativas alveopalatais [j, ʒ]’ (0,67), contextos já considerados de redução segundo diversos estudos variacionistas. Os demais contextos, formados por ‘oclusivas’, ‘outras consoantes’ e ‘vogais’ se mostraram desfavoráveis para utilização da variante [e]. A ‘classe gramatical’ da palavra em que o ditongo se encontra mostrou ter importância para o uso da variante [e] ao apontar o favorecimento dos ‘substantivos’ para a aplicação da regra (0,52), seguido de ‘outras’ classes não verbais (0,51). Os ‘verbos’ apresentaram desfavorecimento para a aplicação da regra de redução (0,36). O último condicionador linguístico selecionado foi ‘posição na palavra’, em que o fator ‘medial’ favoreceu o uso de [e] (0,55), enquanto o ‘inicial’ desfavoreceu o uso da variante reduzida (0,44). Assim como ocorreu na análise do ditongo /aj/, a posição final não foi incluída, pois não houve redução do ditongo nessa posição.

Dos grupos de fatores extralinguísticos, o ‘tipo de coleta’ foi o mais relevante e a ‘entrevista’ favoreceu a utilização da variante [e] (0,71), enquanto o ‘questionário’ (0,40) e a ‘leitura’ (0,35) desfavoreceram o seu uso. Para o eixo social, a ‘escolaridade’ do falante apresentou relevância, em que falantes com menos escolaridade (de 8 a 12 anos) se mostraram mais favoráveis a utilizar a variante [e] (0,63), ao passo que os falantes com mais escolaridade (mais de 12) desfavoreceram o seu uso (0,36). Quanto ao ‘sexo’, os homens se mostraram mais propícios a utilizar a variante monotongada (0,60) do que as mulheres (0,38). Em relação à idade do falante, quanto menor a ‘faixa etária’, maior a probabilidade de usar a variante monotongada, já que a ‘faixa 1’ (18 a 33 anos) se mostrou favorável para a redução (0,55), e a ‘faixa 2’ (34 a 49) se mostrou desfavorável (0,45), embora ambos os resultados estejam próximos do ponto neutro (0,50) o que indica que a ‘faixa etária’ não tem grande peso para a “escolha” das variantes neste estudo.

Os grupos de fatores ‘localização de moradia’ e ‘tonicidade’ não foram selecionados como relevantes para a utilização da variante [e].

Para o ditongo /ow/, dos nove grupos de fatores controlados, oito foram selecionados pelo programa estatístico como significativos para o uso da variante monotongada [o]. Os condicionadores escolhidos, conforme ordem de seleção, foram: ‘tipo de coleta’, ‘tonicidade’, ‘escolaridade’, ‘contexto seguinte’, ‘localização de moradia’, ‘sexo’, ‘classe gramatical’ e ‘faixa etária’.

Dos condicionadores linguísticos, a ‘tonicidade’ foi a primeira variável independente selecionada, e o fator ‘tônico’ favoreceu o uso da variante [o] (0,56), ao passo que o fator

‘átono’ desfavoreceu o seu uso (0,29). Os resultados para a variável ‘contexto seguinte’ mostraram que quase não há ambientes bloqueadores para a monotongação. Os contextos mais favoráveis para a redução foram ‘vogais’ (0,89), ‘oclusivas’ (0,54), ‘nasais [m, n]’ (0,54) e ‘pausa’ (0,52). Os fatores ‘tepe’ e ‘fricativas alveopalatais [ʃ, ʒ]’ apresentaram 0,50 de peso relativo indicando neutralidade, e apenas o fator ‘outras consoantes’ se mostrou desfavorável para a aplicação da regra. Para a ‘classe gramatical’, os ‘verbos’ favoreceram a redução (0,56), enquanto ‘substantivos’ (0,49) e ‘outras’ classes (0,32) a desfavoreceram.

Todos os condicionadores extralinguísticos controlados mostraram efeito para o uso da variante [o]. O ‘tipo de coleta’ foi o primeiro selecionado, e a ‘entrevista’ apresentou favorecimento para a utilização da variante [o] (0,71) em oposição ao ‘questionário’ (0,25) e à ‘leitura’ (0,27). Para a ‘escolaridade’, falantes com menos escolaridade, que chamamos de ‘escolaridade 1’, se mostraram mais favoráveis (0,64) do que os de ‘escolaridade 2’, que desfavoreceram a aplicação da regra (0,37). A ‘localização de moradia’ do falante só mostrou ter efeito para o ditongo /ow/, em que falantes de ‘bairros periféricos’, aqueles mais afastados e mais novos da cidade, apresentaram maior probabilidade de utilização da variante [o] (0,55) do que falantes de ‘bairros centrais’ (0,43). Quanto ao ‘sexo’, os homens também se mostraram mais favoráveis a utilizar a variante reduzida (0,55) do que as mulheres (0,42). Acerca da ‘faixa etária’, assim como nos resultados de /aj/ e /ej/, falantes mais jovens apresentaram maior tendência em utilizar a variante reduzida (0,55), e os mais velhos se mostram mais resistentes a isso (0,44).

Apenas a variável ‘posição na palavra’ não foi selecionada pelo programa estatístico como relevante para o uso da variante monotongada [o], já que a frequência de redução nas três posições controladas foi bem elevada.

De modo geral, o ‘contexto seguinte’ foi o condicionador linguístico que se mostrou mais relevante para o uso das variantes monotongadas de /aj/, /ej/ e /ow/, pois foi selecionado na análise dos três ditongos. Já o ‘tipo de coleta’ e a ‘escolaridade’ foram os condicionadores extralinguísticos mais significativos para as variantes reduzidas dos ditongos em estudo.

O terceiro objetivo consistia em investigar se as realizações dos ditongos analisados estavam sujeitas a alternâncias estilísticas. Para medir a variação estilística, controlamos a variável ‘tipo de coleta’ por meio da utilização de diferentes instrumentos de coleta de dados com graus de formalidades diferentes: entrevista, questionário fonético-fonológico e leitura de texto, que, conforme nossa escala de monitoração estilística, parte do menos formal e menos monitorado até o mais formal e mais monitorado.

Como já relatado, o ‘tipo de coleta’ foi selecionado como significativo para o uso das variantes reduzidas nos três ditongos analisados, o que mostra que as realizações dos ditongos /aj/, /ej/ e /ow/ estão sujeitas a alternâncias estilísticas de acordo com o grau de formalidade dos instrumentos de coleta de dados utilizados. O contexto da ‘entrevista’, considerado o menos formal de nossa escala estilística, apresentou maior favorecimento para o uso das variantes reduzidas com peso relativo 0,82 para [a] e 0,71 para [e] e [o]. Os contextos considerados mais formais apresentaram desfavorecimento para o uso das variantes reduzidas, em que o ‘questionário’ apresentou 0,22 para [a], 0,40 para [e] e 0,25 para [o]; e a ‘leitura’ apresentou 0,32 para [a], 0,35 para [e] e 0,27 para [o]. Os resultados indicam que há regularidades no uso das variantes reduzidas de acordo com o grau de formalidade dos instrumentos de coleta de dados utilizados, em que a entrevista apresentou favorecimento para o uso das variantes reduzidas, e o questionário e a leitura apresentaram desfavorecimento, o que significa que quanto menor o grau de formalidade de uma situação de fala, maior é a probabilidade de utilizar as variantes monotongadas.

O quarto objetivo definido foi estabelecer a norma de uso dos ditongos /aj/, /ej/ e /ow/ na comunidade de fala manauara, ou seja, identificar qual variante, a forma em que o ditongo é mantido [aj], [ej] e [ow], ou a forma em que o ditongo é reduzido [a], [e] e [o], é o padrão de uso.

Para essa questão, estabelecemos o uso corrente e a frequência de uso acima de 60% como critérios para determinar a norma de uso de cada ditongo. Para /aj/, a norma de uso da comunidade de fala manauara é a variante [aj], que obteve 81,7% de frequência, em oposição a variante [a], que ocorreu em apenas 18,3% dos dados e em contextos bem específicos. Para /ej/, a frequência de uso da variante [e] foi de 50,5% e da variante [ej] foi de 49,5%, ambas abaixo do critério definido, não tendo como estabelecer a norma de uso para /ej/, já que a frequência de uso das duas variantes foi bem próxima. Já para /ow/, a norma de uso é certamente a variante monotongada [o], que atingiu alta frequência de uso, com 65,4% das ocorrências, contra 34,6% da variante [ow].

Acerca das hipóteses gerais levantadas no início deste trabalho, esperávamos que a redução dos ditongos em estudo prevalecesse na comunidade de fala manauara, no entanto, isso só ocorreu com o ditongo /ej/, mas a variação do ditongo ficou próxima do ponto neutro, e com o ditongo /ow/. Para /aj/, a manutenção do ditongo foi predominante, principalmente por causa dos contextos de redução que são mais específicos do que os de /ej/ e /ow/. Acreditávamos também que os condicionadores linguísticos seriam os primeiros selecionados pelo programa estatístico e os mais relevantes para a monotongação dos ditongos investigados

por se tratar de um fenômeno fonético-fonológico. Para /aj/ e /ej/, essa hipótese foi validada, já que o ‘contexto seguinte’ foi selecionado como o condicionador mais expressivo para o uso das variantes monotongadas. Já para /ow/, isso não ocorreu, pois o primeiro grupo de fatores selecionado foi o ‘tipo de coleta’, embora os condicionadores linguísticos também tenham mostrado sua importância para o uso da variante [o]. Sobre os condicionadores extralinguísticos para o fenômeno da monotongação, que embora selecionados, imaginávamos que não teriam grande peso para a realização das variantes reduzidas, os resultados mostraram que os grupos de fatores extralinguísticos foram bem significativos para o fenômeno em estudo.

Com base nos resultados alcançados, e ainda considerando as dificuldades e limitações encontradas no decorrer da pesquisa – que dizem respeito principalmente à situação pandêmica vivenciada durante o desenvolvimento deste estudo, o que afetou a realização da pesquisa de campo e teve como consequência a exclusão de informantes da terceira faixa etária impossibilitando a verificação de possíveis indícios de mudança linguística, além de diminuir o número de informantes da amostra, comprometendo a sustentação de generalizações feitas com base nos resultados –, acreditamos que os objetivos estabelecidos neste trabalho foram alcançados e que este estudo permitirá uma maior compreensão das variedades regionais, sobretudo do falar manauara, contribuindo para a difusão dos estudos sobre o português falado no Amazonas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, M. P. do. Ditongos variáveis no sul do Brasil. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre. v. 40, nº 3, p. 101-116, setembro, 2005.
- BAGNO, M. **Dicionário crítico de sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BERLINCK, R. de. A.; BIAZOLLI, C. C.; BALSALOBRE, S. R. G. Gêneros do jornal e estilo: (re)visitando a variação linguística. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. de (org.). **Variação Estilística** – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Coleção Linguística. v. 3. Florianópolis: Insular, 2014.
- BISOL, L. (org.). **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- BRASIL. Ministério da Economia. **Superintendência da Zona Franca de Manaus**. Manaus: SUFRAMA, 2020. Disponível em: <http://site.suframa.gov.br/>. Acesso em: 02 abr. 2020.
- CAGLIARI, L. C. **Elementos de Fonética do Português Brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.
- CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CAMARA JÚNIOR, J. M. **Estrutura da língua Portuguesa**. [c1970]. 47. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015 [1970].
- CARDOSO, S. A. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARVALHO, S. C. de. **Estudo variável do apagamento dos ditongos decrescentes orais na fala de Recife**. 2007. 102 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- CAVALCANTI, M. C. **A pesquisa na sala de aula: metodologia de investigação científica e a formação do professor**. Belo Horizonte: PUCMINAS, 2000.
- CHAMBERS, J. K.; TRUGDILL, P. **La dialectología**. Tradução: Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994 [1980].
- COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2018.
- COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. de. Uma proposta metodológica para o tratamento da variação estilística em textos escritos. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. de (org.). **Variação Estilística** – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Coleção Linguística. v. 3. Florianópolis: Insular, 2014.
- COSERIU, E. **Sistema, norma e fala**. Comunicação enviada ao VI Congresso Internacional de Linguistas. Traduzido do italiano por J. H. de C. Coimbra: Almedina, 1960 [1952].

Disponível em: <http://www.romling.uni-tuebingen.de/coseriu/publi/coseriu26.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.

CRISTIANINI, A. C. **Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística - Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CRUZ, M. L. de C. **Atlas lingüístico do Amazonas**. 2004. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. 2 v. Vol I: 159 p. *mimeo*. Vol II: tomo 1: 110 p. *mimeo*; tomo 2: 260 mapas.

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

FIGUEIREDO, A. **História do Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 2011.

FREITAG, R. M. K. Dissecando a entrevista sociolinguística: estilo, sequência e tópico. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. de (org.). **Variação Estilística – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Coleção Linguística. v. 3. Florianópolis: Insular, 2014.

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. A variação estilística em entrevistas sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. de (org.). **Variação Estilística – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Coleção Linguística. v. 3. Florianópolis: Insular, 2014.

GUY, G. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. **Anais da Abralin**, 2001. Disponível em: https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2020/03/ABRALIN_26.pdf. Acesso em: 24 mar. 2020.

GUY, G.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HORA, D. da. Estilo: uma perspectiva variacionista. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. de (org.). **Variação Estilística – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Coleção Linguística. v. 3. Florianópolis: Insular, 2014.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Rio de Janeiro: IBGE, c2017a. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/manaus/panorama>. Acesso em: 01 abr. 2020.

IBGE. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias**. Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2017b. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100600.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2020.

JUSTINIANO, J. dos S. **Atlas lingüístico dos falares do alto rio Negro – ALFARiN**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LIMA, R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 52. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

LOPES, R. **A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA**. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, M. (org.). **Linguística da norma**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MANAUS. Lei Complementar nº 002, de 16 de janeiro de 2014. Plano Diretor Urbano e Ambiental do Município de Manaus. **Diário Oficial do Município de Manaus**, ano XV, ed. 3332, 16 jan. 2014. Disponível em: <https://implurb.manaus.am.gov.br/legislacao/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

MATTOS, G. **Fundamentos Históricos da Língua Portuguesa**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2012.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

PAIVA, M. da. C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

PONTES FILHO, R. P. **Estudos de História do Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 2000.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik**. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **GoldVarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANTOS, F. J. dos. **História do Amazonas**. 1. ed. Rio de Janeiro: MemVavMen, 2010.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro**. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, M. do P. S. C. da. **Interferência da fala na escrita de alunos do ensino médio: descrição e análise de usos de monotongação e de apagamento do [R] final**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

SILVA, T. C. **Dicionário de fonética e fonologia**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TAVARES, M. A. Variação estilística e gênero textual: o caso dos gêneros textuais [...]. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. de (org.). **Variação Estilística** – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Coleção Linguística. v. 3. Florianópolis: Insular, 2014.

VALLE, C. R. M.; GÖRSKI, E. M. Por um tratamento multidimensional da variação estilística na entrevista. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. de (org.). **Variação Estilística** – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Coleção Linguística. v. 3. Florianópolis: Insular, 2014.

VEADO, M. A. **Redução de ditongo – uma variável sociolingüística**. Ensaio de Lingüística, Belo Horizonte (MG), ano V, nº 9, pp. 209 –229, dez., 1983.

VIEIRA, S. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WEISS, H. E. **Fonética articulatória**: guia e exercícios. 2. ed. Série: Curso de Metodologia Linguística. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1980.

ANEXO A - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A MONOTONGAÇÃO DOS DITONGOS ORAIS DECRESCENTES NO FALAR MANAUARA

Pesquisador: GEISE FREITAS DE OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 33526920.8.0000.5020

Instituição Proponente: Faculdade de Letras -Flet

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.109.944

Apresentação do Projeto:

Resumo: Este trabalho tem como escopo principal analisar a ocorrência do fenômeno fonético-fonológico da monotongação dos ditongos orais decrescentes no falar manauara à luz da Sociolinguística Variacionista. Para isso, os seguintes objetivos específicos foram traçados: descrever como os ditongos orais decrescentes /aj/, /ej/ e /ow/ são realizados no falar manauara, com a sua manutenção ou com sua redução; identificar os condicionadores linguísticos e extralinguísticos (sociais e estilísticos) que podem estar influenciando na realização da variável desses ditongos; estabelecer a norma de uso para a comunidade linguística manauara. Esta é uma pesquisa sociolinguística na vertente variacionista (LABOV, 2008[1972]), sendo, portanto, de base empírica, em que os dados serão obtidos por meio de entrevista sociolinguística, aplicação de questionário fonético-fonológico e de leitura de textos. Para a análise quantitativa dos dados, e maior confiabilidade dos resultados, será utilizado o programa GoldVarb X de Sankoff, Tagliamonte e Smith (2005) para verificar a influência dos fatores linguísticos e sociais sobre o fenômeno pesquisado.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Analisar a ocorrência do fenômeno fonológico da monotongação dos ditongos orais decrescentes /aj/, /ej/ e /ow/ no falar manauara sob a perspectiva da sociolinguística

Endereço: Rua Teresina, 495

Bairro: Adrianópolis

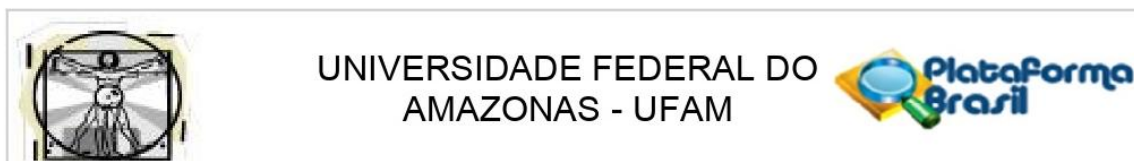
UF: AM

Telefone: (92)3305-1181

Município: MANAUS

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.109.944

variacionista (LABOV, 2008 [1972]).

Objetivo Secundário: Descrever as realizações fonéticas das variáveis /aj/, /ej/ e /ow/ na fala manauara, com a sua manutenção ou com sua redução; Identificar os condicionadores linguísticos e extralinguísticos (sociais e estilísticos) que podem estar influenciando as realizações das variáveis em estudo; Estabelecer a norma de uso para a comunidade linguística manauara.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Os riscos estão relacionados à exposição de informações fornecidas durante a coleta de dados, o possível constrangimento que toda entrevista e elicitación de dados pode causar, e possíveis alterações emocionais causadas por algum tópico abordado durante a entrevista e que sejam sensíveis ao participante. No entanto, trabalharemos para evitar qualquer constrangimento e exposição desnecessária.

Benefícios: Os benefícios resultantes da pesquisa são de cunho social e referem-se ao conhecimento das variedades linguísticas e o processo de variação na região, que contribuirão para o entendimento das variedades regionais e da norma linguística manauara, o que podem contribuir para evitar o preconceito linguístico.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

2 versão

Mestrado em letras

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

FOLHA DE ROSTO: Adequada

TERMO DE ANUÊNCIA: Adequado

PROJETO DE PESQUISA BÁSICO: Adequado

RISCOS: Adequado

BENEFÍCIOS: Adequado

TCLE: Adequado

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO: Adequado

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO: Adequado

INSTRUMENTOS DA PESQUISA: Adequado

CRONOGRAMA: Adequado

ORÇAMENTO: Adequado

CV LATTES: adequado

Endereço: Rua Teresina, 495

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Município: MANAUS

CEP: 69.057-070

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.109.944

Recomendações:

O pesquisador somente poderá iniciar a coleta de dados (pesquisa de campo), após análise e aprovação pelo CEP

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, somos de parecer pela APROVAÇÃO do referido Projeto, pois o pesquisador cumpriu integralmente com as determinações da Resolução 466/12.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1571863.pdf	18/06/2020 12:36:29		Aceito
Outros	InfoSolucoesPendencia.pdf	18/06/2020 12:28:52	GEISE FREITAS DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	08/06/2020 14:14:14	GEISE FREITAS DE OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDePesquisa_Geise.pdf	08/06/2020 14:13:57	GEISE FREITAS DE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto_Geise.pdf	08/06/2020 14:08:00	GEISE FREITAS DE OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 24 de Junho de 2020

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
 (Coordenador(a))

Endereço: Rua Teresina, 495

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com